

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LARISSA VASQUES TAVIRA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO E COMPORTAMENTO SUICIDA EM UMA
PÁGINA DO *FACEBOOK***

Brasília/DF

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

LARISSA VASQUES TAVIRA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO E COMPORTAMENTO SUICIDA EM UMA
PÁGINA DO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Tavares

Brasília/DF

2016

Nome: TAVIRA, Larissa Vasques

Título: Sofrimento Psíquico e Comportamento Suicida em uma Página do *Facebook*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Tavares
Universidade de Brasília

Prof. Dra. Tatiana Lionço
Universidade de Brasília

Dra. Beatriz Montenegro
Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal

Prof. Dra. Silvia Lordello
Universidade de Brasília

O SENTIDO DA VIDA

Há tempos humanos vinham se dilacerando em busca do famoso sentido da vida. Poucos notaram a ironia de vislumbrar a fama de um desconhecido. Tudo em vão. A eloquência de sábios profetas, a astúcia de poderosos governantes e a obstinada destreza dos acadêmicos: tudo em vão. Vastos tratados de grandes pensadores, tudo em vão. Apequenaram o sentir, colonizadores. Houve até quem pregasse que o sentido da vida é a morte. Se esta é a sorte ou revés da vida pouco importa. Podem desvendar muitas trilhas, estradas e rotas, em todas elas, a sina termina em morte. Perguntam-me se eu acredito em vida após a morte. Eu pouco elucubro sobre esse sentido. Na verdade, não faz sentido. Se a morte é o fim da vida, não entendo porque me perguntam se eu acredito em vida após o fim da vida.

Uma coisa é verdade: eu acredito em vida antes da morte. Essa é minha sorte. Tudo que me importa. O que eu penso ou acredito: tudo em vão para o sentido. Aliás, essa é uma palavra curiosa. O sentido tem tantos sentidos: o sentido no sentido significação; o sentido no sentido daquilo que se sente; o sentido no sentido de direção. Acho que estamos em busca do sentido do sentido do sentido. Deixe-me traduzir a repetição: parece que estamos tentando entender o significado do que sentimos ao longo da trajetória vital. Tanta repetição. Tem horas que essa atividade me parece ingênua, uma vez que há tantos significados e sentimentos, quanto venturas.

Esses dias descobri que a palavra ventura é sinônimo de destino. A liberdade é uma aventura, e eu odeio a predestinação. Talvez sejamos todos artesãos do sentido da vida. Podemos a todo instante esculpir palavras. E assim vislumbrar em cada sulco a vereda de um fado com ou sem propósitos. Podemos encobrir os rumos do destino, forjando em cada fresta a fortuna do devir. Talvez nos caiba moldar desígnios de um percalço, talhar o curso do acaso. Na sina de um caminho sem roteiro, podemos estampar a sorte de cada paradeiro. Talvez um dia eu vá para sempre. Talvez não, com certeza: verbo ir. Eu hei de ir. Todos vão. Tudo em vão, menos a obra do artesão.

Larissa Vasques Tavira

APRESENTAÇÃO

É impossível desvincular meu interesse acadêmico pela temática do suicídio de minha trajetória de vida. Tomada pelo reconhecimento de que o pessoal é também político, assumo o espaço desta seção para estabelecer, em primeira pessoa, meu lugar fala, de alguém que teve a adolescência marcada por ideações e tentativas de suicídio. Antes de entrar na graduação em Psicologia, na Universidade de Brasília (UnB), passei por uma experiência que considerava bastante atípica: após tentar suicídio e ser hospitalizada, fiquei internada por dois meses em uma clínica psiquiátrica. Por mais dolorosa que tenha sido essa experiência, hoje compreendo o quanto fora divisora de águas em minha vida. Com ironia, assumo que não fora a vivência de internação em si que me impeliu a buscar e aderir de forma séria aos tratamentos que me foram ofertados. Interagir com pessoas cronicamente adoecidas e com longos históricos de internação foi o que mais me marcou. Ao receber alta da clínica, sob efeito do estigma associado à esta experiência profundamente constrangedora e dolorosa, prometi a mim mesma que nunca mais retornaria aquele lugar.

Tive o privilégio de receber todo apoio emocional de amigos e familiares, certamente reconheço que isso foi fundamental. Contudo, vislumbro que fora, sobretudo, o acesso à profissionais competentes e éticos que me permitiu reelaborar experiências outrora associadas ao desejo de acabar com tudo. O curso de Psicologia e o envolvimento com professores inspiradores também foram preciosos em meu processo de desenvolvimento pessoal. Hoje, passados 10 anos desta vivência, tenho orgulho de me ver do outro lado, atuando como psicóloga com foco na área de Intervenção em Crises Suicidas.

Durantes alguns anos, especialmente no início da graduação, a experiência de internação ainda me aterrorizava. Eu era atravessada por fantasias de que meu histórico pessoal depunha contra uma imagem idealizada de psicólogo que carregava. Esse fantasma, contudo, não me inibiu de academicamente me aproximar do tema suicídio. Em 2011, após cursar a disciplina de Intervenção em Crise, cujo foco era a prevenção do suicídio, engajei-me em atividades diretamente associadas ao tema, como pesquisas e estágios. Enquanto estagiária, trabalhei por dois anos em um hospital atendendo pessoas que tentaram suicídio. Durante o meu primeiro atendimento, ainda muito ansiosa, lancei mão de um acolhimento e uma escuta que se assemelhavam mais ao que eu mesma havia recebido do que o que vinha estudando por tanto tempo. Eu nunca vou esquecer a frase do Jung que havia colada nesta sala: “Conheça todas as teorias, domine

todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana”. Foi nesse dia que, emocionadamente, percebi que o que um dia fora peso se transformou em bagagem.

Após o estágio, entrei para o Núcleo de Intervenção em Crise e Prevenção do Suicídio (NICPS/UnB) coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Tavares. Junto à uma equipe, realizei uma pesquisa sobre a avaliação do perfil de 42 pacientes que haviam dado entrada em um hospital por tentativa de suicídio. Em 2015, este trabalho¹ fora apresentado no 28º Congresso da Associação Internacional de Prevenção ao Suicídio (*International Association for Suicide Prevention*), realizado em Montréal, Canadá.

Em 2014, passei para o mestrado junto ao programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da UnB (PPG-PsiCC). Desde o início meu tema de mestrado envolvia a prevenção do suicídio em adolescentes. Entre 2015 e 2016, durante a realização de uma pesquisa em uma instituição de saúde mental voltada ao atendimento de adolescentes, deparei-me com dois casos intrigantes. Jovens entre 15 e 16 anos apresentavam comportamento suicida de risco e a família somente se atentou para a gravidade dos casos por meio de postagens no *Facebook*. A partir de então comecei a pensar sobre a relação entre o uso da Internet e o sofrimento psíquico, a associação entre esse uso e a incidência de comportamentos suicidas, em especial no público juvenil, que têm entrado em contato com a *web* cada vez mais cedo e de forma mais intensa.

¹ Tavares, M.; Tavira, L.; Dutra, W.; et al. (2015). *Suicide Prevention of Medically Serious Suicide Attempts*. Conference presented at the Effective Prevention Programmes Session in the 28th World Congress of the International Association for Suicide Prevention (IASP), Montréal, Canadá. (Disponível em: <http://crise.ca/iasp2015/default_1098.html>)

RESUMO

A difusão das Redes Sociais tem reconfigurado dinâmicas de interação e práticas de comunicação de todos que têm acesso à Internet, em especial crianças e adolescentes que têm entrado em contato com a *web* cada vez mais cedo e de forma mais intensa. Infelizmente, o acesso à rede pode vir acompanhado de diversas situações de risco para a saúde mental. O presente trabalho avaliou o sofrimento psíquico e o comportamento suicida expresso em uma página do *Facebook*. Esta pesquisa tinha como objetivo identificar e analisar os elementos das interações virtuais que podem estar associados ao risco de suicídio. Por meio da análise hermenêutica e de conteúdo, foram avaliadas 198 postagens e 12136 interações virtuais. Identificou-se que o público interativo da *fanpage* é constituído, sobretudo, por adolescentes e jovens do sexo feminino. Ademais, constatou-se que os conteúdos publicados fazem referência, principalmente, a questões que atravessam o universo de constituição simbólica da feminilidade em nossa cultura. Os resultados indicaram manifestações sintomáticas que apontam para estados depressivos. Como fontes de sofrimento, prevaleceram afetos negativos associados a traços de caráter relacional: contextos de abandono, frustração nos relacionamentos interpessoais e preocupações com a imagem corporal. Por meio da análise das interações virtuais estabelecidas, reconheceu-se não apenas o potencial de difusão dos conteúdos publicados, como seu papel no reforço e influência de comportamentos disfuncionais e mal adaptativos. O tipo de conteúdo identificado na *fanpage* indica que publicações nas redes sociais podem servir como indicadores úteis para o rastreamento de indivíduos suicidas.

Palavras-chave: Adolescência; Comportamento Suicida; Suicídio; Internet; Redes Sociais;

ABSTRACT

The spread of Social Medias has reshaped the dynamics of interaction and communication practices of all those who have access to Internet, especially children and adolescents whom have contact with the *web* increasingly earlier and more intensely. Unfortunately, the *web* access can involve multiple risk situations for mental health. The present study examined the psychological suffering and suicidal behavior expressed in a *Facebook* page. This research aimed to identify and analyze the elements of virtual interactions that may be associated with the suicide risk. Through hermeneutics and content analysis, it was evaluated 198 posts and 12,136 virtual interactions. It was identified that the interactive public of the *fanpage* consists, mostly, in adolescents and youths of the female gender. Furthermore, it was found that the content published refer mainly to issues that cross the universe of symbolic constitution of femininity in our culture. The results indicated symptomatic manifestations related to depressive states. As sources of suffering, negative affects associated with relational character traits prevailed: abandonment contexts, frustration in interpersonal relationships and body image concerns. Through the analysis of virtual interactions established, not only was recognized the potential for dissemination of published content, but also their role in strengthening and influence of dysfunctional and maladaptive behaviors. The type of content identified in the fanpage indicates that publications on Social Medias can serve as useful indicators for tracking suicidal individuals.

Keywords: Adolescence; Suicide Behavior; Suicide; Internet; Social Medias;

SUMÁRIO

CRISE E ADOLESCÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE	11
Adolescência: Um Constructo em Devir	12
O Surgimento da Adolescência	12
O Conceito de Adolescência	15
Adolescência: Devir do Constructo.....	16
A Adolescência à partir dos Estudos Geracionais.....	19
A Dimensão Analítica dos Estudos Geracionais	19
Uma Breve História da Adolescência ao longo dos Séculos XX e XXI.....	21
Considerações Finais sobre os Estudos Geracionais.....	28
SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ERA DIGITAL.....	30
Internet e Saúde Mental	31
Uma Breve História da Internet.....	31
Usos da Internet: das Redes Sociais à Cibercultura	33
Saúde Mental na Cibercultura	35
Internet e Suicídio Juvenil.....	40
Uso da Internet por Adolescentes	40
O papel da Internet no Comportamento Suicida	41
Considerações Finais sobre Internet e Suicídio Juvenil	44
MÉTODO DE PESQUISA.....	45
Justificativa do Projeto	45
Objetivos	47
Análise de Mensagens Suicidas	48
Análise de Conversações Mediadas pelo uso do Computador.....	49
Estrutura das Publicações de uma Página no <i>Facebook</i>	50
Procedimentos Metodológicos	53
Etapas de Pesquisa.....	54
Sistematização dos Dados	55
RESULTADOS	57
Descrição da Página	57
Público Interativo	58
Estrutura dos Conteúdos.....	59
Interações Virtuais.....	61

Categorias de Análise: Sentidos nas Publicações	63
DISCUSSÃO	79
Estrutura da <i>Fanpage</i>	79
Interações Virtuais	80
Categorias de Análise: Sentidos nas Publicações	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXO I	121
ANEXO II	160
ANEXO III	166

CRISE E ADOLESCÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

Para todos nós, em algum momento, nossa existência se revela como alguma coisa de particular, intransferível e preciosa. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós. Entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimo-nos sós. Mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra com o ser. E ao pasmo segue-se a reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser, mera sensação na criança, transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquisidora.

Octavio Paz - O Labirinto da Solidão e Post Scriptum

Adolescência: Um Constructo em Devir

O presente capítulo traz à tona considerações históricas acerca da adolescência. São apresentados, assim, os modos como a compreensão desta fase de vida foram sendo elaborados e transformados ao longo da história ocidental. No século XX, a adolescência adquiriu um sentido em si mesma, de modo que esta não pode mais ser encarada somente como fase de preparação para vida adulta. Com isso, propõe-se que adolescência seja concebida como um constructo em devir.

O Surgimento da Adolescência

A complexidade de se refletir sobre a adolescência envolve reconhecê-la enquanto um constructo sociológico carregado de elementos historiográficos, pois a atual concepção desta como período distinto do desenvolvimento humano apresenta raízes bastante modernas. Não é possível compreender a adolescência simplesmente colocando-a em evidência ou buscando definições válidas pertinentes a todos os momentos históricos (Frota, 2007). Faz-se emergente, portanto, a necessidade de se buscar compreensões sobre a adolescência a partir de sua historicidade.

Adolescência é um termo que vem do latim, *adolescens* – particípio passado do verbo *adolescere*, que significa desenvolver-se, crescer. A origem etimológica dessa palavra é bastante próxima de outro vocábulo latino, *adulescere*, que significa adoecer (Machado, 1987). Para Ferraz e Matheus (2007), a aproximação entre esses dois sentidos é sugestiva e fornece indícios para uma melhor compreensão da dimensão de ‘crise’ que ficou associada à adolescência a partir da modernidade.

O uso dos termos ‘adolescência’ ou ‘adolescente’ não são recentes, pois existem referências a esses vocábulos nas produções literárias da Antiguidade e Idade Média (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silveira, 2010). O mesmo pode ser dito em relação a palavra ‘juventude’, termo que fora historicamente muito mais usado do que adolescência² (Ariès, 2011). Além disso, as semelhanças das palavras adolescência e juventude em diferentes línguas³ indica a proximidade de uso desses termos no senso comum (Ferraz & Matheus, 2007).

² De um modo geral, na literatura não-especializada, é comum que adolescência faça referência imediata à idade ou período de puberdade, enquanto juventude adquire um sentido mais amplo (Ferraz & Matheus, 2007).

³ A palavra adolescência em português é bastante semelhante gramaticalmente de suas versões em inglês, francês e espanhol: *adolescense*, *adolescense* e *adolescencia*, respectivamente. Distingue-se deste conjunto de aparente homogeneidade o termo inglês *teenager*, que está diretamente associado à faixa-etária de 13-19 anos, vocábulo

A ocorrência de uso dos vocábulos adolescência e juventude em diferentes períodos históricos e a semelhança gramatical em diferentes línguas não fornecem, contudo, indícios de significados equivalentes. Pelo contrário, Levi e Schmidt (1996) reconhecem na falta de homogeneidade do vocabulário e em seus deslizamentos semânticos, evidências de transformações históricas nos sentidos que podem ser conferidos à adolescência.

Para muitos autores, a multiplicidade de definições e concepções que vem sendo esboçadas acerca da adolescência refletem seu caráter multifário e multideterminado (Ariès, 2011; Ferraz & Matheus, 2007; Frota, 2007; Levi & Schmidt, 1996). Nesse sentido, compreende-se que a adolescência deve ser vista como um fato social, uma vez que o modo como cada sociedade lida com seus jovens abarca processos de subjetivação marcados material e simbolicamente por cada contexto histórico, social, cultural, político, econômico, etc. (Coutinho, 2009).

Na obra *História Social da Criança e da Família*, o historiador medievalista Philippe Ariès traz à tona relatos cronológicos e historiográficos do Ocidente, detalhando as transformações das chamadas idades da vida no decorrer dos séculos (Ariès, 2011). Para ele, a juventude se separou da adolescência somente no início do século XX. Neste período, a adolescência se tornou um ideal, o principal objeto de desejo, tanto dos mais jovens quanto dos mais velhos. O historiador reconhece o século XX como sendo o século da adolescência, vislumbrando que “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela mais cedo e nela permanecer por muito tempo” (Ariès, 2011, p. 15).

Coutinho (2009) entende que o século XX fora o momento em que a cultura ocidental, motivada pela ética individualista romântica, passou a conceber a existência de um período particular da vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta. Esta autora acrescenta o fato de que em outras épocas não era fornecido um tratamento social diferenciado aos adolescentes, como acontece hoje.

A construção social da adolescência na família moderna apenas faz sentido quando se compreende o ideal individualista dessa era. Nesse ideal, tem-se a noção de que cada sujeito é livre para construir sua trajetória de modo singular. O ideal individualista e a adolescência, como se conhece hoje, são resultantes de uma série de transformações sociopolíticas e econômicas que a civilização ocidental experimentou ao longo dos últimos dois séculos (Abramo & Branco, 2005; Coutinho, 2009; Levi & Schmidt, 1996).

que ganhou mais destaque na literatura não-especializada. O mesmo fenômeno ocorre em relação a palavra juventude em português, bastante semelhante com suas versões nas mesmas línguas supracitadas, respectivamente: *youthness*, *jeunesse* e *juventud* (Ferraz & Matheus, 2007).

O período que compreende a passagem dos séculos XVIII e XIX fora marcado pelo fortalecimento dos Estados Nacionais; pela redefinição dos papéis sociais desempenhados por mulheres e crianças; pelo avanço acelerado da industrialização e da técnica; e pela organização institucional dos trabalhadores. Assim, ao longo da Idade Moderna, foram criados novos papéis para o Estado, que passou a interferir de modo mais frequente e direto no espaço social, na vida privada, nas formas de agir na comunidade, na família, nos contextos religiosos e educacionais⁴ (Ariès, 2011; Foucault, 2003).

As transformações suscitadas ao longo dos séculos XVIII e XIX inspiraram a necessidade de se proteger crianças e jovens, sobretudo no que se refere à manutenção dos padrões de moralidade. A escola passou a ser uma instituição central e essencial da sociedade, sendo papel do Estado garantir o acesso à educação. Nesse contexto, o processo de escolarização se prolongou na vida dos indivíduos urbanos, indo na atualidade, muitas vezes, da infância à idade adulta. Com o prolongamento da escolarização e introdução no sistema de ensino segmentado, como das Universidades e Escolas Técnicas, também fora adiado o casamento (Ariès, 2011; Foucault, 2003).

As mudanças supracitadas fizeram com que o período de dependência dos filhos em relação aos pais aumentasse, pois estendeu-se o prazo entre a puberdade e a entrada no mercado de trabalho e/ou casamento, marcadores simbólicos e materiais da vida adulta no Ocidente (Galland, 2007). Essa lacuna temporal, desse jovem que não é mais criança, mas também não assumiu ainda papéis de adulto, fez emergir sentimentos típicos do que conhecemos hoje por adolescência (Abramo & Branco, 2005; Coutinho, 2009). Nesse sentido, para alguns autores, a denominação de adolescência compreende uma invenção cultural, ou mesmo um luxo de sociedades e grupos sociais mais desenvolvidos, uma vez que está profundamente associada à democratização da educação, ao surgimento de leis trabalhistas e ao desenvolvimento tecnológico (Rappaport, 1982; Gallantin, 1978; citados por Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silves, 2010).

⁴ Sob a denominação de Sociedade Disciplinar, Foucault (2003) reconhece que toda a vida dos indivíduos urbanos passa a ser pautada dentro de espaços institucionais, com ênfase maior nos aspectos de instrução e educação: nascemos em hospitais; somos socializados ao longo do desenvolvimento em instituições educacionais e religiosas; nos casamos na igreja ou no civil sob a tutela do Estado; os trabalhos formais dão-se em espaços institucionalizados; além disso, prisões e manicômios se destinam à correção dos indivíduos desviantes.

O Conceito de Adolescência

Num primeiro momento, a visão biomédica fora predominante nas concepções sobre a adolescência. Em 1904, uma publicação do psicólogo americano Stanley Hall⁵ fora bastante precisa, no sentido de apontar a adolescência como um período de vida marcado pelo tempo: esta era medida em anos, compreendendo a passagem da puberdade até a soldadura das cartilagens e epifisárias, algo que se dá, em média, dos 12 aos 18 anos (Schultz, 1981). Com sua publicação, Hall legitimou a importância de se reconhecer que a adolescência é uma etapa que requer atenção especializada, inaugurando o estudo científico do que passou a ser compreendido oficialmente como um estágio do desenvolvimento (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silveiras, 2010).

Em 1904, Hall já reconhecia a adolescência como um período que envolvia emotividade e estresse aumentados, concebendo esta como uma fase de intensas turbulências psíquicas. Alguns anos mais tarde, nesse sentido, fora sugerida a existência de uma *Síndrome da Adolescência Normal*, que concebia que diversos comportamentos, considerados patológicos ou atípicos em outros estágios do desenvolvimento, poderiam ser vistos como normais ou esperados na adolescência (Aberastury, 1980).

Alguns autores mais recentes apontam que a adolescência começa na biologia e termina na cultura, fenômeno que poderia ser evidenciado pelo fato de que, em outras sociedades mais simples, essa fase pode ser vivida de modo mais breve (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995; Traverso-Yepez & Pinheiro, 2002). O uso das palavras biologia e cultura na sentença supracitada parece fazer referência à puberdade e adolescência, respectivamente. Atualmente, há uma distinção conceitual entre esses termos. A puberdade compreende mudanças orgânicas que apontam para a maturação biológica adulta, envolvendo o crescimento físico e alterações hormonais que promovem o dimorfismo sexual e a capacidade reprodutiva. Embora a adolescência seja influenciada pelas manifestações da puberdade, seu início não necessariamente coincide com esta. Enquanto processo psicossocial, a adolescência envolve uma adaptação a transformações corporais, psicológicas e ambientais (Ferraz & Matheus, 2007).

Embora as transformações fisiológicas da puberdade estejam estreitamente vinculadas à idade e à biologia, essas são alterações que não contemplam a totalidade de experiências vivenciadas pelos adolescentes. Dentre as tarefas evolutivas que compreendem o processo de

⁵ Granville Stanley Hall (1844-1924) publicou em 1904, em dois volumes, a obra *Adolescence: Its Psychology and Its Relation to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education* (Adolescência: sua psicologia e relação com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação), trazendo à tona uma descrição detalhada de características consideradas próprias desta fase (Schultz, 1981).

adolescer, destacam-se: aceitação do próprio corpo e da sexualidade; o estabelecimento de relações interpessoais mais maduras com os próprios pares e adultos; o desenvolvimento e a consolidação dos papéis sociais de gênero; a preparação para independência financeira e emocional dos pais ou responsáveis; a preparação para o matrimônio; a escolha e preparação profissional; a conquista de uma identidade coerente e estável à longo prazo; a consolidação de uma filosofia de vida, com valores que servem como parâmetro moral e guia de condutas (Frota, 2007; Ozella, 2003; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2010).

Contardo Calligaris, psicanalista italiano, numa crítica à visão biomédica que perdurou ao longo do século XX, aponta que a adolescência é um mito que fora inventado há pouco mais de 100 anos, e que se tornou emergente após a Segunda Guerra Mundial. A concepção mítica que este autor faz referência dá-se pelo equívoco de se pensar a adolescência como um dado natural, que prescreve normas de funcionamento ou regras de expressão pautadas pela puberdade (Calligaris, 2000).

Diante das problematizações supracitadas, torna-se pertinente, portanto, pensar a adolescência como algo que vai além da idade cronológica, da puberdade e maturação sexual, dos ritos de passagem socialmente estabelecidos, ou mesmo de quaisquer elementos que possam ser determinados de modo apriorístico. Desse modo, urge a necessidade, nas ciências humanas e da saúde, de se buscar uma concepção abrangente para adolescência, que vá além dos vieses deterministas e de naturalização.

Adolescência: Devir do Constructo

O breve apanhado histórico e de reflexões conceituais aqui empreendido, distante de encerrar verdades sobre o tema, visou, sobretudo, suscitar elementos críticos que evidenciassem o caráter multifário e multideterminado do que pode ser concebido como adolescência. As análises historiográficas aqui expostas revelaram que o que os ocidentais conhecem atualmente por adolescência é algo bastante recente em nossa experiência civilizatória, fenômeno advindo do último século. A adolescência, além de ser um período de vida que se desvelou após profundas transformações socioeconômicas dos últimos séculos, ao longo do século XX, constituiu-se como uma experiência, ou etapa do desenvolvimento, que foi constantemente revisitada e transformada, estabelecendo-se, assim, como um constructo que nunca foi estático.

Ao longo do século XX, o processo civilizatório do Ocidente estendeu o período da adolescência, ampliando com isso também os elementos constitutivos da experiência juvenil (Abramo & Branco, 2005). Nesse sentido, adolescência não pode mais ser encarada meramente

como uma fase de preparação para vida adulta, pois esta passou a adquirir um sentido em si mesma (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silvares, 2010). Desse modo, propõe-se que a adolescência seja concebida como um constructo em devir, uma vivência que é constantemente construída, exercitada e reformulada dentro de condições materiais e simbólicas promovidas por cada tempo histórico, em cada sociedade.

A questão do devir está na base do que constitui a percepção de mudança (Miranda Junior, 2010). A adolescência pode ser vista como um constructo em devir pois: emergiu após profundas transformações; simboliza um período de transformação – da infância à idade adulta; e tem sido constantemente transformada ao longo tempo. Portanto, o devir nesta reflexão impõe-se como uma coisa que vai além da questão do que fundamenta a adolescência, pois desvela as ambivalências em torno do que é primordial e persiste – adolescência enquanto categoria universal, e daquilo que é derivado e transitório – adolescência enquanto performance vivencial marcada por inserções sócio-histórico-culturais.

Para Deleuze e Guattari, o devir se tornou constituinte de todo pensar contemporâneo, assim, estes filósofos acrescentam que:

Quando Foucault admira Kant por ter colocado o problema da filosofia não remetendo ao eterno, mas remetendo ao Agora, ele quer dizer que a filosofia não tem como objeto contemplar o eterno, nem refletir a história, mas diagnosticar nossos devires atuais: um devir-revolucionário que, segundo o próprio Kant, não se confunde com o passado, o presente nem o porvir das revoluções (Deleuze & Guattari, 1992, p. 144).

A partir do devir, entende-se que toda realidade se perfaz em torno de uma zona de indiscernibilidade, de modo que as definições sobre os termos de uma relação se constituem pela própria relação que une esses termos, numa complexidade que envolve dinamismo e reciprocidade (Miranda Junior, 2010). A compreensão da adolescência como um constructo em devir, nos convoca, assim, para a responsabilidade humana em torno das construções do real e da valorização da alteridade nos processos de descontinuidade, pois: “Diagnosticar os devires, em cada presente que passa, é o que Nietzsche atribuía ao filósofo como médico, ‘médico da civilização’ ou inventor de novos modos de existência imanentes.” (Deleuze & Guattari, 1992, pp. 144-145).

Diante do exposto, reconhece-se que a complexidade analítica da adolescência demanda dos pesquisadores uma extensa e contínua tarefa de atualização, para que sejam propostas reflexões sempre fidedignas à cada contexto. Entender a adolescência sob o prisma aqui proposto inclui reconhecer a influência de dimensões identitárias estruturantes, das necessidades socioeconômicas e dos processos de subjetivação de diferentes segmentos sociais em cada tempo

histórico; a fim de que se possa falar de adolescentes reais, que pertencem à uma determinada comunidade e que apresentam práticas e vivências concretas (Martins, Trindade & Almeida, 2003).

Ainda que se seja proposta categórica e teoricamente a universalidade do período da adolescência, constata-se, na prática, que cada vivência depende de uma inserção histórico-cultural específica, que determina diferenciados processos de subjetivação. A partir da questão proposta por Deleuze e Guattari (1992, p. 145), “Que devires nos atravessam hoje, que recaem na história, mas que dela não provêm, ou antes, que só vêm dela para dela sair? ”, questionamos: Que elementos históricos e de socialização determinam as vias privilegiadas de subjetivação da adolescência que se desvela no século XXI?

A Adolescência a partir dos Estudos Geracionais

A seguir apresenta-se a relevância de se analisar a adolescência a partir dos estudos geracionais. São abordadas, primeiramente, as razões pelas quais as gerações constituem uma dimensão analítica útil para reflexões sobre adolescência no campo das ciências sociais. Posteriormente, são apresentadas características das Gerações *Baby Boomers*, X, Y e Z. Por fim, discute-se como o reconhecimento das peculiaridades de cada geração, das heranças e rupturas no que é transmitido entre as gerações, pode oferecer recursos valiosos para a compreensão das vias privilegiadas de subjetivação da adolescência que se desvela no início do século XXI.

A Dimensão Analítica dos Estudos Geracionais

A complexidade em torno da adolescência exige que sejam considerados tanto elementos conceituais e de definição, quanto fatores sócio-histórico-culturais na análise dessa população. Nesse sentido, diversos autores apontam a riqueza dos estudos geracionais para se pensar historicamente a adolescência (Abramo, León & Freitas, 2005; Jorgensen, 2003; Kliksberg, 2006; Mannheim, 1982; Tomizaki, 2010). De maneira geral, compreende-se como uma geração, o conjunto de pessoas que, por haverem nascido em datas próximas e recebido educação e influência socioculturais semelhantes, comportam-se de maneira afim ou comparável em alguns sentidos (Ghiardo, 2004).

Abramo, León e Freitas (2005) argumentam sobre a pertinência de se abordar as gerações nas análises em torno da adolescência, uma vez que este constructo favorece a delimitação de regularidades em torno de um estilo de vida: modos de funcionamento cognitivo, elementos formais, estruturais, instrumentais, vivenciais e subjetivos que diferenciam um grupo social de outro e ao mesmo tempo permitem a identificação e o agrupamento de sujeitos semelhantes. O fato de uma geração compreender vias privilegiadas de subjetivação que são socialmente produzidas, não quer dizer, contudo, que estas constituem um grupo social concreto (Mannheim, 1982).

A formação ou identificação de uma geração não está, necessariamente, relacionada ao tempo cronológico do nascimento e nem tampouco requer que haja um padrão temporal fixo, como se compreendia, por exemplo, no período feudal (Mannheim, 1993). O que se toma como base neste trabalho é a compreensão de que as gerações compõem e formam produtos materiais e simbólicos específicos, que pela ação dos tempos históricos e biográficos, podem promover transformações sociais, assim como podem ser resultantes de produtos das gerações anteriores (Rocha-de-Oliveira, Piccinini & Bitencourt, 2012).

As gerações são dimensões analíticas importantes tanto para o entendimento das maneiras de pensar e agir de uma época, quanto para a compreensão dinâmica das transformações sociais. Em termos de tempo cronológico, para que a situação definida pelo nascimento de um grupo de pessoas possa se converter em uma questão de pertinência sociológica, é necessário que o eixo de análise tome como base um mesmo quadro de vida (Mannheim, 1982; 1993). Nesse sentido, o marco cronológico é apenas um ponto referencial, pois toda análise geracional deve levar em conta fatos sócio-histórico-culturais marcantes de uma época e região (Jorgensen, 2003).

Para Noble e Schewe (2003), o conceito de geração apenas adquire sentido quando se toma como parâmetro as *coortes* históricas e memórias coletivas. O conceito de *coorte* histórica compreende que pessoas vivenciando um mesmo período histórico estão mais suscetíveis a formar e assimilar valores semelhantes, pois os sujeitos com faixas-etárias próximas tendem a compartilhar memórias similares acerca dos fatores estruturais que marcaram um período. Assim, determinados eventos históricos são tomados como demarcadores de corte e rompimento de um processo sociocultural (Tomizaki, 2010).

Grandes eventos, que incluem guerras, crises econômicas, transformações sócio-políticas, catástrofes naturais, além do progresso científico e tecnológico, são elementos que servem como base para se pensar numa *coorte* histórica, pois formam uma noção de antes e depois na vida social (Rocha-de-Oliveira, Piccinini & Bitencourt, 2012). Esses fatores mantêm historicamente algum modo de coesão social. Na medida em que surgem novos elementos transformadores, alteram-se também as vias privilegiadas de subjetivação de uma nova geração (Noble & Schewe, 2003; Tomizaki, 2010). Aqui, compreende-se que a maneira como um indivíduo interage consigo mesmo e com o mundo, e os valores básicos que guiam o modo como são estruturados seus relacionamentos interpessoais, são elementos que permanecem de modo estrutural ao longo das diferentes fases da vida (Mannheim, 1982; 1993; Rocha-de-Oliveira, Piccinini & Bitencourt, 2012).

Segundo Coimbra e Schikmann (2001), até os anos 1960, compreendia-se que a diferença entre as gerações era pautada, especialmente, por mudanças de valores compartilhados intersubjetivamente. Estes autores arriscam afirmar que, na atualidade, a diferença entre gerações deve ser atribuída, sobretudo, aos avanços tecnológicos. Nesse sentido, seria praticamente impossível pensar a adolescência no século XXI sem se levar em consideração a influência das mediações tecnológicas no cotidiano da vida urbana (Ceretta, & Froemming, 2011; Rifkin, 2001; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011). Buscar compreender as vias privilegiadas de

subjetivação da atual geração de adolescentes é uma tarefa complexa, pois demanda que os pesquisadores contemplem, dentre outros elementos, processos de ruptura e continuidade entre as gerações.

Uma Breve História da Adolescência ao longo dos Séculos XX e XXI

Nesta seção serão apresentadas, de um ponto de vista sociológico, as principais características das gerações mais atuais, juntamente com os elementos sócio-histórico-culturais que as marcaram. A despeito de existirem variações nas datas propostas por diversos autores, pode-se considerar por *Baby Boomers* a geração de pessoas nascidas entre os anos de 1948 e 1963; Geração X, entre 1964 e 1977; Geração Y, entre 1978 e 1994; e Geração Z, ou *Millenium*, aquelas que nasceram de 1995 aos dias atuais (Ceretta, & Froemming, 2011; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

Baby Boomers

Nos estudos geracionais, compreende-se por *Baby Boomers* a geração de pessoas nascidas poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma vez que esses anos observaram uma explosão populacional. Essa geração compreende pessoas que vivenciaram a adolescência ao longo das décadas de 1960 e 1970. Os *Baby Boomers*, ao vivenciarem o pós-guerra, presenciaram, com isso, um período de crescimento econômico e a ascensão das lutas por igualdade dos movimentos sociais e feministas, idealizando, desse modo, atuar na construção de um novo mundo (Jorgensen, 2003; Roof, 1993).

De modo geral, pesquisadores da área reconhecem que esta geração foi educada com rigidez, regras padronizadas em torno da disciplina e da obediência, qualidades que não foram tão apreciadas pelas gerações posteriores. Mesmo diante desta educação disciplinar, os *Baby Boomers* apresentavam tendências à rebeldia, expressas, sobretudo, no estilo musical emergente do *Rock'n'Roll* e nos movimentos sociais da época, que assumiam uma postura transgressora ao entoarem o famoso jargão de que “é proibido proibir”⁶ (Oliveira, 2009; Roof, 1993; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

A concepção de que a transição da infância à idade adulta dá-se num processo de ‘crise adolescente’ é um produto típico da civilização moderna. Essa perspectiva de crise da adolescência se consolidou, sobretudo, após o período libertário dos anos 1960, que instalou o conflito

⁶ No Brasil, a luta desses movimentos esteve direcionada ativamente contra a ditadura militar (Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

de gerações. O ideal romântico e individualista dessa época, trouxe à tona o ensejo que o adolescente poderia buscar suas próprias referências, de modo que pudesse marcar, com isso, sua singularidade em relação à família (Coutinho, 2009).

Baby Boomers compreende um conjunto de pessoas que não se coloca de modo tão questionador como as gerações que a sucederam, mas que são otimistas, motivadas, *workaholics*⁷ e cuja principal preocupação e foco dá-se na busca pela estabilidade financeira e laboral (Conger, 1998; Oliveira, 2009). Kanaame (1999) reconhece que é neste período que a questão profissional assume a representação maior de afirmação identitária. Esta representação perdura nos dias atuais e têm desafiado profissionais da saúde, uma vez que, esta geração está saindo do mercado de trabalho e tem apresentado vivências de crise profundas com a perspectiva de aposentadoria (Costa & Soares, 2009).

Geração X

A Geração X compreende pessoas nascidas entre os anos de 1964 e 1977. Esta é uma geração que presenciou, durante a adolescência e juventude: a Guerra Fria e a queda do muro de Berlim; manifestações revolucionárias de contracultura, luta política e reivindicações por direitos iguais; a expansão tecnológica no mercado de consumo; a popularização do rádio e da televisão; mudanças de valores promovidos pela difusão da pílula anticoncepcional, legalização do divórcio e disseminação da AIDS – contexto referente à maioria dos países ocidentais (Conger, 1998; Raines, 2000; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

Para os pesquisadores da área, em função das inúmeras transformações vivenciadas ao longo das décadas de 1960 e 1970, a Geração X tem como características marcantes o ideal individualista e o senso de liberdade: em torno das possibilidades de escolha entre casamento e divórcio; dos parceiros sexuais; das carreiras profissionais e do estilo de vida (Engelmann, 2009; Oliveira, 2009).

O casamento deixou de ser uma condição perpétua e a conquista de direitos para as mulheres promoveu maior inserção destas no mercado de trabalho. Com a explosão de filhos de pais separados e de mães que trabalham fora, foram promovidas quebras de padrões e valores morais (Lombardia, 2008; Oliveira, 2009). Com isso, tem-se que a Geração X não se detém a padrões excessivamente rígidos, ainda que dê continuidade à alguns conservadorismos das gerações que a antecederam.

⁷ Gíria em inglês para designar pessoas viciadas em trabalhar, ou que elaboram significações para o plano existencial, sobretudo, no eixo do trabalhar (Stefaniczen, Stefano & Machado, 2013).

Ademais, cabe apontar que a geração X fora totalmente influenciada pela televisão: os programas de TV passaram a assumir papéis centrais no eixo do lazer, da informação e da educação, inserindo-se no cotidiano e nas rotinas familiares. As propagandas, voltadas sobretudo ao público juvenil, buscavam uma inserção exacerbada destes no mercado de consumo, além de servirem como modelos idealizados de estilos de vida e desejos de consumo. Esses fatores reificaram a centralidade do trabalho e da estabilidade financeira, condições necessárias para realização de desejos materiais e pessoais (Oliveira, 2009; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

Geração Y

A Geração Y compreende indivíduos nascidos entre 1978 e 1994, sendo constituída, portanto, pelos filhos de *Baby Boomers* e dos primeiros membros da geração X (Cristiani, 2011). No Brasil, a adolescência deste período não vivenciou grandes rupturas políticas, econômicas ou sociais⁸, pelo contrário, viu a ascensão do estado democrático de direito, um período de prosperidade econômica e ampliação de liberdades sociais, fatores que promoveram um senso maior de segurança (Loiola, 2009; Oliveira, 2009; Raines, 2000; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

Em função da enorme desigualdade social que ainda marca o Brasil, abordar na atualidade a presença de apenas uma única geração, marcada pelo domínio tecnológico, amplo acesso à informação e grande liberdade de escolhas, é algo que se apresenta deslocado da realidade (Tomizaki, 2010). Uma vez que nossa sociedade não é formada apenas por um único e coeso grupo econômico, o apelo para altos níveis de qualificação profissional e inserção digital como marcas de uma geração mais recente ignora a dimensão estrutural das classes sociais.

Para Kliksberg (2006), há evidências suficientes para se apontar que, no contexto latino americano como um todo, quando se fala em Geração Y está se apontando à um grupo que pertence à um estrato superior⁹. Desse modo, a chamada Geração Y não pode ser utilizada para se compreender a totalidade da juventude brasileira, pois o ensino superior e a inserção digital ainda são marcas de privilégio das classes mais abastadas. Nesse sentido, aponta-se que:

⁸ Aqui cabe apontar que, a crise política e a recessão econômica vivenciadas durante o governo de Collor (1990-1992), foram eventos muito mais marcantes para a juventude e adolescência da Geração X, pois, a maioria dos membros da Geração Y que acompanharam esse período, o vivenciaram ainda na infância.

⁹ Rocha-de-Oliveira, Piccinini e Bitencourt (2012) trazem uma crítica pertinente referente à conceituação da Geração Y, uma vez que as definições desta geração têm sido incorporadas aos estudos nacionais nos moldes da literatura internacional, sem que se faça uma contextualização que contemple a realidade brasileira.

A relação entre trabalho e juventude, as condições de vida, as oportunidades de desenvolvimento e o tempo disponível apresentam-se como peculiaridades que separam radicalmente adolescentes que trabalham por necessidade daqueles que só estudam ou buscam o trabalho como meio de desenvolvimento profissional (Rocha-de-Oliveira, Piccinini & Bitencourt, 2012, p. 554).

De um lado, encontra-se uma juventude que, marcada pela necessidade econômica, antecipa a assunção de papéis adultos a fim de conseguir prover-se de mais recursos para sobrevivência de si e da família. Esta primeira se aproxima mais dos aspectos que delineiam a Geração X. No extremo oposto, encontra-se uma juventude abastada que busca elevados níveis de saúde, educação, trabalho e habitação; que domina amplamente as tecnologias e tem grande acesso à informação; que visa construir uma base sólida para a carreira buscando alta qualificação; interessada em manter benefícios e privilégios do tempo livre e do lazer. Somente esta última compreende a chamada Geração Y (Gonçalves, 2008; Kliksberg, 2006).

Ao falar da Geração Y, Raines (2000) aponta para o rompimento dos padrões tradicionais da família, que não necessariamente contemplam mais um núcleo organizado em torno da criação direta por um pai e uma mãe. Os novos modelos incluem: famílias monoparentais; famílias compostas por casais homossexuais; vivência familiar dupla, com lares de pais separados e interação com novos membros, como madrastas, padrastos e irmãos de proles diferentes.

Esta é uma geração que, de modo geral, é filha de mães que possuem uma vida profissional ativa e, portanto, tendem a ser mais independentes, financeira e emocionalmente. Os primeiros anos de socialização da Geração Y se dão dentro de instituições como creches e escolas, e a educação no lar é muitas vezes mediada por outras pessoas, como babás e avós. Nestas famílias, o principal objetivo é a preparação dos filhos para o futuro profissional. Isto inclui, desde cedo, uma agenda lotada de afazeres: cursos de idiomas, atividades esportivas, tratamentos psicopedagógicos, etc. (Raines, 2000).

A Geração Y é reconhecida por ter recebido desde cedo muitos estímulos, possuindo amplo acesso à recursos e informações; não se assusta com as rápidas transformações tecnológicas; engaja-se mais em atividades que geram recompensas imediatas e tem interesse de ascensão rápida; é utilitarista e anseia o tempo todo por resultados e reconhecimento; apresenta baixa tolerância à frustrações, contudo, motiva-se por grandes desafios; apresenta tendências à insubordinação, dificuldades de aceitar limites, admirando mais a competência real do que hierarquias; busca no trabalho, não apenas fonte de sustento, mas também aprendizado e realização pessoal, precisando de razões e estímulos extras para se manter no emprego (Gonçalves, 2008; Loiola, 2009; Oliveira, 2009).

Por fim, o fácil acesso a informações de um mundo globalizado, promoveu na Geração Y o desenvolvimento de um pensamento sistêmico, com altas habilidade para se pensar o local e o global. Esta é uma geração marcada por ambivalências, pois, ao mesmo tempo que pode ser considerada materialista, ambiciosa, individualista e instável, apresenta-se também preocupada com o meio ambiente e com os direitos humanos (Engelmann, 2009; Santos, Ariento, Diniz & Dovigo, 2011).

Geração Z

A Geração Z, ou *Millenium*, compreende um conjunto de pessoas que nasceram de 1995 aos dias atuais. As críticas e problematizações apontadas em relação à Geração Y também são pertinentes aqui, pois esta geração faz referência imediata à adolescentes pertencentes às classes mais altas (A, B e C), que possuem poder de compra e acesso à Internet (Ceretta & Froemming, 2011; Lauer, 2011; Shinyashiki, 2009). Segundo dados do IBGE (2010), a Geração Z compreende mais de 16 milhões de brasileiros.

A perspectiva de Coimbra e Schikmann (2001), de que o que diferencia as últimas gerações deva ser atribuído mais aos avanços tecnológicos, também é válida para se refletir sobre o que caracteriza a Geração Z, que herdou valores advindos de sua antecessora - individualista, consumista e informada, diferenciando-se mais por ser uma geração absolutamente digital. Por se tratar de um tema ainda emergente e em processo de consolidação, a literatura brasileira carece de mais estudos que contemplem essa geração (Ceretta & Froemming, 2011).

Os adolescentes da Geração Z estão expostos às influências comuns de uma mídia de massa mundial, com isso, compartilham diversos comportamentos e valores que estão relacionados ao mercado de consumo de muitas culturas. Por estas razões, pode-se dizer que esta geração compõe uma espécie de cultura global, de modo que, a despeito das distâncias geográficas, apresentem mais semelhanças entre si do que diferenças (Hawkins, Mothersbaugh & Best, 2007).

A letra “Z”, que nomeia esta geração, está associada ao ato de zapear, verbo originalmente utilizado para indicar a constante mudança de canais de TV. Nesta geração, zapear é utilizado para designar o hábito de se fazer muitas coisas, simultaneamente, sob a mediação tecnológica: conversar por *chats*, ouvir música, ler textos, assistir vídeos, postar imagens, etc. (Shinyashiki, 2009). Diferentemente daqueles pertencentes à Geração Y, que chegaram a conhecer um mundo sem computadores e *smartphones*, os dessa geração não conseguem vislumbrar a vida cotidiana sem o uso destes objetos (Ceretta & Froemming, 2011; Lauer, 2011).

Tapscott (2010), Ceretta e Froemming (2011) apresentam oito grandes características que marcam a Geração Z:

1. Liberdade – esta é uma geração que preza amplamente pela liberdade: de escolhas, de parceiros amorosos e sexuais, de profissão e de expressão. O uso da internet potencializa todas essas possibilidades, pois disponibiliza *sites* e aplicativos para relacionamentos; promove a qualificação profissional por meio de cursos *online*; expande a possibilidade de se trabalhar via computador em qualquer lugar; e, ademais, o uso das redes sociais fornece ampla liberdade de expressão por envolver uma comunicação anônima ainda pouco regulada por aparatos jurídicos.
2. Customização – dada as múltiplas possibilidades que o mercado de consumo promove, esta é uma geração que gosta de ter tudo em sua volta personalizado, de capas de celular, às vestimentas e outros acessórios de uso pessoal. Esta é uma característica que se alia a necessidade social de vincular-se à grupos e ao desejo adolescente de afirmar sua individualidade em busca de formar uma identidade (Gunter & Furnham, 1998).
3. Escrutínio – dado o amplo e fácil acesso à informação que possui, a Geração Z é caracterizada por ser curiosa e investigadora, considerando natural e comum buscar informações específicas na Internet sobre quase tudo: pessoas, empresas, produtos, etc.
4. Integridade – Os valores que são estampados e propagandeados pelas instituições - empresas, marcas de produtos, cursos, etc.; e a ampla possibilidade de acesso a essas informações, permitem que essa geração faça decisões em relação à múltiplas atividades da vida, com base nos valores que eles próprios compartilham.
5. Colaboração – esta é uma geração que herdou o pensamento sistêmico da Geração Y, assim, o uso da Internet funciona como uma rede de colaboração para o compartilhamento mundial de diversos tipos de dados: informações, músicas, vídeos, imagens, etc.
6. Entretenimento – o fato de terem se desenvolvido em meio à múltiplos estímulos e experiências interativas, e por estarem acostumados a fazer muitas coisas ao mesmo tempo, permite que essa geração busque formas de entretenimento em todos os eixos da vida: na escola ou faculdade, no trabalho, na vida social e em casa. O uso de *smartphones* promove o desfrute de lazer em qualquer lugar: assistir filmes, ouvir músicas, conversar em *chats*, jogar *videogames*, compartilhar eventos em redes sociais, etc.

7. Velocidade – como esta geração está conectada à *web* em boa parte do tempo e se vê em ambientes digitais mais do que reais, esta é uma juventude que está acostumada e quer informações e soluções instantâneas, tal qual são capazes de obter com o uso da Internet.
8. Inovação – a obsolescência programada¹⁰ faz com que rapidamente objetos e acessórios se tornem inúteis, obsoletos ou fora de moda, com isso, os jovens da Geração Z, também como forma de afirmar-se, apresentam a constante tendência e desejo de se manterem atualizados.

Alguns pensadores, que contemplam reflexões acerca da pós-modernidade, reconhecem o quanto a sociedade atual tem sido, progressivamente, marcada pelo mercado de consumo (Baudrillard, 1991; 1995; Bauman 2008). A propaganda e o *marketing* dos últimos anos trouxeram novas significações para os constantes apelos à aquisição de bens materiais e serviços. O consumo deixou de ter somente um valor utilitarista e passou a compor um eixo identitário, onde, o ‘ser’ se constitui pelo ‘ter’. Sobretudo para essa nova geração, os bens de consumo e serviços desfrutados passam a funcionar como uma via de expressão da identidade, pois desvelam aspectos da personalidade, estando ligados à autoestima e o pertencimento à grupos sociais (Gunter & Furnham, 1998; Miles, 2001, citado por Ceretta & Froemming, 2011). Atentos à essas novas formas de afirmar-se no mundo, psicólogos e sociólogos têm apontado mudanças de estilo cognitivo nesta nova geração (Rifkin, 2001).

Por estarem imersos num mundo digital e acostumados mais com interações virtuais que reais, é crescente a quantidade de adolescentes que estão apresentando estruturas de consciência fragmentadas e transitórias, pois estes vivem em um ritmo fragmentado de múltiplas e simultâneas possibilidades interacionais. Nesse sentido, é como se as janelas do mundo virtual se materializassem em ‘múltiplas personas’ (Rifkin, 2001). Esses adolescentes têm se sentido mais à vontade de se engajar em atividades mediadas por dispositivos eletrônicos, apresentando, com isso, problemas no âmbito das relações interpessoais, dificuldades na comunicação verbal e expressividade (Ceretta & Froemming, 2011; Tapscott & Williams, 2007).

O sociólogo Anthony Giddens (2003), ao refletir sobre os relacionamentos interpessoais; o modo como cada sujeito percebe a si e aos outros; e como as pessoas tem se vinculado socialmente; alerta para os impactos promovidos pela Internet e o processo de globalização na

¹⁰Trata-se de uma estratégia industrial de propositadamente desenvolver, fabricar e distribuir para consumo, um produto que fora programado com um tempo de vida útil inferior ao que a tecnologia permite (Magera, 2012).

contemporaneidade. Para este autor, os modelos familiares contemporâneos têm travado batalhas entre a modernidade e a tradição, sendo que esta última tem sido continuamente reinventada nos processos de transmissão entre as gerações. Na pós-modernidade, com sociedades cada vez mais cosmopolitas e globalizadas, as pessoas vêm se libertando das tradições, que perdem sentido e conteúdo. Nesse processo, a indústria cultural e o mercado de consumo têm assumido o antigo legado das tradições, ao transmitir valores e comportamentos comercializados segundo a lógica do espetáculo e do consumo.

Considerações Finais sobre os Estudos Geracionais

A compreensão das peculiaridades vivenciais de cada geração, assim como o reconhecimento dos elementos que são ou não retransmitidos entre as gerações, podem oferecer recursos valiosos para a compreensão das vias privilegiadas de subjetivação da nova adolescência que se desvela no início do século XXI. Identifica-se, a partir do apanhado histórico aqui empreendido, que as transformações promovidas pelos processos de industrialização avançada foram as que mais interferiram nos elementos constitutivos de cada geração. Essa constatação se alinha com a perspectiva atual em torno do que tem distinguido as gerações: os avanços tecnológicos e suas influências na vida laboral (Ceretta e Froemming, 2011; Coimbra & Schikmann, 2001; Tapscott, 2010).

Segundo o historiador mundial Yuval Harari (2015), milhões de anos de seleção natural não seriam tão impactantes para o estilo de vida de uma espécie quanto foram, para os humanos, as mudanças sociopolíticas e a evolução tecnológica que o século XX testemunhou. Para ele, o atual modelo urbano fora responsável por mudanças tão drásticas no estilo de vida humano que, pela primeira vez na história, seria possível afirmar de maneira categórica que uma geração vive de forma significativamente diferente da outra.

Diante do cenário aqui descrito, urge a necessidade de que os pesquisadores avaliem elementos de socialização da pós-modernidade, pois estes certamente perfazem novas modalidades de sofrer e manifestar sofrimento. Buscar identificar e compreender as vias privilegiadas de subjetivação da atual geração de adolescentes demanda que se esteja atento às transformações globais enfrentadas nos últimos anos: mudanças de valores sociais e no formato de estrutura da família nuclear; um estilo de vida cada vez mais individualizado e permeado por relações intrainstitucionais; além das novas experiências e interações promovidas com o advento da Internet e das redes sociais (Baudrillard, 1995; Bauman, 2008; Foucault, 2003; Giddens,

2003). Os benefícios e prejuízos, promovidos pelo ritmo fragmentado de múltiplas e simultâneas possibilidades interacionais que o adolescente contemporâneo vive, ainda não são completamente conhecidos e merecem atenção especializada dos pesquisadores em ciências humanas e da saúde.

SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ERA DIGITAL

O suicídio é um ato de publicidade: a publicidade do desespero.

Fernando Sabino - Suíte Ovalliana

Internet e Saúde Mental

Este capítulo traz um apanhado histórico acerca da Internet, desde seus primórdios até sua evolução nos dias atuais. São apresentadas reflexões sobre a história e os usos da Internet. Posteriormente, abordam-se a estrutura e as possibilidades que se configuram no espaço digital na atualidade, desde a difusão das redes sociais à cibercultura. São apresentados efeitos sociológicos e psicológicos associados ao uso cotidiano da Internet. Por fim, discutem-se algumas implicações, para saúde mental, advindas das interações virtuais.

Uma Breve História da Internet

Os primórdios da Internet remetem às disputas de poder mundial entre a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA), durante a Guerra Fria, em 1957. Numa reação ao Projeto Sputnik da URSS, agências militares dos EUA começaram a buscar modos como seus meios de comunicação poderiam ser reestruturados de maneira que dados permanecessem intactos ou pudessem ser recuperados em caso de ataques nucleares (Leiner, 2003).

Em 1968, com apoio financeiro do governo norte-americano, implantou-se um sistema de informações em rede. De modo geral, esse processo de comunicação estabelece que qualquer computador pode se conectar, a partir de qualquer lugar, e suas informações serem trocadas de modo imediato, dentro de ‘pacotes’. Essas inovações no eixo da comunicação logo chamaram atenção dos institutos de pesquisa e universidades, que, numa perspectiva democrática, vislumbravam uma nova forma de propagação e compartilhamento de dados (Briggs & Burke, 2006; Leiner, 2003).

Historicamente, a difusão do sistema de redes nos meios militares e acadêmicos dependeu da ampliação de consciência de suas possibilidades comerciais e da percepção do ciberespaço como uma nova oportunidade de negócios (Turner & Muñoz, 2002). Para expansão de utilização desse sistema, fora decisiva, em 1989, a criação da *World Wide Web*¹¹ (WWW), que se popularizou no mundo todo como Internet. Operada por meio da rede mundial de telecomunicações, a Internet se transformou num sistema público mundial de rede de computadores, ao qual qualquer pessoa, por meio de um dispositivo eletrônico, pode conectar-se (Leiner, 2003).

¹¹ A *World Wide Web*, que pode ser traduzida como Rede Mundial Ampla, fora desenvolvida pelos engenheiros Tim Berners-Lee e Robert Cailliau, em 1989, num laboratório Suíço de um instituto de pesquisas nucleares (CERN, *Centre Européen pour la Recherche Nucléaire*).

As mídias anteriores ao advento da Internet, estabeleciam uma comunicação vertical e linear, demarcando de modo claro e objetivo atores sociais, pois dividiam o mundo entre produtores e consumidores, autores e leitores, emissoras e telespectadores, animadores e audiência, etc. (Dizard, 2000). Desse modo, compreende-se que o surgimento da Internet é revolucionário, pois transformou um poderoso sistema midiático, que somente a elite podia dominar, no atual principal meio de comunicação em massa (Mannarino, 2000).

De acordo com Dizard (2000), as novas mídias operam a maior das revoluções no eixo das comunicações, uma vez que a Internet estabelece diversas formas de comunicação, em múltiplas dimensões, não enclausuradas materialmente em termos de espaço, ou arquivamento. Turner e Muñoz (2002) consideram que a Internet é a máxima expressão da democracia, reconhecendo nesta uma grande possibilidade de constituição de uma comunidade livre, igualitária e fraternal. Para Briggs e Burke (2006), a convergência tecnológica e o uso da Internet dão materialidade à antigas utopias: de maior liberdade humana, poder ao povo e cooperação internacional.

Nos anos 1990, início da fase de operacionalização e difusão da Internet, intelectuais já elucubravam sobre os impactos sociais oriundos da criação de um sistema de comunicações que fosse aberto, livre e sem proprietários. Nesse sentido, grande parte dos primeiros provedores de *softwares* já consideravam a possibilidade de a Internet liberar e dar poder aos indivíduos, oferecendo riscos e vantagens sem precedentes na história da civilização humana (Abreu, 2004; Lemos, 2004). Nesse sentido, alguns autores consideram que o advento da Internet é tão impactante para humanidade que seria esta responsável pela gênese de uma nova era antropológica: o Infolítico, ou Era da Informação¹². Nas palavras de Turner e Muñoz (2002, p. 15): “os gestos definiram a estrutura social do Homem de Neandertal, a escrita e a pintura definiram o Cro-magnon, e o *bit* definirá o ser Infosocial”.

Ao final do século XX, sob efeito de um apelo que visava ampliar o mercado de consumidores, a convergência das mídias que ocorrera com o advento da Internet trouxe uma mescla

¹² O Paleolítico (2 milhões à 12 mil A.C.), mais conhecido como Idade da Pedra Lascada, fora marcado pela criação de ferramentas e pelo domínio do fogo; o Mesolítico (12 mil à 10 mil A.C.) compreende o período de transição no qual caçadores e coletores começaram a arar a terra e domesticar animais, na chamada Revolução Agrícola; no Neolítico (10 mil à 4 mil A.C.), Idade da Pedra Polida, surgiram as primeiras sociedades não nômades, baseadas em comunidades assentadas que já haviam desenvolvido a agricultura e a pecuária; nesse período surgiu também a escrita e a economia de trocas; o Infolítico, por sua vez, estaria em fase de gênese e consolidação na atualidade, período em que foram desenvolvidos os *microchips*, objetos minúsculos que condensam uma quantidade enorme de informações, que podem ser transmitidas em segundos, beneficiando, assim, uma quantidade enorme de pessoas que podem desfrutar desses avanços e conhecimentos (Harari, 2015; Turner & Muñoz, 2002).

de possibilidades bastante diversificada ao ciberespaço¹³. Atualmente, a rede mundial de telecomunicações atua com ampla visibilidade numa tríade que contempla informação, educação e entretenimento. Nos países desenvolvidos e emergentes, antigos espaços de socialização e interação, como o ambiente educacional e de trabalho, passaram a depender cada vez mais do uso da Internet. O uso de computadores pessoais e *smartphones* têm se expandido de tal modo que, em poucos anos, será praticamente impossível para um indivíduo urbano vislumbrar seu cotidiano sem a mediação de dispositivos eletrônicos¹⁴ (Briggs & Burke, 2006; Leiner, 2003; Turner & Muñoz, 2002).

Outra grande transformação promovida pela Internet diz respeito ao âmbito das relações interpessoais, cujas possibilidades foram alargadas, em função de estarem independentes das distâncias geográficas. O mundo virtual cria uma quebra da relação geográfica no mundo real, de modo que o longe deixa de existir. De acordo com Abreu (2004, p. 44), “Longe, na Rede, é palavra fora do vocabulário; substituída pela velocidade de acesso e de apreensão das informações disponíveis”. A busca e o compartilhamento de informações, de todo tipo, se tornou essencial nas interações promovidas pelo ciberespaço. A estrutura e as possibilidades que se configuram com a Internet na atualidade, contudo, fazem com que haja algo muito mais complexo do que a mera troca de informações armazenadas. Com a criação e difusão das redes sociais, estabeleceu-se também a emergência de um novo tipo de cultura, virtual e global: a Cibercultura.

Usos da Internet: das Redes Sociais à Cibercultura

Um *site* de rede social consiste numa plataforma disponível na Internet onde se prestam serviços *on-line* a entidades (indivíduos, grupos e organizações) que partilham necessidades e/ou interesses comuns. Esses sistemas disponibilizam aos seus usuários diversas possibilidades, dentre elas: a criação de um perfil com informações e dados identificatórios; a realização de pesquisas acerca de outros usuários; a articulação de interações virtuais, intercâmbios de informações e arquivos entre seus usuários (Haythornthwaite, 2005; Recuero, 2012; Teixeira & Azevedo, 2011).

¹³ De acordo com Turner e Muñoz (2002), a Internet não diz respeito tão somente à aquisição de um novo meio de comunicação. Para eles, a Internet tem se convertido, cada vez mais, no meio de comunicação, uma vez que compreende um sistema integral de multimídias que fornece acesso a todos os jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão e obras cinematográficas produzidas por todos os países do mundo.

¹⁴ O tempo que as pessoas dedicam às suas necessidades de estarem *plugadas* ao espaço cibernético não fora algo simplesmente criado, mas sim roubado de outros espaços sociais e interacionais (Turner & Muñoz, 2002).

De acordo com Boyd e Ellison (2007), em 1997, surgiu a primeira rede social, *SixDegrees*, que incluía a criação de perfis individuais e listas de amigos virtuais, combinando a oferta simultânea destas funcionalidades. Com o tempo, as redes sociais foram evoluindo, ampliando as possibilidades de interação e utilidades disponíveis. Atualmente, identificam-se perfis pessoais, profissionais e relacionais, onde podem ser postadas informações e dados na forma de diários, que, por sua vez, podem ser geridos quanto a privacidade de quem acessa esses conteúdos. A principal atividade realizada nas redes sociais é o compartilhamento de dados entre seus usuários. É possível publicar e acessar diversos tipos de arquivos, como textos, imagens, vídeos, músicas, etc. (Teixeira & Azevedo, 2011).

Na atualidade, o uso das redes sociais tem se tornado um hábito cotidiano, sobretudo, para indivíduos urbanos. Com o aumento da popularidade desse tipo de serviço, foram criadas também novas funcionalidades e aplicações para estas plataformas. A troca de informações de modo virtual se tornou cada vez mais comum e vantajosa, sobretudo, em função de poder ser realizada em tempo real, a partir de qualquer lugar e aparelho que tenha acesso à rede (Boyd & Ellison, 2007; Teixeira & Azevedo, 2011).

Diversos autores apontam que, com o uso das redes sociais, observa-se o aumento da quantidade de informações e dados disponíveis na *web*, assim como a mudança de hábito no que concerne à consulta aos meios de comunicação tradicionais. Desde sua criação, a Internet já facilitava o compartilhamento e troca de opiniões. Com o surgimento de fóruns *on-line* e *blogs*, essa partilha foi se tornando cada vez mais personalizada. O aumento da importância das redes sociais se deu em função destas possibilitarem e unificarem diversas funcionalidades numa plataforma só, formando um grande repositório de informações (Boyd & Ellison, 2007; Java, Song, Finin & Tseng, 2007; Ku, Ke & Chen, 2009; Teixeira & Azevedo, 2011).

O final do século XX, atravessado por inovações tecnológicas no campo da comunicação, viu surgir um novo modelo de cultura, cibernética, constituído por um conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais, que emergiram a partir da convergência das telecomunicações e o advento da Internet. Com a mundialização do uso das redes sociais, passou-se a identificar a emergência de uma cultura global, que tem sido denominada como cibercultura. A cibercultura é marcada pelas redes telemáticas, pela sociabilidade global *on-line* e pelo fácil acesso a informações. A principal característica desta cultura é o compartilhamento de arquivos e dados, nos mais diversos formatos suportados pela *web* (Lemos & Cunha, 2003).

A cibercultura é, simultaneamente, um canal por onde circulam múltiplas modalidades de informações e também um *lócus* de efervescência social. Assim, entende-se que o ciberespaço é ambivalente: pois atua como forma e conteúdo, modulando novas identidades e formas culturais. Ademais, o sistema de redes não se estabelece como um dispositivo fechado, pois é marcado como um lugar de passagem e contato, que se amplia de acordo com a interação e a quantidade de seus utilizadores (Lemos, 2004; Musso, 1997).

É através dos meios de comunicação que se dá o intercâmbio de produtos e empreendimentos culturais: música, literatura, culinária, esporte, economia, ciência, religião, tecnologia, etc. A riqueza e as peculiaridades de uma sociedade alinham-se à complexidade de sua cultura. Nesse sentido, as trocas, os inter cruzamentos de influências mútuas, a distribuição, o compartilhamento, a cooperação e apropriação de bens simbólicos, são os elementos estruturantes de qualquer dinâmica identitária e cultural (Laraia, 2001; Santos, 1994). A identificação destes elementos no espaço virtual é que faz com que este possa ser concebido como um campo cultural.

Uma vez cibercultura tem resgatado aquilo que é próprio de toda e qualquer dinâmica cultural, é importante que pesquisadores das ciências humanas e da saúde se atentem não apenas aos seus benefícios, mas também aos seus riscos (Abreu, 2004; Dizard, 2000; Keen, 2012). Conforme aponta Lemos (2004, pp. 13-14) “A cibercultura planetária está potencializando o conjunto do que há de mais rico e também de mais nefasto nas culturas humanas”.

Saúde Mental na Cibercultura

Os avanços tecnológicos que a humanidade tem experimentado ao longo dos últimos dois séculos atualizam, constantemente, a esperança que depositamos na ciência para resolução de nossos problemas e limitações. Os benefícios promovidos por estes progressos são de fácil contemplação, pois, de modo geral, é a isso que se propõem as tecnologias: ampliar as possibilidades de nossa atuação e simplificar o modo de vida (Harari, 2015). Na obra *O Mal-estar na Civilização*, contudo, Freud se esbarra com os limites do conforto promovido pela evolução tecnológica, vislumbrando que “Se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito (Freud, 1974/1930, p. 40). Essa indagação freudiana serve como exemplo para se demonstrar que o progresso tecnológico não é sinônimo de felicidade ou bem-estar. Os meios de subjetivação contemporâneos trazem consigo novas formas de sofrer e manifestar sofrimento (Coutinho, 2009; Harari, 2015).

Andrew Keen, pesquisador crítico do exibicionismo social promovido pelo uso da Internet, apresenta em suas obras uma extensa análise sociológica e psicológica sobre o uso das redes sociais. Esse autor identifica inúmeros paradoxos e ambivalências nas vivências e interações cibernéticas, reconhecendo que “a realidade da mídia social é mais uma arquitetura de isolamento humano que de comunhão” (Keen, 2012, p. 22). Há uma grande ironia que se dá na era cibernética, pois, a despeito de as pessoas estarem hiperconectadas virtualmente, na vida real, o uso excessivo de *smartphones* e computadores materializa um comportamento completamente antissocial. Para Keen (2009), estamos numa era onde a solidão é mascarada pela presença de uma multidão conectada.

Ainda que as redes sociais sejam apropriadas vias de manutenção das relações sociais pré-existentes, estas últimas vêm-se impactadas pelas novas dinâmicas de conversação. Dentre as transformações na esfera da comunicação promovidas pela *Cibercultura*, destacam-se: a presença de audiências invisíveis e irrestritas com poder de reproduzir e transformar discursos na rede, provocando também uma hiperconexão; um colapso de contextos, uma vez que um discurso não está restrito somente ao ambiente de sua publicação; e o borramento das fronteiras entre público e privado, dado o contexto de hipervisibilidade e o potencial de exposição irrestrita (Boyd & Ellison, 2007; Boyd, 2010; Recuero, 2012; Recuero & Soares, 2013).

Na rede social, seus atores podem ter consciência da presença de um público e de sua influência nas negociações do conteúdo compartilhado, contudo, nem sempre há uma participação direta de seus receptores (Boyd & Ellison, 2007). Desse modo, verifica-se que a dinâmica de interação virtual provocou transformações profundas no espaço de convívio social, local onde tradicionalmente os discursos são emitidos, reproduzidos e significados. Nesse sentido, Keen (2012, p. 22-23) aponta que “Nesse mundo todo transparente, estamos ao mesmo tempo em toda a parte e em parte alguma, a irrealidade absoluta é a presença real; o totalmente falso é também o totalmente real”.

O uso cotidiano das redes sociais tem levado seus usuários à uma exposição exagerada de suas vidas, induzindo-as a serem excessivamente transparentes, o que poderia significar o fim da privacidade e do individualismo da sociedade (Keen, 2009). A hiperconexão faz com que as sociedades estejam expostas aos olhares de todos, num ambiente de total fiscalização

digital¹⁵ que potencializa a sociedade disciplinar descrita por Foucault (2003). Nas redes sociais, contudo, a diferença é que os indivíduos se colocam espontaneamente na condição de vigiados (Campos, 2014).

No contexto de hipervisibilidade da *web*, tornou-se socialmente deselegante, e às vezes inaceitável, não se expressar nas redes sociais. Aqueles que não se inserem nas novas dinâmicas interacionais passam a ser mal vistos, pois dão a impressão de que há algo a se esconder: a não transparência da vida passou a ser sinal de ilegalidade ou imoralidade. Com o fomento do hábito de se postar constantemente na rede pessoal o que se está fazendo, pensando, desejando ou consumindo, nos tornamos cada vez mais exibicionistas e atores de espetáculos sociais (Keen, 2012). Nas palavras de Campos (2014, p. 272): “Antes, a privacidade era o anseio da sociedade e hoje o ideal é ser atração, é se expor ao mundo”. Para Keen (2012, p. 151), a Internet “nos encarcera numa prisão global absurda onde todos somos obrigados a viver em público”.

Com o constante uso das redes sociais, a solidão das pessoas e seus momentos íntimos de privacidade passaram a ser substituídos pela onipresente possibilidade de se acompanhar o espetáculo da vida alheia, e também de fazer de sua própria vida um espetáculo (Keen, 2012). Nesse sentido, o uso de *smartphones* potencializa as possibilidades de entretenimento, pois em qualquer tempo e lugar as pessoas podem distrair-se, divertir-se, fugir do tédio ou outros desafeitos. Com a posse de um único objeto as pessoas podem desfrutar do lazer em qualquer lugar e a qualquer momento: assistir filmes, ouvir músicas, conversar em *chats*, jogar *videogames*, compartilhar eventos em redes sociais, etc. (Ceretta e Froemming, 2011; Tapscott, 2010).

Com o desvelamento de novas modalidades interacionais, surgiram também novos agrupamentos sociais, novas formas de conversação, de identificação e construção do *self* (Donath, 1999; Herring, 1999; Herring et al. 2006; Lemos, 2003). Como as redes sociais permitem a construção de uma nova *persona* por meio da criação de um perfil ou página pessoal, as pessoas passaram a contar com a possibilidade de se apresentarem ao mundo e serem vistas a partir de perspectivas que lhes convêm serem reconhecidas (Boyd & Ellison, 2007). Esse fenômeno se dá desde a seleção da imagem de perfil que representa a identidade virtual de uma pessoa, à escolha das vivências que podem ou devem ser compartilhadas como via de expressão da personalidade.

¹⁵ Há um caso recente que ilustra os prejuízos do excesso de exposição via *web*. Segundo Nascimento (2016), a Justiça brasileira revogou o pedido de afastamento de um bancário que alegava Síndrome de *Burn Out*, com base em postagens suas que aparentavam bem-estar e felicidades nas redes sociais.

O aumento das interações virtuais em detrimento das interações reais, faz com que vivencemos um período de ascensão do simulacro. Para alguns autores pós-estruturalistas, este é um momento da história em que a representação imagética de algo adquire maior relevância do que a coisa em si (Bauman, 2007; Berman, 2007; Debord, 1997). Na contemporaneidade, há uma grande ênfase na representação que fazemos das coisas e vivências. No campo das redes sociais, isso indica que a validação das experiências é perpassada pelo olhar do outro e suas ‘curtidas’. O simulacro, ou representação que se pode fazer do vivido, é capaz de ressignificar experiências, substituir o real e até mesmo reinventá-lo. Desse modo, com a Internet, estabelecemos, como nunca noutra era, nossos desejos, expectativas, afetividades, de modo imagético e simulado, sob a mediação de uma tela de computador.

Sob efeito da “economia do curtir”, usuários das redes sociais são constantemente convocados a publicarem múltiplos detalhes de sua vida cotidiana, de modo que, na era cibernética, a riqueza também se dê em termos de conectividade. Quanto mais amigos, seguidores e curtidas um indivíduo possui, mais potencialmente valioso se torna, pois influencia seu meio a desfrutar de bens e serviços. (Keen, 2012; Martins, Trindade & Almeida, 2003). Esses comportamentos de afirmação e pertencimento à rede compõem um cenário de “comportamento de rebanho”, pois o excesso de transparência desvela a necessidade de se construir uma reputação marcada pelo olhar do outro e das representações que se pode fazer de si (Hoffman, 2011, citado por Keen, 2012, p. 93).

A verdadeira face da vida conectada do século XXI não é de união, mas sim de estilhaçamento de nossas identidades, pois, a exposição do simulacro faz com que existamos sempre fora de nós mesmos, demasiadamente aferrados à própria imagem e incapazes de concentrarmos simplesmente no aqui e agora (Bauman, 2007; Berman, 2007; Debord, 1997; Keen, 2009; 2012). Na era do exibicionismo exigido pelas redes sociais, colocamo-nos numa condição de exposição pública e imagética que nos distancia do que somos na vida real. Para Keen, a “vertigem digital” refere-se à fragmentação da sociedade pois, “nos tornamos mais divididos que unidos, mais desiguais que iguais, mais ansiosos que felizes, mais solitários que socialmente conectados” (Keen, 2012, p. 77).

Ao contrário do que vislumbravam utopicamente alguns autores, de que a Internet poderia constituir uma comunidade livre, igualitária e fraternal; ou que fomentaria a cooperação internacional (Briggs & Burke, 2006; Turner & Muñoz, 2002); não se pode olhar de modo idealizado para os efeitos produzidos pela Internet, pois seu caráter emancipador, transfronteiriço e de transparência tem desvelado também os vícios mais nefastos das culturas humanas.

As redes sociais têm servido como ponto de encontro de grandes inimigos da vida em sociedade: grupos de pedófilos, aliciadores da prostituição forçada e outros tipos de criminosos. Com a Internet, o terrorismo internacional ganhou um novo aliado. Ademais, tem-se o incremento de uma nova forma de opressão social: a exclusão digital, que aliena e marginaliza milhares de pessoas do mundo todo (Targino, 2010).

A Internet nunca foi um simples canal de trocas e compartilhamento de informações, pois desde sua elaboração, o sistema de redes fora atravessado por interesses comerciais da indústria cultural. Por serem financiadas por grandes empresas, as redes sociais são concebidas em torno de produtos, plataformas e serviços que facilitam o encontro dos usuários com um determinado nicho mercadológico. A verdadeira finalidade das mídias sociais, não é em primeiro plano gerar união, harmonia e bem-estar entre as pessoas, mas sim permitir que empresas e marcas de produtos tenham acesso à potenciais consumidores. Na mesma medida em que assumimos publicamente nossas relações, gostos pessoais, sentimentos e desejos, somos expostos à produtos e serviços que se alinham a esses conteúdos (Keen, 2009).

Infelizmente, esse mundo virtual, de transparência absoluta e sem privacidade, tem promovido o afrouxamento dos vínculos sociais e diminuído a nossa liberdade (Keen, 2012). No mundo digital, de superexposição, qualquer conteúdo é permanente. Para Umberto Eco (1984), a hipervisibilidade compreende uma filosofia da imortalidade como duplicação. De certo modo, parece que as redes sociais refletem e promovem o desejo de onipotência e completude dos humanos, pois, sob a ordem do simulacro e dos espetáculos, eternizamos nossas experiências e à nós mesmos no grande e indestrutível cérebro digital, outrora projetado como um sistema à prova de ataques nucleares.

Internet e Suicídio Juvenil

Esta seção aborda a relação entre os usos da Internet e o suicídio juvenil. A partir da descrição dos tipos de conteúdo suicidas ofertado na *web*, são apresentadas especulações teóricas sobre o papel da Internet no comportamento suicida. Com objetivo de se compreender a questão da acessibilidade a esses conteúdos, são apresentadas pesquisas sobre o monitoramento da busca de palavras associadas ao suicídio na Internet, além de suas correlações com as taxas de suicídio e automutilação entre adolescentes. Por fim são apresentadas reflexões sobre o uso de ferramentas *on-line* na prevenção do suicídio.

Uso da Internet por Adolescentes

Uma das complexidades da Internet reside no grau de intensidade e velocidade com que o ciberespaço têm interferido nas interações humanas, uma vez que a *web* já é parte integrante da vida cotidiana de milhares de indivíduos (Biddle et al., 2016). O surgimento das mídias sociais tem reconfigurado as dinâmicas de interação social e práticas de comunicação de todos aqueles que têm acesso à rede, em especial crianças e adolescentes, que têm entrado em contato com o mundo virtual cada vez mais cedo e de forma mais intensa (Belloni & Gomes, 2007).

Pesquisas brasileiras em torno das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm apontado que o uso da Internet por adolescentes é maior do que o da média da população geral. A pesquisa TIC Kids Online Brasil¹⁶ revelou que, no ano de 2013, dos 51% de brasileiros usuários da *web*, 75% compreendiam crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos¹⁷. Verificou-se também que há uma tendência de ampliação do uso das mídias sociais pelo público juvenil. A taxa de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos que possuía um perfil em uma rede social era de 70% em 2012, e cresceu para 79% em 2013. Dentre as principais atividades realizadas por jovens na rede, destacam-se: realizar pesquisas escolares (87%), assistir vídeos (68%), fazer o *download* de músicas e filmes (50%, Barbosa, 2013, p. 123).

¹⁶ O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (www.cetic.br), com a missão de analisar o acesso e uso das TIC, realizou, em 2013, a pesquisa TIC Kids Online Brasil, visando mapear oportunidades e riscos associados ao uso da Internet por crianças e adolescentes na faixa-etária de 9 a 17 anos. Esta é maior pesquisa sobre o tema já realizada no Brasil, e compreendeu uma amostra de 4.522 respondentes de todo território nacional (Barbosa, 2013 – Relatório TIC KIDS ONLINE BRASIL).

¹⁷Em relação ao perfil da amostra tem-se que: 32% se enquadravam nas classes AB, 54% na classe C e 14% na classe DE; 56% das crianças e adolescentes entrevistados eram do sexo feminino e 44% do sexo masculino; quanto a faixa-etária, 17% tinha entre 9 e 10 anos, 20% entre 11 e 12 anos, 23% entre 13 e 14 anos, e os 40% restantes entre 15 e 17 anos (Barbosa, 2013).

Infelizmente, o acesso à Internet e às mídias digitais pode vir acompanhado de inúmeras situações de risco: como problemas de caráter técnico (vírus e *spywares*) e exposição à conteúdos impróprios que envolvem pornografia, prostituição, drogas, suicídio, etc. O ingresso precoce de crianças e jovens à *web* facilita o contato com realidades que, de outra maneira, não seriam tão facilmente acessíveis à essa população (Ferreira, 2007). Diante deste cenário, pesquisadores sociais e da saúde têm refletido sobre os impactos da Internet na sociabilidade e socialização de seus usuários, principalmente no que se refere à saúde mental de crianças e adolescentes, populações mais vulneráveis a influências midiáticas.

O papel da Internet no Comportamento Suicida

Com o advento da Internet, potencializaram-se as possibilidades de pesquisa em torno do comportamento humano. Poderosos recursos computacionais somados à ampla disponibilidade de dados pessoais e sociais que são compartilhados nas mídias sociais dão margem para realização de estudos populacionais numa escala sem precedentes (Ruths & Pfeffer, 2014). Nesse sentido, existem especulações correntes consideráveis sobre o papel da Internet no comportamento suicida, seja ele positivo ou negativo (Gunnell et al., 2012).

Na maioria das sociedades contemporâneas, muito do que é dito sobre o suicídio e suas causas é atravessado por uma aura de mitos e tabus. Em contrapartida, a Internet tem servido como um amplo e aberto espaço para promoção de discussões e informações sobre o tema. Há grande ambivalência acerca do conteúdo disponibilizado na *web*, uma vez que o ciberespaço tem promovido, simultaneamente, meios de prevenção e incentivo ao suicídio (Westerlund, 2011). Ainda que a Internet possa ser vista como tendo um poderoso papel para a triagem, avaliação, prevenção e intervenção em sujeitos que vivenciam uma crise suicida (Baker & Fortune, 2008; Gilat & Shahar, 2007; Wang, Phillips-Wren & Forgionne, 2005), a presente seção dá especial ênfase aos fatores de risco ao suicídio promovidos pelo uso da *web*.

A Internet é um espaço que disponibiliza uma gama de publicações que dão suporte, incitamento e encorajamento ao suicídio: há *sites* que recomendam este ato como uma solução para os problemas da vida, glorificando-o; alguns fóruns de discussão promovem pactos de suicídio¹⁸; outros contêm descrições detalhadas de métodos suicidas rápidos e altamente letais; há ainda aqueles que apresentam, como incentivo ao ato, imagens e mensagens deixadas por

¹⁸ Ozawa -De Silva (2008; 2010) aponta para o papel exercido pela sociabilidade nos pactos de suicídio juvenil promovidos na Internet: o planejamento e execução de planos para se matar geram um senso de comunhão e pertencimento, que transformam um comportamento tracionalmente íntimo e privado em uma experiência compartilhável.

peessoas que se suicidaram. Diante deste cenário, pesquisadores cunharam um termo para a compreensão deste novo fenômeno social: ciber-suicídio (Lee, 2003; Naito, 2007; Ozawa -De Silva, 2008; 2010; Rajagopal, 2004).

Biddle et al. (2016), preocupados com o ciber-suicídio, avaliaram, no período entre os anos de 2007 e 2014, a acessibilidade à determinados conteúdos *on-line* susceptíveis de serem procurados por indivíduos suicidas¹⁹. Os resultados dessa pesquisa indicaram que 54% das publicações (em inglês) continham informações sobre novos métodos de alta letalidade; revelou-se também um aumento de 15% na taxa de visitação à fóruns e *blogs* pró-suicídio e de 11% no acesso à sites que apresentavam métodos de suicídio.

A pesquisa de Biddle et al. (2016) revelou que uma grande variedade de informações sobre o suicídio é facilmente acessível *on-line*. Nos últimos anos, a disponibilidade destas informações tem se tornado cada vez mais difusa e personalizada, o que torna as tentativas de bloqueio ou remoção destes conteúdos praticamente inviável. Esse estudo também identificou diversos fóruns e *blogs* que promoviam suporte e proteção à usuários suicidas, contudo, muitos destes continham trocas que poderiam encorajar ou facilitar o comportamento suicida²⁰.

Recentemente, o *Google* tornou possível a realização do monitoramento das buscas de seus usuários de acordo com a inserção de termos específicos, como por exemplo, vocábulos associados ao suicídio. Com base nesta ferramenta, estudos de caso revelaram que alguns indivíduos se mataram ou cometeram sérias tentativas de autoextermínio após receberem ou acessarem informações sobre métodos de suicídio disponibilizadas pela Internet (Adekola, Yolles & Armenta, 1999; Baume, Cantor & Rolfe, 1997; Becker et al., 2004; D'Hulster & Van Heeringen, 2006).

Fazendo-se uso da funcionalidade do *Google* supracitada, alguns pesquisadores já se empenharam em buscar correlações entre os usos da Internet e as taxas de suicídios. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos revelou que os volumes de buscas sobre esse tema no *Google* estão correlacionados com as estatísticas de suicídio e auto-lesão entre jovens (Centers of Disease Control, 2010; citado por McCarthy, 2010). Pesquisadores no Japão e em Taiwan identificaram que a quantidade de buscas sobre vocábulos associados ao suicídio também estava relacionada com as taxas de suicídio mensais nestes países (Chang, Page & Gunnell, 2011; Gunn & Lester, 2013; Yang et al, 2011). Esses estudos sugerem que o tipo de uso que se faz da

¹⁹ A pesquisa de Biddle et al. (2016) não incluiu a acessibilidade à conteúdos pró-suicídio no contexto específico das redes sociais.

²⁰ Há controvérsias, portanto, em relação aos benefícios que poderiam ser promovidos com a remoção desses sítios eletrônicos, uma vez que isso poderia acabar com o potencial de atuação destes na prevenção ao suicídio.

Internet pode servir como preditor de atos de mutilação e mortes autoinfligidas (Hagihara, Tarumi & Abe, 2007; Katsumata et al., 2008; McCarthy, 2010).

Em contraste com a população geral, as buscas na *web* por termos associados ao suicídio estão positivamente associadas à auto-lesão e o suicídio de adolescentes, sugerindo uma maior vulnerabilidade no uso da Internet por esta população (McCarthy, 2010). Algumas pesquisas já confirmaram que o uso da Internet está correlacionado à um maior risco de epidemias e pactos de suicídio entre jovens (Hagihara, Tarumi & Abe, 2007; Katsumata et al., 2008). Esses fatores, em conjunto, sugerem que a habilidade crítica para o uso da Internet deve ser algo trabalhado com os jovens, uma vez que o problema não reside tão somente na ampla oferta de conteúdos suicidas disponibilizada pela rede.

Uma pesquisa brasileira, voltada à investigação da temática suicida nos *sites* de busca, indicou que não foram encontradas páginas brasileiras ou em português com conteúdo pró-suicídio, ou seja, que promovessem, facilitassem ou encorajassem atos suicidas (Gomes, Baptista, Carneiro e Cardoso, 2014). Essa pesquisa, contudo, não levou em consideração as ferramentas de busca existentes dentro das redes sociais, tomou como base somente os sites de busca.

Interessados em identificar se, em média, grupos populacionais com mais acesso a informações também são mais propensos à prática de suicídio, Loureiro, Moreira e Sachsidá (2013) realizaram uma pesquisa utilizando-se de dados dos 27 estados do Brasil, durante o período compreendido entre os anos de 1980 e 2009. Esta pesquisa revelou que o índice de influência midiática é o terceiro mais associado ao suicídio da população geral, depois do desemprego e da violência. Apoiada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), o modelo estatístico estimado por este estudo mostrou que o aumento de 1% no índice “Mídia” elevava a taxa de suicídio de homens jovens (com idade entre 15 e 29 anos) em 5,34%.

Os resultados das pesquisas e estudos aqui revisados sugerem que existem grupos populacionais que, sob efeito das influências midiáticas e da Internet, estão mais vulneráveis à prática do suicídio. Dentre os grupos apontados pelos autores, destacam-se os adolescentes, cuja interação social é comumente influenciada e delimitada pelo comportamento grupal. Nesse sentido, Gunter e Furnham (1998) reconhecem que o desejo social de vincular-se à grupos está também associado à necessidade adolescente de afirmar sua individualidade em busca de formar e consolidar a identidade.

Considerações Finais sobre Internet e Suicídio Juvenil

O desenvolvimento de políticas públicas voltadas à prevenção do suicídio por meio de ferramentas *on-line* é altamente complexo. Estas estratégias devem ser capazes de distinguir os fatores protetivos daqueles que são prejudiciais no uso da *web*, nas contendas de uma questão que envolve, simultaneamente, a violação e a proteção do direito à liberdade de expressão (Durkee, Hadlaczky, Westerlund & Carli, 2011; Niezen, 2013; Tam, Tang & Fernando, 2007). Os apelos para uma maior regulação da Internet representam um grande e controverso desafio, dado que incorrem no risco de eliminação de alguns dos aspectos mais benéficos promovidos pela rede mundial de computadores. Encontrar um equilíbrio entre as oportunidades de aproveitamento da *web* e seus potenciais riscos, reduzir o estigma e proporcionar apoio, sem deixar de proteger usuários vulneráveis é, portanto, algo que se faz necessário (Biddle et al., 2016).

Do mesmo modo como a Internet já tem sido utilizada no auxílio ao monitoramento da propagação de agentes infecciosos, os volumes de pesquisa em *sites* de busca também podem servir como indicadores úteis para o rastreamento de indivíduos suicidas. Os esforços para prevenção e manejo de crises no âmbito da saúde mental podem ser beneficiados pelo uso de ferramentas *on-line*, pois estas permitem o rastreamento em larga escala e em tempo real das populações mais vulneráveis (McCarthy, 2010).

Diante deste cenário, é imprescindível que sejam realizadas pesquisas com a finalidade de mapear o uso que os jovens fazem da Internet na própria rede, uma vez que estes são grupos considerados mais vulneráveis à influência midiática (Loureiro, Moreira & Sachside, 2013). É importante que estas pesquisas sejam realizadas no contexto das redes sociais, onde se identifica a intensa participação da população jovem (Barbosa, 2013). Desde 2010, o *Facebook* é considerado o site mais popular da Internet, tendo desbancado o tradicional *site* de buscas do *Google*, que sempre teve um papel chave na *web* (Harvey, 2010). A popularidade do *Facebook* no Brasil é expressiva, pois já alcançou 99 milhões de pessoas, ou seja, 8 em cada 10 brasileiros possui um perfil nesta rede social (Facebook, 2016; Social Bakers, 2016).

MÉTODO DE PESQUISA

A seguir apresenta-se a justificativa do projeto empreendido neste trabalho. São abordados os objetivos gerais, específicos e os procedimentos de pesquisa. Depois são esboçadas considerações pertinentes ao procedimento de análise de mensagens suicidas e de conversações mediadas pelo uso do computador. Posteriormente, apresenta-se a estrutura de como se estabelece uma postagem no *Facebook*. Por fim, são abordados, com detalhes, os procedimentos metodológicos, as etapas de pesquisa e o modo como os dados foram sistematizados.

Justificativa do Projeto

Atualmente, do ponto de vista global, o suicídio é a segunda principal causa de morte de jovens com idade entre 15 e 29 anos (WHO, 2014). No Brasil, entre 2000 e 2012, o aumento de suicídio de adolescentes na faixa-etária entre 10 e 19 anos fora maior do que o identificado em todas as outras idades (Waiselfisz, 2014). Embora existam poucos registros de suicídio e comportamento suicida antes da puberdade, reconhece-se que o risco de suicídio aumenta ao final da adolescência, momento em que também se identifica uma maior probabilidade para o desenvolvimento e manifestação de transtornos mentais. Como muitos dos pródromos dessas condições de adoecimento e sofrimento se perfazem na infância e adolescência, este último torna-se um período de tempo crítico para intervenção (Horowitz, Bridge & Boudreaux, 2014).

Na medida em que o comportamento suicida representa uma via de escape de sofrimentos intensos e insuportáveis, este pode ser considerado uma situação limite, de sofrimento grave e que serve como parâmetro da saúde mental. Os transtornos em adultos são extensões de problemas emocionais e comportamentais da infância e juventude pelo efeito cumulativo dos múltiplos fatores que afetam o desenvolvimento psicológico (Horowitz, Bridge & Boudreaux, 2014; Kim-Cohen et al., 2003; Pridmore, 2014). Nesse sentido, a identificação precoce de fatores de risco e a prévia intervenção sobre eles podem reduzir impactos pessoais, familiares, sociais e econômicos dessas condições (Remschmidt & Belfer, 2005). Esses elementos tornam a atenção à saúde do adolescente um campo prioritário no planejamento de políticas públicas voltadas à prevenção do suicídio (Ministério da Saúde, 2005).

Reconhecendo-se a heterogeneidade do comportamento suicida e os alarmantes dados sobre o aumento do suicídio de adolescentes no século XXI, fomenta-se a relevância de que as pesquisas em suicidologia avaliem elementos de socialização da pós-modernidade, pois estes perfazem novas modalidades de sofrer e de manifestar sofrimento que podem estar associadas a esse aumento. Este estudo dá especial ênfase às mudanças sociais promovidas pelo advento da Internet.

O surgimento e a popularização das redes sociais têm reconfigurado as dinâmicas de interação social e práticas de comunicação daqueles que têm acesso à rede, sobretudo, crianças e adolescentes, que têm entrado em contato com o mundo virtual cada vez mais cedo e de forma mais intensa (Belloni & Gomes, 2007). No Brasil, o uso da Internet por adolescentes é maior do que a média da população geral (Barbosa, 2013).

Infelizmente, o acesso às mídias digitais pode vir acompanhado de inúmeras situações de risco²¹, que incluem o contato com publicações que fomentam ou encorajam o suicídio (Ferreira, 2007). Pesquisas internacionais têm revelado que, em contraste com a população geral, as buscas na *web* por termos associados ao suicídio estão positivamente associadas à autolesão e o suicídio de adolescentes, fator que sugere uma maior vulnerabilidade no uso da Internet por parte desta população (Chang, Page & Gunnell, 2011; Gunn & Lester, 2013; Yang, Tsai, Huang & Peng, 2011). Outros estudos já confirmaram que o uso da Internet está correlacionado à um maior risco de epidemias e pactos de suicídio entre jovens (Hagihara, Tarumi & Abe, 2007; Katsumata, Matsumoto, Kitani & Takeshima, 2008; McCarthy, 2010).

Diante deste cenário, é imprescindível que sejam realizadas pesquisas com a finalidade de mapear o uso que jovens fazem da Internet, uma vez que estes são grupos considerados mais vulneráveis à influência midiática (Loureiro, Moreira & Sachsida, 2013). Deve-se levar em consideração o público juvenil no modo como este se apresenta na *web*: enquanto sujeitos ativos de seus processos de desenvolvimento e socialização. Portanto, nas futuras pesquisas em suicidologia, devem ser investigadas informações que contemplem as percepções, opiniões e atitudes dos adolescentes em relação ao suicídio. É importante que se esteja atento ao desenvolvimento de políticas públicas e estratégias que possam potencializar benefícios e oportunidades, e atenuar riscos ou danos associados à interação virtual (Barbosa, 2013; Belloni & Gomes, 2007).

Propõe-se com este trabalho, portanto, a realização de uma pesquisa sobre o comportamento suicida de adolescentes nas redes sociais. Visa-se, deste modo, identificar e analisar os elementos das interações virtuais que podem se configurar como indicadores de risco ou proteção ao suicídio de adolescentes. Vários estudos análogos ao que aqui se propõem existem na

²¹ Em relação às habilidades para o uso crítico da Internet, a pesquisa TIC Kids Online Brasil revelou que a maioria, 58%, das crianças e adolescentes, sabem alterar as configurações de privacidade dos perfis em redes sociais; 42% declaram ter hábito de checar uma mesma informação em *sites* diferentes para verificar veracidade; e 39% é capaz de bloquear conteúdos indesejados como propagandas e outros lixos eletrônicos (Barbosa, 2013, p. 127). Nesta pesquisa, contudo, apenas 8% dos pais ou responsáveis pelos respondentes acreditavam que as crianças e adolescentes tivessem passado por alguma situação de incômodo ou constrangimento (Barbosa, 2013, p. 132).

literatura internacional (Adekola, Yolles & Armenta, 1999; Baume, Cantor & Rolfe, 1997; Becker et al., 2004; Chang, Page & Gunnell, 2011; D'Hulster & Van Heeringen, 2006; Gunn & Lester, 2013; Hagihara, Tarumi & Abe, 2007; Katsumata et al., 2008; McCarthy, 2010; Yang et al, 2011), todavia, o tema ainda é incipiente no Brasil, e este estudo visará, portanto, sanar esta lacuna. A análise de postagens suicidas publicadas por adolescentes nas redes sociais apresenta em si grande valor heurístico, uma vez que poderá apontar particularidades que sugerem vias de investigação deste problema no contexto brasileiro, ainda tão pouco estudado neste tema.

Objetivos

Esta pesquisa parte da premissa de que é possível identificar indicadores de risco e de proteção à saúde mental nas interações virtuais. O presente trabalho tem como objetivo primário analisar postagens de uma página do *Facebook* voltada à publicação de conteúdos suicidas por adolescentes. Visa-se, assim, identificar e analisar os elementos das interações virtuais que podem se configurar como potencializadores ou atenuadores do risco de suicídio de adolescentes.

Aproveitando-se da facilidade de acesso aos conteúdos *on-line* e do baixo custo que envolve este tipo de pesquisa, espera-se que este trabalho influencie pesquisadores da saúde a vislumbrarem a relevância e o potencial analítico do que é compartilhado nas redes sociais. Anseia-se, por fim, oferecer suporte para a criação de novos programas de prevenção, intervenção e tratamento de adolescentes em crises suicidas. Dado o efeito cumulativo dos múltiplos fatores que afetam o desenvolvimento emocional e comportamental, os resultados dessa pesquisa também poderão ser úteis para compreensão do comportamento suicida de outras populações, como adultos e idosos.

Objetivos Específicos

1. Realizar um levantamento do perfil sociodemográfico (sexo, idade, região do país) dos usuários que seguem a página do *Facebook* selecionada para esta pesquisa.
2. Selecionar para amostra da pesquisa todos os conteúdos publicados em um período de tempo delimitado.
3. Realizar um levantamento estatístico da página (quantidade de seguidores, publicações, visualizações, curtidas, compartilhamentos e comentários). Analisar as postagens da amostra afim de verificar: o tipo conteúdo publicado; o modo como os usuários interagem e reagem diante das publicações (O que indicam as reações, compartilhamentos e comentários dos

usuários da página? Há mecanismos de reforço e legitimação dos discursos, de modo que se identifique um incentivo ao engajamento em comportamentos suicidas? Há algum tipo de empatia, acolhimento ou fornecimento de apoio aos jovens que manifestam comportamentos suicidas?).

4. Buscar, com base no referencial teórico empreendido, sentidos e significações plausíveis para a publicação de conteúdos suicidas e para interação virtual promovida na página do *Facebook* selecionada.
5. Avaliar se o modo como se estabelecem as interações virtuais dessa página do *Facebook* podem compreender indicadores de risco e de proteção ao suicídio.

Análise de Mensagens Suicidas

No intento de se investigar os fenômenos que fundamentam o comportamento suicida, pesquisadores têm se utilizado de diversos métodos, dentre eles: análise de estatísticas oficiais do suicídio, análise epidemiológica do suicídio, revisão de inquéritos policiais, autópsias psicológicas, estudo com pessoas que tentaram suicídio e a análise de bilhetes/mensagens de suicídio (Bhatia, Verma & Murty, 2006; Leenaars, De Wilde, Wenckstern, & Kral, 2001; Platt, Backett, & Kreitman, 1988; Rockett, 2010; Värnik et al., 2010). A investigação aberta e sistemática do comportamento suicida, contudo, não é tarefa simples. Nos casos de suicídio consumado, por exemplo, a maioria dos métodos disponíveis são indiretos e retrospectivos (Hernández, García & Lara, 2011).

Ainda que cada método supracitado implique em benefícios específicos, a análise de mensagens suicidas tem sido indicada como uma via próxima e direta para compreensão de aspectos psicodinâmicos do comportamento suicida (Ho, Yip, Chiu & Halliday, 1998; Leenaars, 1998; Salib, Cawley & Healy, 2002). Estima-se que de 12% a 15% dos que se suicidam, e 30% dos que tentam suicídio, deixem, por escrito, uma mensagem. Por serem obras espontâneas e voluntárias, estas podem constituir uma importante fonte de informação da “mente suicida”, pois geralmente são produzidas no momento em que se vivencia uma situação limite e de sofrimento insuportável (Leenaars, 1998).

A análise sobre o material linguístico e discursivo dessas mensagens pode revelar dados relevantes acerca do estado psicológico do suicida, suas representações de si, de suas relações e do mundo (Wadi & Souza, 2005). Seja visto como uma maneira de justificar o ato, despedir-se ou simplesmente desabafar, essas mensagens têm servido, tradicionalmente, como ponto de

partida para a tentativa de esclarecimento de aspectos motivacionais, de fatores de risco e eventos de vida precipitadores do suicídio (Ho, Yip, Chiu & Halliday, 1998).

Análise de Conversações Mediadas pelo uso do Computador

Conforme indicam Malheiros e Lima (2013), o uso maciço das redes sociais tem criado um ambiente digital onde grande parte das pessoas consegue se expressar através do compartilhamento de textos, imagens, vídeos e todo tipo de arquivo suportado pela rede. Essa avalanche de dados gerada pelos usuários do *Facebook* é valiosa, pois têm servido como fonte de análise de empresas e institutos de pesquisa interessados em saber a opinião e os sentimentos dos usuários em relação à produtos, serviços e outros temas específicos (Boyd & Ellison, 2007; Java, Song, Finin & Tseng, 2007; Ku, Ke & Chen, 2009; Teixeira & Azevedo, 2011).

O *Facebook* permite que se tenha acesso, a qualquer instante, ao que milhares de pessoas estão pensando, sentindo e expressando sobre qualquer assunto, inclusive ideias e comportamentos suicidas. Esta plataforma permite que se façam buscas por conteúdos postados de modo público de acordo com as palavras-chaves fornecidas. Desse modo, é possível listar mensagens na rede que estejam relacionadas de acordo com uma determinada temática, período, produto, evento, etc. (Malheiros & Lima, 2013; Recuero & Soares, 2013). Por meio de um aplicativo denominado API (*Application Programming Interface*), o próprio *Facebook* disponibiliza, gratuitamente, gráficos e estatísticas acerca do perfil sociodemográfico (gênero, idade, localização geográfica) dos usuários que seguem uma página ou *fanpage*, e dos índices de visualização, curtidas, compartilhamentos e comentários de publicações (Teixeira & Azevedo, 2011).

Diversos autores têm apresentado vantagens do uso das redes sociais para a realização de pesquisas: estas podem ser realizadas em grande escala, de acordo com a quantidade de usuários identificados em cada pesquisa; permitem amplo acesso, pois o que é postado publicamente é acessível à qualquer pesquisador; são de baixo custo, pois demandam apenas o uso de instrumentos capazes de armazenar, analisar e computar dados; é rápida e automática pois todo trabalho de identificação e classificação dos conteúdos pode ser feito com auxílio de ferramentas computadorizadas; é pública, pois os seus usuários sabem que suas postagens são de acesso aberto para a comunidade de internautas; é voluntária pois lida com dados que são postados de modo espontâneo por seus usuários, sem que haja a interferência ambiental da presença de um pesquisador (Boyd & Ellison, 2007; Java, Song, Finin & Tseng, 2007; Ku, Ke & Chen, 2009; Malheiros & Lima, 2013; Teixeira & Azevedo, 2011).

A conversação mediada pelo computador (CMC) apresenta alguns elementos específicos: privilegia o anonimato em detrimento da identificação; proporciona um distanciamento físico entre as pessoas que interagem; é persistente, pois seus conteúdos podem ser acessados atemporalmente e em contextos diversos; é um tipo de comunicação que ainda privilegia o texto, em detrimento de outros formatos como imagens e vídeos (Recuero, 2008; Reid, 1991). Na CMC que se estabelece nas redes sociais, a estrutura e o conteúdo da conversação apresentam-se como aspectos que se complementam na percepção e análise das interações virtuais (Recuero, 2009).

Estrutura das Publicações de uma Página no *Facebook*

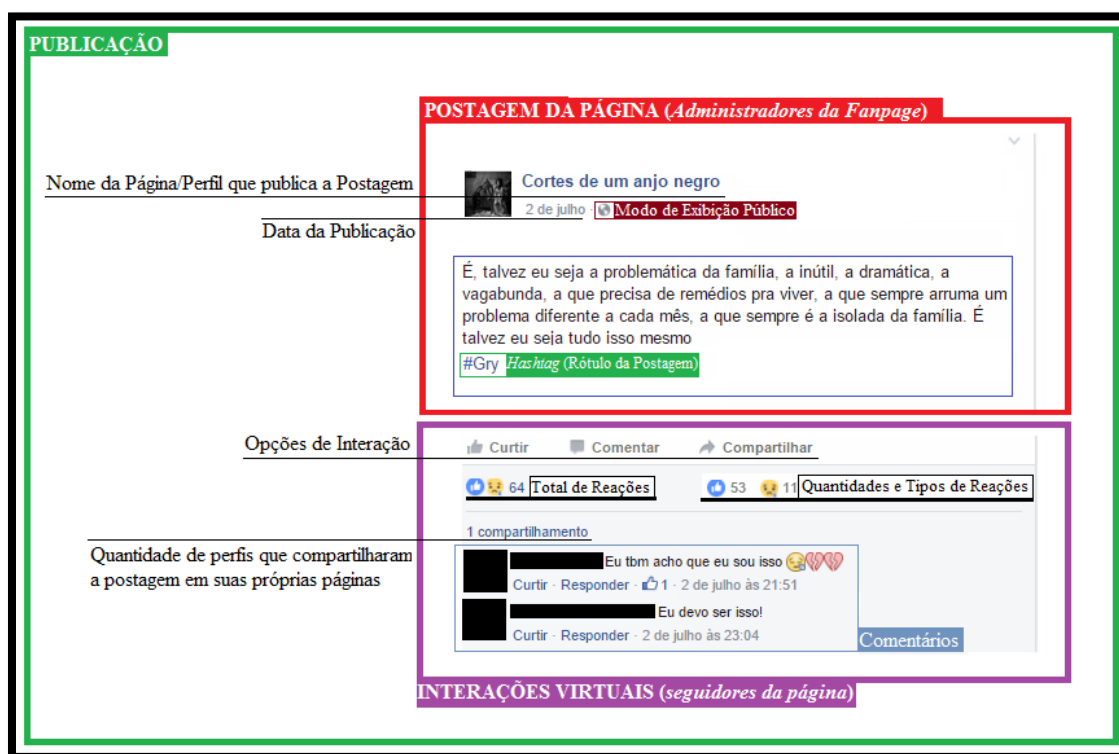


Figura 01. Exemplo de uma Publicação no *Facebook*

Na Figura 01, tem-se a versão editada de uma publicação em uma *fanpage* do *Facebook*. Neste trabalho, o termo publicação compreende o conjunto de todos os elementos associados à uma postagem (conteúdo expresso e interações virtuais). Nesta imagem, a estrutura da publicação corresponde ao retângulo verde. No retângulo vermelho, tem-se a postagem da página, que compreende o conteúdo publicado por seus administradores. Na parte superior esquerda da postagem, tem-se a foto de identificação e o nome da página ou perfil que publicou o conteúdo.

Logo abaixo dos caracteres identificadores da *fanpage* (título e imagem), tem-se a data de publicação da postagem, seguida de uma pequena figura do planeta terra. Este é o símbolo que designa o modo de exibição pública desta postagem, e significa que qualquer usuário do *Facebook* pode visualizá-la. No retângulo azul interno da postagem, tem-se a publicação de um conteúdo em formato textual. Nesta seção, caberia também a publicação de arquivos em outros formatos, como imagens, Gifs²² ou vídeos (Ver Figura 01).

Na parte inferior da postagem, identifica-se, em tom azul, a inscrição “#Gry”. O símbolo que antecede a palavra é denominado *hashtag* e utilizado nas redes sociais como mecanismo para rotular um conteúdo publicado. É por meio do uso de *hashtags* que um usuário pode encontrar publicações que fizeram uso de um determinado descritor. Nesta pesquisa, por exemplo, o uso de *hashtags* associadas ao suicídio, permitiu que fossem identificadas páginas no *Facebook* voltadas à publicação deste tipo de conteúdo (Ver Figura 01).

Por fim, na parte inferior da imagem tem-se um retângulo roxo referente a seção das interações virtuais. Esta é a seção da publicação onde os usuários, seguidores e administradores de uma página podem interagir com o conteúdo postado. As interações virtuais no *Facebook* são realizadas por meio de reações, compartilhamentos e comentários (Ver Figura 01).

Originalmente, o *Facebook* apresentava apenas uma possibilidade de reação aos conteúdos publicados: a curtida. Em fevereiro de 2016, surgiram seis possibilidades de reação: ‘Cur-tir’, ‘Amei’, ‘Haha’, ‘Uau’, ‘Triste’ e ‘Grr’ (Prado, 2016). Essas reações são de apelo emocional e representadas de modo imagético, por meio de *emoticons*²³, conforme revela a Figura 02. A reação de curtida é simbolizada pelo desenho de uma mão com o dedo polegar estendido, imagem tradicionalmente conhecida como *joinha*; a reação denominada ‘Amei’ é simbolizada pelo desenho de um coração; ‘Haha’ apresenta um *emoticon* gargalhando; ‘Uau’ um *emoticon* com uma cara que pode ser interpretada tanto como reação de surpresa quanto de assombro; ‘Triste’ um *emoticon* chorando e ‘Grr’ um *emoticon* irado, com cara de raiva.

²² GIF (*Graphics Interchange Format* ou Formato para Intercâmbio de Gráficos) compreende um formato de mapa de *bits* que compacta um quadro de imagens numa animação breve (Almeida, 2016).

²³ *Emoticon* é uma palavra derivada da junção dos termos “*emotion*” e “*icon*” (emoção e ícone, em inglês). Trata-se de uma forma de comunicação paralinguística que envolve uma sequência de caracteres tipográficos, ou imagens reduzidas, que visam simbolizar estados psicológicos ou emocionais na comunicação mediada pelo computador (Piercy, 2013).

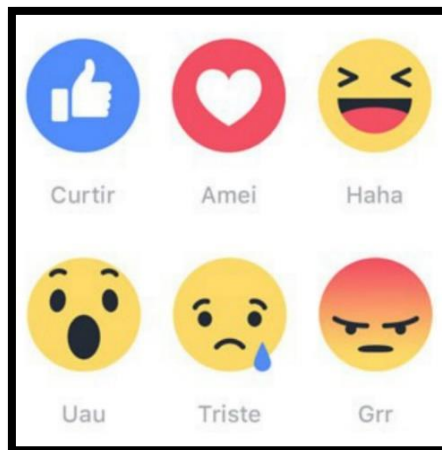


Figura 02. Possibilidades de Reações no *Facebook*

A Figura 03 traz uma ampliação da seção referente às interações virtuais. Na parte superior dessa imagem, tem-se as opções de interação com o conteúdo postado. Embora aqui tenha-se somente o ‘Curtir’, o clique nesta opção abre uma barra de ferramentas que permite que o usuário faça uso das outras formas de reação disponibilizadas. Logo abaixo das opções de interação, tem-se um conjunto de *emoticons* seguido de números. À esquerda, tem-se o total de reações e, à direita, as quantidades e tipos de reações que foram emitidas nesta publicação (no caso, 53 de ‘Curtir’ e 11 de ‘Triste’, compondo um total de 64 reações).

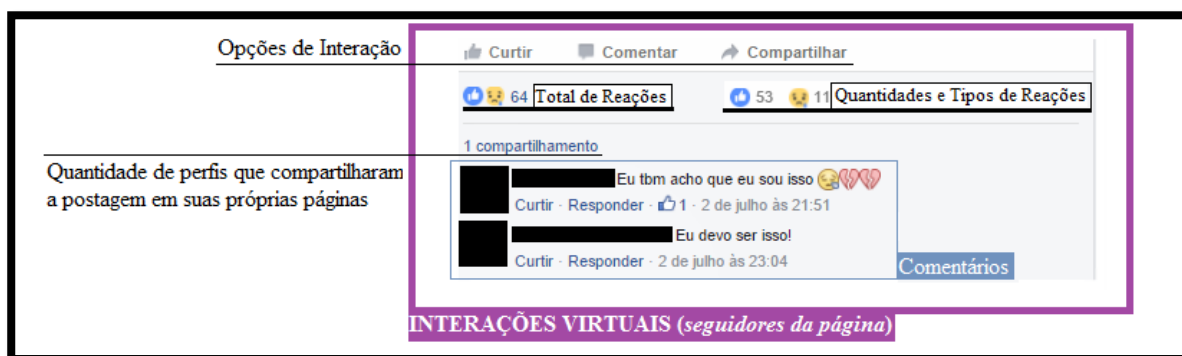


Figura 03. Interações virtuais no *Facebook*

Abaixo das reações há a indicação da quantidade de perfis (usuários ou seguidores) que compartilharam essa mesma postagem em suas páginas (Ver Figura 03). Quando alguém compartilha uma postagem, este conteúdo é imediatamente republicado em sua *timeline*²⁴. Nesta publicação, por exemplo, identifica-se que apenas uma pessoa compartilhou a postagem. Por fim, no retângulo azul desta imagem, tem-se a seção dos comentários. Aqui, observa-se a interação de duas pessoas que emitiram comentários. Tal qual a postagem, nesta seção, também se

²⁴ *Timeline*, ou linha do tempo, refere-se ao mural de postagens de uma página ou perfil do *Facebook*.

tem a foto de identificação e o nome do perfil de quem publicou o comentário (dados omitidos nesta pesquisa).

Procedimentos Metodológicos

A presente seção visa abordar, com detalhes, o delineamento desta pesquisa exploratória, não-experimental, de cunho analítico, retrospectivo e qualitativo, que buscou analisar publicações de adolescentes em uma página do *Facebook* que compartilha conteúdos suicidas. Esta pesquisa visou, por meio da análise hermenêutica, fenomenológica e de conteúdo, identificar e definir que categorias e unidades de significado, associadas ao comportamento suicida, emergem das postagens e interações virtuais desses adolescentes.

Optou-se por fazer análise de conteúdos publicados em uma página do *Facebook*, pois desde 2010 este é considerado o *site* mais popular da Internet (Harvey, 2010). O *Facebook* congrega hoje 99 milhões de usuários brasileiros, contabilizando a segunda maior população dos mais de 1,6 bilhões de usuários da ferramenta no mundo (Social Bakers, 2016). No Brasil, em 2013, a taxa de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos que possuíam um perfil no *Facebook* era de 77% (Barbosa, 2013, p. 123).

A busca por páginas que publicassem conteúdos suicidas no *Facebook* fora realizada por meio das seguintes palavras-chaves, em português: *mensagem suicida; mensagens suicidas; suicida; e suicidas*. Para este trabalho, foram levados em consideração somente sítios eletrônicos brasileiros. Optou-se por focar especificamente em uma página, *Cortes de um Anjo Negro* (<https://www.Facebook.com/cortes.de.um.anjo.negro>), pois era a de maior popularidade dentre as pesquisadas. Com mais de 31 mil seguidores, essa *fanpage* publica conteúdos suicidas que são reproduzidos e compartilhados na rede por dezenas (às vezes centenas) de usuários.

Esta pesquisa se utilizou dos dados postados em uma página aberta do *Facebook*, analisando conteúdos de acesso público e universal. Este trabalho não contou com a participação direta de nenhum dos sujeitos envolvidos e, para segurança destes, foram omitidos os nomes e imagens de identificação do perfil dos usuários da *fanpage*. Buscou-se empreender a análise de todas as postagens e interações virtuais realizadas nos meses de julho e agosto de 2016. Ao total, foram identificadas para análise 198 publicações e 12136 interações virtuais. Esses dados foram colhidos, registrados e sistematizados nos dias dois e três de setembro de 2016.

Para avaliação dos dados quantitativos, foram analisadas as frequências de registro de postagens e interações virtuais (reações, compartilhamentos e comentários) de todas as publi-

cações da amostra de pesquisa. A avaliação dos dados qualitativos fora feita com base no processo de categorização da Análise de Conteúdo. Com base na literatura listada ao longo da introdução, buscou-se, por fim, encontrar os sentidos e significações possíveis das postagens e interações virtuais analisadas neste trabalho.

Geralmente, a Análise de Conteúdo se dá em duas vias: a quantitativa e a qualitativa. Na abordagem quantitativa são traçadas as frequências de determinadas características que se repetem, sejam assuntos específicos, estilismos ou representações semióticas. A abordagem qualitativa, por sua vez, busca uma análise conjuntural dos aspectos prevaletentes, seus sentidos e significados (Câmara, 2013; Caregnato & Mutti, 2006). Nas palavras de Bardin, a Análise de Conteúdo compreende:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Etapas de Pesquisa

Primeiramente, foram coletadas, registradas e sistematizadas²⁵ para análise, todas as publicações da *fanpage* realizadas entre os meses de julho e a agosto de 2016²⁶. Após a sistematização dos dados, estes passaram pelo processo de categorização da Análise de Conteúdo. Posteriormente, os resultados das análises foram interpretados com base na literatura apresentada.

Uma vez que as análises desta *fanpage* envolviam conteúdos multimodais (imagem, Gif, vídeo ou texto), optou-se por, primeiramente, realizar uma análise isolada de cada elemento da publicação: a postagem e cada interação virtual estabelecida (reações, compartilhamentos e comentários), para depois buscar compreensões conjunturais. Esta escolha fora realizada pois, identificou-se que, em muitas ocasiões, a postagem continha mensagens imagéticas e textuais diferentes. Quando numa mesma postagem eram identificados conteúdos diferentes, esta poderia ser enquadrada em categorias distintas (por exemplo, na mensagem “Estou triste e quero morrer” identifica-se tanto o elemento da tristeza quanto o da ideação suicida). Quando numa postagem identificava-se o mesmo conteúdo expresso de formas distintas (por exemplo, uma

²⁵ A próxima seção deste capítulo abordará o modo como estes dados foram sistematizados.

²⁶ Os dados que serviram para análise deste estudo foram oriundos unicamente das cópias das postagens e interações virtuais deste sítio eletrônico, durante o período da coleta de dados da pesquisa. Este estudo não fez uso de quaisquer fontes secundárias de dados, tais como informações pessoais dos usuários que seguem a página. Tampouco houve retenção de amostras para armazenamento em banco de dados.



imagem de uma pessoa chorando, junto à mensagem “Estou triste”) esta postagem era classificada uma vez para a imagem e outra para a mensagem textual, na categoria pertinente. Uma prática análoga a esta fora realizada com as interações virtuais.

Simultaneamente à fase de coleta dos dados, enviou-se uma mensagem por *Facebook* para a administração da página. Esse contato tinha como objetivo divulgar o interesse de se realizar uma pesquisa com os dados sociodemográficos da *fanpage*. Aproveitou-se a ocasião para informar que quaisquer tipos de dados identificatórios dos usuários ou administradores da página seriam omitidos, para segurança dos mesmos. Informou-se que, caso houvesse interesse em colaborar com a pesquisa, a participação envolveria tão somente a disponibilização das estatísticas e gráficos gerados pelo *Facebook*.

Sistematização dos Dados

A Tabela 01 apresenta o modelo estrutural de como as publicações foram sistematizadas para análise (uma versão completa desta tabela, com todas as postagens e interações virtuais, encontra-se no ANEXO I deste trabalho).

Tabela 01
Sistematização dos dados coletados nas Publicações da Página

Publicação	Tipo de Arquivo (Descrição)	Mensagem (Texto)	Reações	Compartilhamentos	Comentários
P2 "Palavras machucam... Eu tenho as provas" #Gry	<u>Texto</u> Texto digitado na <i>timeline</i> da página.	"Palavras machucam... Eu tenho as provas" "#Gry"	 CURTIR 53 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 11 GRR 0	0	0
P110	<u>Imagem com Frase</u> Foto de uma jovem chorando com franja sob o rosto e maquiagem borrada por lágrimas.	"Já posso morrer? Ou preciso fingir mais um pouco?" "~strong"	 CURTIR 51 AMEI 1 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 2 GRR 0	0	0

Conforme indica a Tabela 01, na coluna mais à esquerda, é apresentado o código da publicação e a estrutura imagética da postagem. Este código compreende a letra ‘P’ seguida de

uma numeração que corresponde a ordenação das postagens (por exemplo, P1 refere-se à postagem de número 1). Em sequência, são apresentados os tipos de arquivos postados com suas respectivas descrições. Na terceira coluna, tem-se a descrição das mensagens textuais vinculadas à cada postagem. Note que nesta seção são fornecidos também os rótulos ou *hashtags* atribuídos à publicação (palavras precedidas dos símbolos ‘#’ e ‘~’). As três últimas colunas apresentam as possibilidades de interação virtual (reações, compartilhamentos e comentários) com a quantidade de emissões de cada uma delas.

Para facilitar a sistematização dos dados, optou-se por colocar as letras ‘P’, ‘C’ e ‘Sc’ seguido de uma numeração para simbolizar, respectivamente, o número da postagem, comentário ou subcomentário que se faz referência (por exemplo, P1, refere-se à publicação de número um; P1-C2-Sc1, refere-se ao primeiro subcomentário²⁷ emitido no segundo comentário da publicação de número 1). Esta classificação foi utilizada para que o leitor encontre facilmente o elemento citado na Tabela de Publicações e Tabela de Comentários²⁸, presentes no ANEXO I e II deste trabalho.

²⁷ O termo subcomentário é utilizado aqui em referência às respostas que foram emitidas em um comentário.

²⁸ Optou-se por colocar esta tabela em anexo, dada sua extensão, uma vez que foram analisadas 198 postagens.

RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados deste trabalho. Primeiramente, apresenta-se uma descrição detalhada da página do *Facebook* selecionada para pesquisa. Depois, são abordados tópicos referentes ao público interativo da página, à estrutura dos conteúdos que são publicados e às interações virtuais estabelecidas. Por fim, são apresentadas as categorias de análise do conteúdo.

Descrição da Página

Cortes de um Anjo Negro é uma página brasileira do *Facebook* que tem como público interativo jovens e adolescentes²⁹. Trata-se de uma seção desta rede social que se enquadra como *fanpage* (ou página de fãs). Segundo Moch (2015), as *fanpages* do *Facebook* existem para que organizações, empresas, associações, artistas, etc. transmitam informações diretamente aos seus seguidores, público que voluntariamente escolhe se vincular a elas. Existem algumas diferenças entre as *fanpages* e os perfis pessoais no *Facebook*.

O perfil é representado por uma pessoa física e, ainda que uma página leve seu nome, é possível que seja a *fanpage* dessa figura pública, que pode ser acompanhada por seus fãs. Os perfis apresentam a limitação em relação à quantidade de amigos, enquanto as *fanpages* são ilimitadas em relação ao número de seguidores. Ademais, as *fanpages* permitem que se possa analisar seus dados sobre visualizações, curtidas e outras interações virtuais, por meio de relatórios e gráficos estatísticos gerados automaticamente (Moch, 2015).

Apesar do nome da página fazer referência a práticas de automutilação³⁰, seu foco se dá na publicação de conteúdos suicidas e que fazem alusão ao sofrimento psíquico. Na descrição da página tem-se a seguinte inscrição: “A dor tem a capacidade de cortar nossas asas e nos impedir de voar”. Esta *fanpage* se manteve ativa durante a fase de coleta dos dados, apresen-

²⁹ Segundo dados fornecidos pelo *Facebook*, os Termos de Páginas, as Políticas de Uso de Dados e a Declaração de Direitos e Responsabilidades aplicam-se a todas as páginas da rede social. Está em vigência, desde sua criação, uma política que restringe o uso da rede social à menores de 13 anos (Facebook, 2015). Essas são regulamentações que trazem dificuldades para que crianças possam criar contas no *website*. Com isso, a empresa visa não apenas evitar problemas jurídicos, como proteger os usuários menores de idade (Veloso, 2011). Este fator não impede que crianças e adolescentes na faixa-etária abaixo da estipulada façam uso da rede: a estratégia comum consiste em burlar o sistema informando uma idade falsa. Segundo a pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, até 2013, 79% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos tinham um perfil no *Facebook* (Barbosa, 2013).

³⁰ Na página *Cortes de um Anjo Negro*, há a publicação de um diálogo que associa anjos a práticas de automutilação e a ideias suicidas: “aqueles que têm os pulsos marcados são anjos (...) só os anjos se cortam, porque eles não gostam de vida na terra. Eles tentam se matar para retornar ao paraíso.” (Ver P75, na Tabela de Publicações, ANEXO I).

tando uma média de três postagens e 195 interações virtuais por dia, incluindo reações, compartilhamentos e comentários. O presente trabalho compreendeu a análise de 198 publicações e 12136 interações virtuais, realizadas entre os meses de julho e agosto de 2016.

Público Interativo

O *Facebook* disponibiliza ferramentas de análise estatística do perfil de seus usuários (sexo, idade e localização geográfica). Contudo, a inferência acerca da faixa-etária dos usuários da *fanpage* apresenta limitações, uma vez que a Central de Segurança do *Facebook* mantém como informações confidenciais dos menores de idade a data de nascimento, o nome da escola e os dados para contato, informações não disponibilizadas em pesquisas para o público (*Facebook*, 2016). Ademais, infelizmente, o contato com a administração da página não obteve retorno. Portanto, esta pesquisa não contou com as estatísticas e gráficos que poderiam ter sido disponibilizados pelo *Facebook*.

A despeito das limitações supracitadas, fora possível realizar algumas inferências sobre o público interativo da página. A *fanpage* em análise continha mais de 31 mil seguidores em agosto de 2016, sendo a maioria adolescentes e adultos jovens. Tal inferência se faz plausível pois, o uso de um linguajar carregado de jargões e gírias utilizadas por adolescentes; o compartilhamento de conflitos da adolescência e experiências no ambiente escolar; a influência e a difusão de elementos da cultura popular voltados ao público infanto-juvenil (artistas, bandas, programas televisivos, seriados, etc.) são fatores que prevalecem nas postagens, como será demonstrado nas seções seguintes.

A página, em sua estrutura e postagens, apresenta indícios ainda mais específicos sobre seu público interativo, pois a frequência de jovens do sexo feminino que participa ativamente desta é algo que se destaca. Identificou-se que a maioria dos seguidores que interagem ativamente na *fanpage*, são do sexo feminino; e que as representações imagéticas e textuais retratam e se referem, sobretudo, ao público feminino, como será demonstrado a seguir.

Dos 136 comentários registrados nas postagens, 16 (11,8%) foram emitidos pelos administradores da página, cujo gênero não pôde ser identificado. Dos 120 comentários restantes, 107 (89%) foram emitidos por jovens do sexo feminino. Apenas 11% (13) dos comentários adivinham de jovens do sexo masculino, metade dos quais (6) eram subcomentários, ou seja, respostas à comentários emitidos por mulheres. Deste modo, essas participações masculinas em comentários envolviam uma interação direta com as usuárias de sua rede e não necessariamente

com o conteúdo postado. Aqui, interpreta-se que os subcomentários masculinos não foram emitidos de forma direta e espontânea, pois esses eram respostas às mensagens que estes sujeitos foram convocados a participar, por meio da marcação pessoal de seus perfis. Portanto, somente em 5% dos 136 comentários houve uma participação masculina que interagiu com o conteúdo da página.

Das 198 publicações analisadas, 67% (133) fazia uso de recursos imagéticos (imagens e Gifs). Destas postagens, 46% (61) retratavam exclusivamente personagens femininas, enquanto 13,5% (18) das publicações continham somente figuras masculinas. Nos demais recursos imagéticos tem-se a interação de personagens dos dois sexos ou de figuras não humanas.

Do ponto de vista textual, 65% (129) das postagens apresenta uma linguagem neutra ou que não faz apelo a nenhum gênero específico, ainda que no português brasileiro a linguagem universal faça uso de flexões no masculino. Isso ocorre, pois, a maioria das postagens apresenta um emissor indefinido quanto ao gênero na primeira pessoa do singular (“Palavras machucam... Eu tenho as provas”, P2; “Eu menti para você... Penso em morrer todos os dias”, P19) ou mensagens direcionadas que fazem uso do pronome de tratamento ‘você’ de forma neutra (“As decepções fazem você abrir os olhos e fechar o seu coração”, P84; “Você construiu um mundo mágico, porque sua vida real é trágica”, P116).

Nesse contexto, chama atenção o fato de 18 postagens virem direcionadas para o público feminino: seja por partirem de um emissor que se anuncia deste gênero (“Odeio ser tão sozinha”, P14; “Parece que eu carrego uma placa escrito: ‘pronta para ser decepcionada’.”, P109); seja por retratarem diálogos e interações que envolvem mulheres (“O que aconteceu com minha doce menina? - Ela morreu.”, P23; “Ela se apaixonou pelo médico. Viveu saudável, o resto da vida.”, P70); ou por fazerem anúncios voltados diretamente para o público feminino (“Eu vejo as marcas no seus pulsos, sei o motivo delas, sei que você não é idiota nem louca”, P118; “Moça, não olha para baixo aí é muito alto para você se jogar.”, P130).

Estrutura dos Conteúdos

Em relação à estrutura, conforme indica a Figura 04, a maior parte das postagens, 62% (124), fazia uso conjunto de imagens e frases; 16% (32) apresentavam textos publicados na própria *timeline* ou compartilhado de outras páginas, 14% (28) Gifs e 6% (12) apenas imagens. Na amostra coletada para esta análise, a publicação de vídeos só estivera presente em uma postagem.

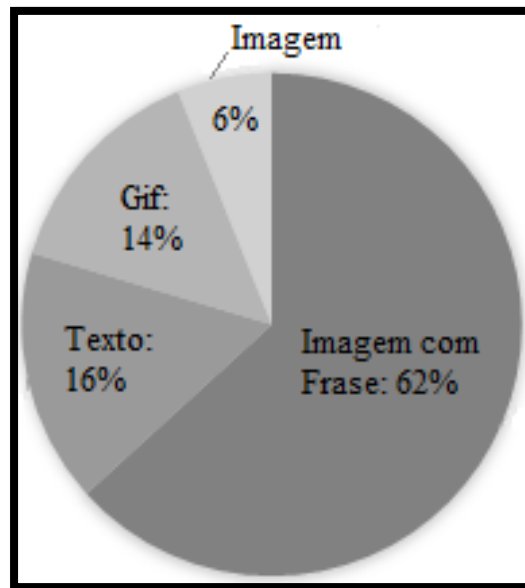


Figura 04. Gráfico sobre a estrutura das Publicações

De modo geral, o uso dos recursos imagéticos (imagens e Gifs) tinha as funções de ambientar, ilustrar ou complementar uma mensagem textual. Na Figura 05 são apresentados exemplos de postagens que fizeram o uso conjunto de imagens/Gifs e frases. A seguir, apresenta-se também o modo como a conjuntura desses recursos, imagéticos e textuais, foram tomados para análise neste trabalho.

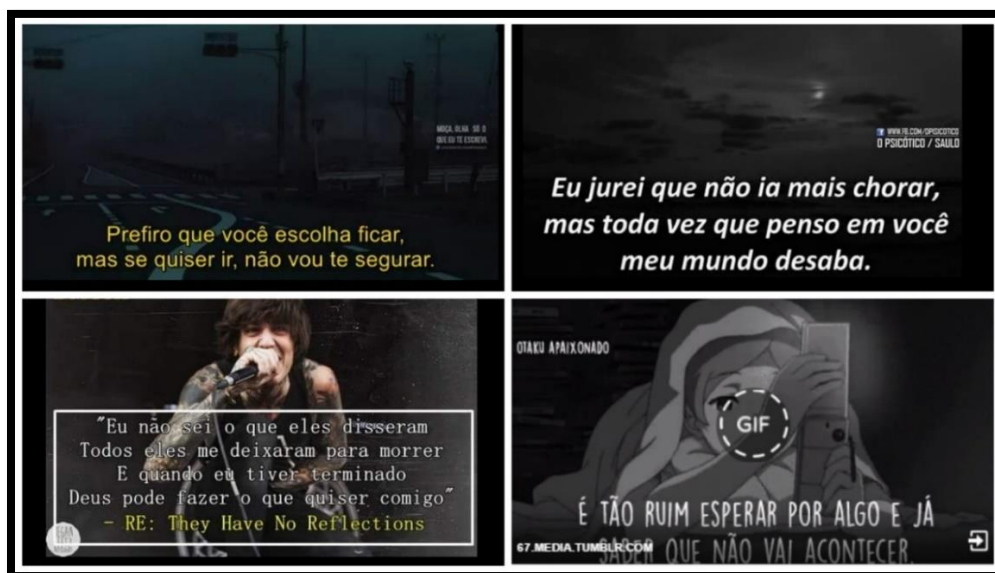


Figura 05. Exemplos de Recursos Visuais utilizados na Fanpage

Na imagem superior esquerda, tem-se a foto de uma estrada com a inscrição da mensagem "Prefiro que você escolha ficar, mas se quiser ir, não vou te segurar" (P137). Na imagem superior direita, tem-se a fotografia do céu com nuvens carregadas, junto à mensagem: "Eu jurei que não ia mais chorar, mas toda vez que penso em você meu mundo desaba" (P146).

Nestas duas ocasiões, o recurso imagético apenas ambienta ou ilustra a mensagem, e a presença da imagem não se faz necessária para adequada interpretação do conteúdo, oferecendo apenas elementos extras que podem ser úteis à análise (Ver Figura 05).

Na imagem inferior esquerda, tem-se a foto do vocalista de uma banda de rock segurando um microfone e a inscrição da mensagem: “*Eu não sei o que eles disseram/Todos eles me deixaram para morrer/E quando eu tiver terminado/ Deus pode fazer o que fizer comigo*” (P133). Neste caso, embora a imagem não complemente a mensagem, sugere que esta frase possa ser atribuída à banda. Na imagem inferior direita, tem-se o Gif de uma menina olhando para o celular, desligando-o, e, em seguida, recolhendo-se sobre sua cama, entristecida. A mensagem inscrita no Gif diz: “*É tão ruim esperar por algo e já saber que não vai acontecer*” (P60). Neste último caso, embora o recurso imagético pudesse ser interpretado de outros modos, a mensagem sugere que a jovem se sentira frustrada por não ter recebido ou visto algo que esperava. Nesta ocasião, os recursos imagéticos e textuais se complementam, o que torna necessária, portanto, a análise conjunta destes elementos (Ver Figura 05).

Outro fator que se estabeleceu de modo constante na estrutura das publicações diz respeito ao uso de *hashtags* ou rótulos nas publicações, elemento presente em 98% das postagens. Dentre as *hashtags* mais comuns, destacaram-se *strong*, presente em 77% da amostra (153), e “suicida”, em 17,6% (35). O uso do rótulo *strong* faz referência à ideia de força em inglês, contudo, não fora identificado nenhum padrão em seu uso, ainda que tenha sido o mais frequente. O uso da *hashtag* “suicida”, por sua vez, apresentou-se de modo mais coerente, pois além de fazer referência imediata ao estado suicida, fora utilizado somente em postagens que continham a manifestação de conteúdos suicidas e de sofrimento psíquico.

Interações Virtuais

As interações virtuais no *Facebook* são realizadas por meio de reações, compartilhamentos e comentários. Das 12136 interações virtuais estabelecidas entre os seguidores da página e o conteúdo postado, 57,2% incluíam reações, 41,7% compartilhamentos e 1,1% comentários (Ver gráfico à esquerda na Figura 06). Essas interações compreenderam, em média, 35 reações e 25 compartilhamentos a cada postagem. Da amostra de interações virtuais coletadas, 6938 compreendiam reações. A maioria das reações, 92%, foram de ‘Curtir’, 5% de ‘Triste’ e 2,5% de ‘Amei’ (Ver gráfico à direita Figura 06).

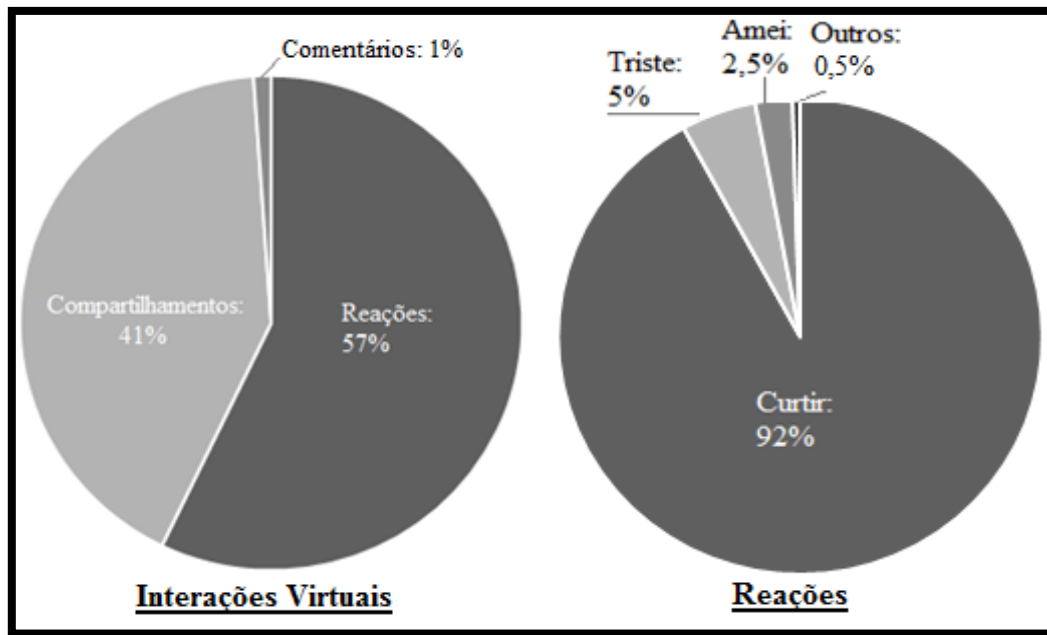


Figura 06. Gráficos de Interações Virtuais e Reações às Postagens

É por meio das funcionalidades disponibilizadas pelo *Facebook* – reações, compartilhamentos e comentários, que se pode constatar o tipo de vínculo e interação estabelecidos entre os administradores da página, seus seguidores e o conteúdo postado. Nesse âmbito, foram identificadas, em postagens e comentários, 43 manifestações³¹ de identificação com o conteúdo publicado. São exemplos desse processo de identificação as seguintes mensagens: “Definiu todo o caralho a quatro que estou vivendo ” (P99), “Issuh Já Acontecei Cm Mg” (P100 – C1, Sexo Feminino), “Eu amo esse post, eu sofro por macho Kklklkjjjj” (P124 – C1, Sexo Feminino).

Ademais, foram identificadas, em postagens e comentários, 32 manifestações³² que denotam o estabelecimento de uma interação direta entre os administradores da página e seu público de seguidores. São exemplos desse tipo de interação as seguintes mensagens: “Oi meus amores, mais tarde vou fazer uma *live* pra falar com vocês, oq acham? ” (P5), “Olá anjinhos!! quanto tempo... desculpe pelo sumiço tive alguns problemas, então não pude publicar” (P18), “A legenda é de vcs” (P64) e “Boa noite para quem vai... boa madru para quem fica... E que amanhã seja um ótimo dia” (P105).

³¹ Ver textos das postagens P10, P12, P14, P42, P69, P75, P76, P95, P99, P134, P143, P174, P183, P185 e P194; e comentários P1 (C1, C2), P26 (C1), P33 (C1), P53 (C1), P60 (C1), P69 (C1), P71 (C1, C2, C3), P96 (C1), P97 (C1, C2), P100 (C1), P107 (C1), P124 (C1, C2, C3-Sc1, C4), P127 (C1), P129 (C1-Sc1), P139 (C1, C2), P156 (C1), P181 (C1) e P187 (C2), nas Tabelas presentes no ANEXO I e II deste trabalho.

³² Ver texto das postagens P5, P24, P27, P33, P59, P64, P77, P79, P105, P111, P112, P124, P132, P134, P173 e P181; e comentários P18 (C1-Sc1; C2-Sc1-Sc2; C3-Sc1; C4-Sc1; C5-Sc1; C6-Sc1; C7-Sc1-Sc2), nas Tabelas presentes no ANEXO I e II deste trabalho.

Categorias de Análise: Sentidos nas Publicações

Os sentidos e significações possíveis das publicações na página *Cortes de um Anjo Negro* foram investigados em toda a estrutura da *fanpage*, o que inclui o conjunto de todas as imagens, textos e interações virtuais (reações, compartilhamentos e comentários). Após a coleta e sistematização desses dados³³, foram identificadas cinco categorias de análise: 1) *Morte e Suicídio*; 2) *Manifestações Sintomáticas*; 3) *Fatores Estressores*; 4) *Fatores de Proteção*; e 5) *Cibercultura*.

A Tabela 02 apresenta a lista de todas as categorias e subcategorias de análise, seguidas da quantidade de registros identificados (em imagens, Gifs, vídeos, textos e comentários) associadas a cada área temática. No ANEXO III deste trabalho, há uma tabela com a listagem de publicações por categoria.

Tabela 02:

Categorias de Análise do Conteúdo (frequências de registro)

Categorias	Subcategorias	Postagens		Interações	Total (N=499)
		Imagem Gif/Vídeo (n=165)	Mensagem (Texto) (n=198)	Comentários (n=136)	
1) Morte e Suicídio	1.1) Referências à morte	4 (2,5%)	7 (3,5%)	--	76 (15,2%)
	1.2) Conteúdos Suicidas	7 (4,2%)	56 (28%)	2 (1,5%)	
2) Manifestações Sintomáticas	2.1) Tristeza e Sofrimento	36 (21,8%)	26 (13,1%)	6 (4,4%)	195 (39,1%)
	2.2) Pessimismo e Desesperança	--	25 (12,6%)	5 (3,7%)	
	2.3) Solidão e Isolamento	2 (1,2%)	16 (8,1%)	2 (1,5%)	
	2.4) Desajuste	--	18 (9,1%)	2 (1,5%)	
	2.5) Esgotamento	2 (1,2%)	11 (5,6%)	3 (2,2%)	
	2.6) Transtorno Mentais e Uso de Substâncias	12 (7,3%)	4 (2%)	--	
	2.7) Esquiva	1 (0,6%)	10 (5%)	2 (1,5%)	
	2.8) Automutilação	7 (4,2%)	4 (2%)	1 (0,7%)	
3) Fatores Estressores	3.1) Amor e Relacionamentos	5 (3%)	23 (11,6%)	18 (13,2%)	87 (17,4%)
	3.2) Abandono e Rejeição	2 (1,2%)	17 (20,2%)	5 (3,7%)	
	3.3) Ideais Estéticos	7 (4,2%)	10 (5%)	--	
4) Fatores de Proteção	4.1) Suporte e Acolhimento	4 (2,4%)	15 (7,6%)	8 (5,9%)	27 (5,4%)
5) Cibercultura	5.1) Cultura Pop	74 (45%)	9 (4,5%)	25 (18,4%)	137 (27,4%)
	5.2) Simulacro	7 (4,2%)	21 (10,6%)	1 (0,7%)	

Morte e Suicídio

Na categoria *Morte e Suicídio* estão incluídas todas as postagens e interações que fazem menções à morte, ao processo de morrer e aos comportamentos suicidas (ideações, planejamentos, métodos e tentativas). Esta categoria compreende duas subcategorias: 1.1) *Referências à*

³³ Ver Tabela de Publicações e Tabela de Comentários presente no ANEXO I e II deste trabalho.

Morte; e 1.2) *Conteúdos Suicidas*. Ao total, foram identificados 76 registros com este tipo de conteúdo, sendo 11 deles associados à morte e 65³⁴ à comportamentos suicidas (Ver Tabela 02).

A publicação P105 apresenta uma história em quadrinhos com a mensagem: “Há muito tempo atrás a vida e a morte se apaixonaram. Desde então a vida envia incontáveis presentes para a morte... E ela os guarda para sempre. ”. Noutra publicação, tem-se a seguinte inscrição: “*A morte é um sono sem sonhos*” (P138). Estes são exemplos de postagens que fazem referências à morte. São exemplos de conteúdos que manifestam ou representam comportamentos suicidas as mensagens: “Eu menti para você... Penso em morrer todos os dias” (P19) e “Já posso morrer? Ou preciso fingir mais um pouco? ” (P110).

De modo geral, identificou-se que as postagens que fazem referências à morte³⁵ apresentavam de maneira ambivalente. Se por um lado, a morte era representada imagetivamente de modo sombrio, triste e com caveiras, por outro lado, apresentava-se, idealizadamente, como uma verdade que desvela características boas do falecido: sua importância, beleza, amabilidade, etc. São exemplos de tais representações da morte as seguintes mensagens: “Morte, porque as pessoas me amam, mas te odeiam? (...) Porque você é uma linda mentira e eu uma dolorosa verdade” (P21); “Todo mundo vai te amar quando o coveiro dizer: 5 minutos para fecharmos o caixão. ” (P40); “Quando eu morrer.. Não chore... Não diga que eu era linda... Não diga que você me ama e está triste porque eu fui. Não diga que você sente minha falta... Quando eu morrer não se atreva a me dizer nada. Porque essas palavras eram tudo que eu precisava para continuar vivendo. ” (P114) e “Eles te excluem por você ser diferente. Xingam por ser estranho, pisam em seus sentimentos. Mas quando você morre, é como se tivessem sido melhores amigos. ” (P143).

Quanto à manifestação de conteúdos suicidas, observou-se que, do ponto de vista textual, prevaleceram três tipos de manifestações: ideias suicidas; caracterizações sobre o suicídio/pessoas suicidas e métodos de suicídio. Nesse sentido, algumas das mensagens sobre ideias suicidas apenas apontavam para o desejo de morte: “(...) Eu não quero viver. ” (P31), “Quando a morte finalmente chegar, vou abrir um sorriso e dizer: Por que você demorou tanto? ” (P91) e “Mentalmente eu já devo ter me suicidado umas mil vezes. ” (P107). Outras, por sua

³⁴ Nesta contagem estão incluídas as 35 ocasiões em que a *hashtag* “suicida” fora incorporada à mensagem. Aqui interpretou-se que tal rótulo simbolizava um estado mental de ideiação suicida.

³⁵ No ANEXO III deste trabalho, há uma tabela com a listagem de todas as publicações que se enquadram em cada categoria.

vez, apresentavam também as motivações para este desejo: “Única coisa que eu queria era morrer, fugir desse mundo hipócrita, pessoas falsas e sentimentos que não são reais” (P18), “ (...) Eles tentam se matar para retornar ao paraíso. Eles são muito sensíveis à dor do outro e deles mesmo. ” (P75), “Quando eu morrer.. Não chore... Não diga que eu era linda... Não diga que você me ama e está triste porque eu fui. (...) Porque essas palavras eram tudo que eu precisava para continuar vivendo. ” (P114).

Foram identificadas as seguintes mensagens com caracterizações sobre a pessoa suicida e o suicídio: “Vivemos em um mundo onde suicidas falam para outros suicidas que o suicídio não é a solução” (P168), “Quem quer morrer se mata, é simples. Porém, observem bem, quem diz que quer morrer, na verdade, quer ajuda” (P171); “Suicidas carregam sempre um belo sorriso no rosto. ” (P29) e “O suicídio começa por dentro” (P41 e P196). As duas primeiras caracterizações refletem a ambivalência entre o desejo de morrer e apenas fugir dos problemas; a terceira aponta para a ambivalência de os suicidas não representarem o que realmente vivem; e a última, sobre o suicídio, parece sugerir que o comportamento suicida não é algo que se inicia no gesto de matar-se. O comportamento suicida aqui teria origens anteriores, que fazem alusão à estados mentais ou outros aspectos internos de um indivíduo.

Do ponto de vista imagético, por sua vez, observou-se que, as postagens que se enquadram na subcategoria *Conteúdos Suicidas* faziam alusão, sobretudo, à métodos de suicídio: queda de altura; superdosagem de medicamentos; lesão por arma de fogo, enforcamento e afogamento. Neste âmbito foram identificadas ainda duas mensagens: “não olha para baixo aí é muito alto para você se jogar... Ela se jogou da janela do quinto andar” (P130) e “Há 4 dias, você tomou um vidro de aspirinas com um litro de vodca ” (P183).

A Figura 07, à esquerda, apresenta a foto (em preto e branco) de uma caixa de remédios caída, aberta, e a junção de comprimidos formando a palavra *bye* (adeus, em inglês). Nesta foto, tem-se a inscrição da mensagem: “Não é tristeza, não é nada... É que as vezes a gente cansa sabe? Cansa de tudo. ” (P127). Este é o exemplo de uma postagem que faz alusão à um método de suicídio (superdosagem de medicamentos).

Na Figura 07, à direita, tem-se uma imagem que chamou bastante atenção nesta seção, pois revela a representação de diversas vivências e pensamentos comuns de uma pessoa suicida (P172, frases originalmente em inglês). Esta imagem apresenta, simultaneamente, o sofrimento e a dor psíquica (“É difícil respirar/Mais uma noite chorando/Deprimida”); o abandono e a rejeição (“Você nem liga / Todos vão embora”); o senso de incompreensão e falsidade alheia (“Sorrisos Falsos /Pare de Julgar/Você nunca vai entender”); o senso de desqualificação pessoal

(“Não sou boa o suficiente”); o comportamento de automutilação (“Eu me corto”) e as ideias suicidas (“Suicídio/ Por favor alguém me mata/ Quero morrer /Minha alma está tentando matar o meu corpo”).

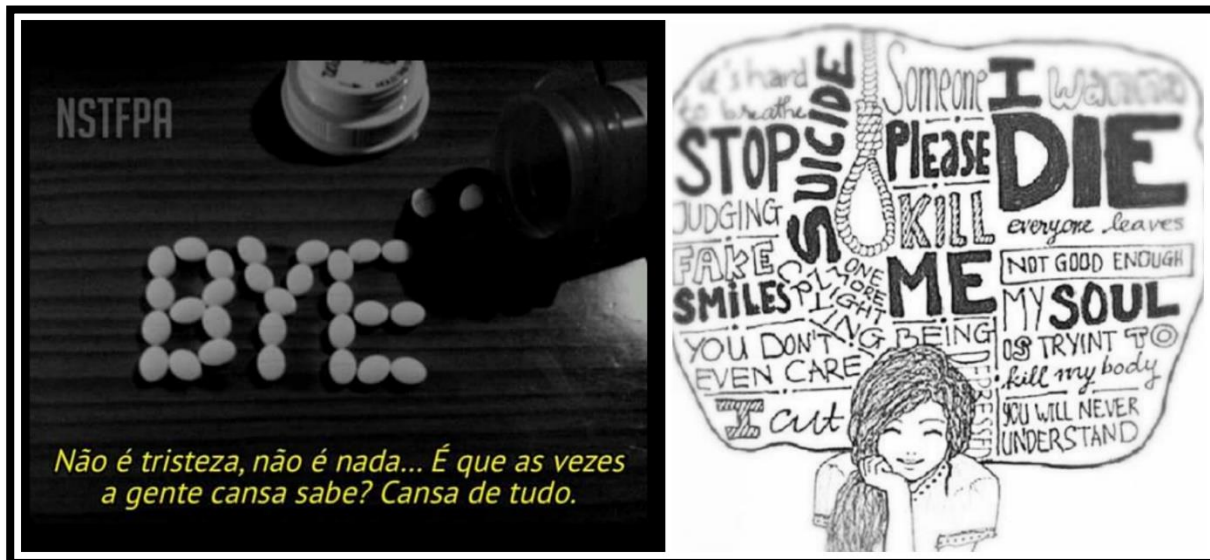


Figura 07. Postagens da subcategoria *Conteúdos Suicidas*

Manifestações Sintomáticas

Na categoria *Manifestações Sintomáticas* estão incluídas todas as postagens e interações que fazem referência à sintomas clínicos. Esta categoria compreende oito subcategorias: 2.1) *Tristeza e Sofrimento*; 2.2) *Pessimismo e Desesperança*; 2.3) *Solidão e Isolamento*; 2.4) *Desajuste*; 2.5) *Esgotamento*; 2.6) *Transtornos Mentais e Uso de Substâncias*; 2.7). *Esquiva*; e 2.8) *Automutilação*. Ao total, foram identificados 195 registros (em imagens, Gifs, textos e comentários) que fazem referência à sintomas clínicos. A seguir, essas subcategorias são apresentadas conforme a ordem de prevalência dos conteúdos (Ver Tabela 02, p. 69).

Na subcategoria *Tristeza e Sofrimento*, estão incluídos todos os conteúdos indicativos de dor, sofrimento psíquico, tristeza e humor deprimido. Na Figura 08, são apresentados exemplos de postagens pertencentes à esta subcategoria. A imagem superior refere-se à um Gif de uma menina em prantos, chorando e gritando com as mãos sob o rosto (P78). A Imagem inferior esquerda apresenta o desenho de uma menina chorando com as mãos sobre a cabeça (P4) e, à direita, tem-se a sequência de duas imagens, fotos de uma jovem, formando um quadrinho. No primeiro momento ela está com a cabeça abaixada e a mão sobre a testa, depois, chorando. Esta imagem apresenta ainda a seguinte mensagem: “Tive um sonho de como seria a minha vida. Tão diferente deste inferno que estou vivendo.” (P198).



Figura 08. Postagens da subcategoria *Tristeza e Sofrimento*

Em relação às manifestações sintomáticas, as expressões de tristeza e sofrimento foram as que mais prevaleceram, identificadas 68 vezes (Ver Tabela 02, p. 69). De modo geral, do ponto de vista imagético, as postagens dessa subcategoria faziam alusão ao sofrimento por meio da retratação do choro, ou estados que sugerem angústia e preocupação. Do mesmo modo, textos de postagens e comentários dos usuários também traziam à tona esses estados: “E de repente você chora, sem ter motivos...” (P8), “Tem muita dor, sabe? É muita dor.” (P82), “(...) Ninguém irá perceber que minha alma está gritando por socorro.” (P156), “Diz Que Somos Novos E Que Nn Temos Motivos Pra Sofrer, Mais Todo Ser Humano Sente Dor Não Importa A Idade...” (P79 – C9, Sexo Feminino) e “Só quero ser feliz uma última vez” (P79 – C14, Sexo Feminino).

Na subcategoria *Pessimismo e Desesperança*, estão incluídas todas as postagens e interações que apresentam uma perspectiva pessimista de si, das relações interpessoais e da vida; incluindo-se também as expressões de desesperança. A Figura 09 traz exemplos de comentários que fazem referência ao pessimismo e à desesperança, emitidos por duas jovens do sexo feminino (P60-C1 e P79-C2).

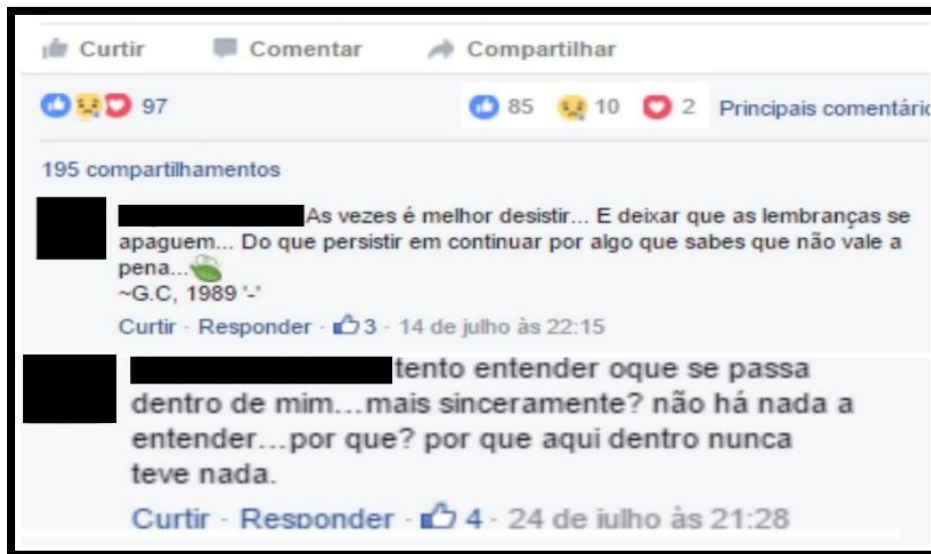


Figura 09. Comentários da subcategoria *Pessimismo e Desesperança*

Também são exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “Eu sou apenas um ‘teria sido’, ‘poderia ter sido’, ‘deveria ter sido’, ‘nunca fui’ e ‘nunca serei’.” (P108); “É só mais um dia ruim, numa semana ruim, num mês, ruim, de um ano ruim, de uma vida ruim...” (P197); “Eu não posso causar mal nenhum a não ser a mim mesmo” (P9); “As decepções fazem você abrir os olhos e fechar o seu coração” (P84); “(...) Já vi o que ninguém consegue suportar. Não há nada, nada pra acreditar.” (P104); “Humanos são como vidros. Nós quebramos e não tem como consertar” (P170) e “Finais felizes só acontecem nos filmes” (P189).

Na subcategoria *Solidão e Isolamento*, estão incluídos todos os conteúdos que fazem menção ao sentimento de solidão e ao comportamento de isolamento. São exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “Já se sentiu como se estivesse sozinho no mundo? Como se ninguém te amasse ou se importasse com você?” (P53) e “Você se sente incapaz, se sente triste. Você se odeia, e não sabe o que fazer. Então você se isola de tudo e de todos. E fica sozinho, e é melhor assim.” (P58).

De modo geral, os conteúdos desta subcategoria revelam ambivalências em relação ao sentir-se só ou isolar-se, pois denotam, simultaneamente, o senso de desfrute e de desconforto por estas condições, como revelam as mensagens: “Odeio ser tão sozinha (...) É bom e ruim ao mesmo tempo” (P14), “(...) Então você se isola de tudo e de todos. E fica sozinho, e é melhor assim.” (P58), “Acabei me afastando, mas não foi por querer, percebi que não valeria a pena. E sabe, eu tinha razão.” (P24), “Acho que vou enlouquecer porque não tenho ninguém pra conversar” (P152), “(...) Ninguém irá perceber que minha alma está gritando por socorro.”

(P156) e “Provavelmente ninguém percebe, mas quando eu me afasto, é quando eu mais preciso de companhia” (P157).

Na subcategoria *Desajuste*, estão incluídas todas as postagens e interações que apresentam manifestações de desqualificação pessoal, senso de desajuste ou não pertencimento. São exemplos de publicações que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “Você se sente incapaz, se sente triste. Você se odeia, e não sabe o que fazer” (P58) e “Odeio o fato de não ser bonita o suficiente. Odeio o fato de não ser magra o suficiente. Odeio nunca ser o suficiente em nada.” (P158).

De modo geral, identificou-se que o senso de desqualificação pessoal parece estabelecer-se de maneira relacional, pois, é frequentemente vinculado ao não cumprimento de expectativas alheias, como revelam as mensagens: “É, talvez eu seja a problemática da família, a inútil, a dramática, a vagabunda, a que precisa de remédios pra viver, a que sempre arruma um problema diferente a cada mês, a que sempre é isolada da família. É talvez eu seja tudo isso mesmo” (P1), “(...) Quantas pessoas vazias, não me encaixo nessa família deveria fugir e não voltar mais, aqui eu sou invisível, não iria fazer diferença eu estar aqui ou não!!” (P18), “O que tem de tão errado comigo que todos vão embora?” (P30) e “Não repara se eu sumir. Estou te livrando desse desastre que eu sou” (P48).

Na subcategoria *Esgotamento*, estão incluídos todos os conteúdos que fazem referência à afetos intoleráveis e estados limites de sofrimento. São exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “Às vezes, você está tão triste, que não tem forças nem para chorar.” (P37), “Eu tentei. Tentei mesmo. Mas não posso continuar fingindo que está tudo bem.” (P88) e “Acho que vou enlouquecer porque não tenho ninguém pra conversar” (P152). De modo geral, esses conteúdos parecem revelar um grau de sofrimento exacerbado ou intolerável, e indicam a potência desse sofrimento, como revelam as mensagens: “ (...) sorriso no rosto enquanto meus olhos pedem socorro...” (P18), “Minha mente é meu hospício particular” (P87), “Eu estou em pedaços” (P182), “ (...) Pq Não Me Devolvem Minha Paz Que Roubaram D Mim” (P79 – C9, Sexo Feminino) e “Eu não aguento mais minha mente me torturando. Sério não aguento mais!” (P79 – C13, Sexo Feminino).

Na subcategoria *Transtornos Mentais e Uso de Substâncias*, estão incluídas todas as postagens e interações que fazem alusão ou menção à transtornos mentais e uso de substâncias psicoativas. A Figura 10 traz exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria. Nas figuras superiores, tem-se retratos de corpos femininos em estado anoréxico, à esquerda quadril

e pernas (P15) e à direita, peitos e barriga (P119). As figuras inferiores, por sua vez, fazem alusão ao consumo de tabaco.



Figura 10. Postagens da subcategoria *Transtornos Mentais e Uso de Substâncias*

Ao total, foram identificadas postagens que fazem menção aos seguintes Transtornos Mentais: anorexia, bulimia e depressão. De modo geral, os transtornos associados à imagem corporal apresentavam fotos de corpos anoréxicos. Em uma destas postagens, a imagem veio acompanhada de uma mensagem que indicava este corpo (anoréxico) como ideal estético (“Vai dar certo uma hora!, P15). A depressão fora identificada em duas postagens, que a relacionavam com a ideação suicida: “Como é ter depressão? Fora você estar sempre triste e a todo momento querer morrer, é de boa. ” (P45) e “Depressão: Ela vem assim, sorrateira... Como uma sombra, quase sem ser percebida. Mas aí se mostra um parasita que se alimenta do que há de bom... e abre um buraco negro em mim que me suga todas as esperanças e toda a vontade de fazer qualquer coisa. Me tira toda a vontade de viver. ” (P96). Por fim, há uma postagem que revela o senso de incompreensão social em relação a estes diagnósticos: “As pessoas tratam depressão, automutilação, bulimia e anorexia como se fosse uma piada. ” (P42).

Em relação ao uso de substâncias, foram identificadas: oito imagens que fazem alusão ao consumo de tabaco; um Gif que apresenta uma jovem divertindo-se sob efeito de álcool e outras drogas (P141); uma mensagem que justifica o abuso de substâncias (“Não são as drogas que criam os viciados, mas sim a necessidade de escapar da realidade”, P159) e uma mensagem

que incentiva, em tom jocoso, o hábito de fumar (“Troque seu coração por um pulmão, assim você fuma mais e ama menos”, P194).

Na subcategoria *Esquiva*, estão incluídos todos os conteúdos que representam comportamentos de fuga, de não enfrentamento ou negação de conflitos e emoções. Esse comportamento fora identificado em diversas facetas: fuga das interações reais e preferências pelas virtuais (Gif e texto da postagem P69³⁶); desejo eliminar conflitos (“Única coisa que eu queria era morrer, fugir desse mundo hipócrita, pessoas falsas e sentimentos que não são reais...”, P18; “Não repara se eu sumir. Estou te livrando desse desastre que eu sou.”, P48; “Mais uma vez, eu estou ajoelhado, tentando fugir. Tudo que eu amei se tornou tudo que eu perdi”, P126); desejo de mudança de vida (“Imagina que legal você poder ir para um lugar onde ninguém te conhece? Ninguém sabe quem você é, sabe? Você pode inventar uma personalidade nova. ”, P62) e não enfrentamento (“Quando eu era criança eu odiava dormir, porque tinha medo de perder toda a diversão da vida. Hoje eu durmo para evitar a vida”, P153).

Na subcategoria *Automutilação*, estão incluídas todas as publicações que apresentam conteúdos sobre mutilações (cortes e queimaduras) autoprovocadas. A Figura 11 traz exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria. Na imagem à esquerda, tem-se o desenho de dois braços de mãos dadas. Há inscrições de “eu” e “você”, em inglês, em cada um dos braços. No que está escrito “eu” há vários cortes, o outro, apresenta-se intacto (P113). Na imagem à direita, tem-se a foto (preta e branca) de um braço e uma perna com cortes de automutilação (P120).

De modo geral, a representação imagética da automutilação fora apresentada, sobretudo, por meio de fotografias de cortes em braços e pernas; havendo um caso onde esta fora feita por meio de queimadura ou escoriação. As produções textuais sobre o tema parecem servir para contextualizar, justificar e descrever a função do ato, como revelam as mensagens: “Hoje machuquei a mim mesmo... para ver se ainda sinto” (P7); “ (...)aqueles que têm os pulsos marcados são anjos. (...) só os anjos se cortam, porque eles não gostam de vida na terra. (...) tentam morrer. ” (P75); “agora td faz sentido, um desabafo nunca será melhor que uma lamina no pulso...” (P79 – C5, Sexo Masculino). Há ainda uma publicação em que se demonstra compreensão em relação a quem tem este hábito: “Eu vejo as marcas no seus pulsos, sei o motivo delas, sei que você não é idiota nem louca”. (P118).

³⁶ Nesta animação um menino e uma menina compartilham, pelo celular, mensagens amorosas. No texto da postagem que acompanha esse Gif está escrito: “As vezes os virtuais são os melhores”.

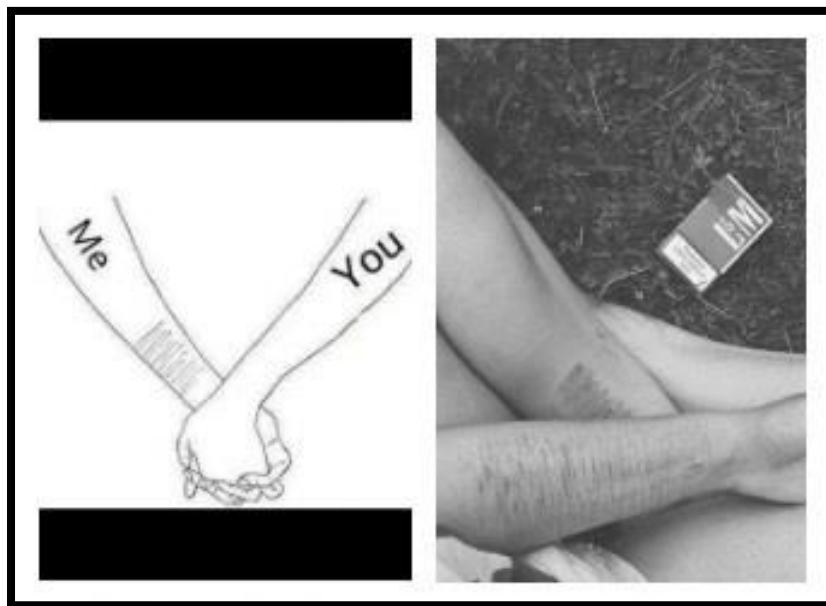


Figura 11. Postagens da subcategoria *Automutilação*

Fatores Estressores

Nesta categoria estão incluídas todas as postagens e interações que fazem referência à eventos estressores, motivadores do sofrimento e/ou dos estados suicidas. A categoria *Fatores Estressores* compreende três subcategorias: 3.1) *Amor e Relacionamentos*; 3.2) *Abandono e Rejeição*; e 3.3) *Ideais Estéticos*. Ao total, foram identificadas 87 manifestações (imagens, Gifs, textos e comentários) com este tipo de conteúdo. A seguir, essas subcategorias são apresentadas conforme a ordem de prevalência dos conteúdos (Ver Tabela 02, p. 69).

Na subcategoria *Amor e Relacionamentos*, estão incluídas todas as publicações que fazem menção ao amor e/ou outros relacionamentos como fontes de sofrimento. Nesta subcategoria estão incluídas também mensagens que caracterizam o amor e os relacionamentos, apresentando normas de como estes deveriam ser ou operar. De modo geral, as postagens que se enquadram nessa subcategoria representam frustrações nos relacionamentos interpessoais, sejam referentes a relações amistosas ou amorosas e sexuais. A Figura 12 traz exemplos de postagens e comentários que se enquadram na subcategoria *Amor e Relacionamentos*.



Figura 12. Postagens da subcategoria *Amor e Relacionamentos*

Na Figura 12, a imagem superior esquerda apresenta a foto de um cartaz colado em um poste, onde lê-se: “Você ainda acredita no amor?” (P72). A imagem inferior esquerda apresenta o desenho de uma mão segurando uma arma de Fogo, junto à inscrição: “A pessoa por quem você levaria um tiro, é a que vai puxar um gatilho.” (P174). A imagem inferior direita, por sua vez, apresenta desenho de dois braços de mãos dadas, havendo num deles, vários cortes (P113). Os comentários da parte superior direita da Figura 11 trazem os seguintes questionamentos: “Porque as pessoas cismam em querer iludir os outros não e mais fácil ser feliz sem querer machucar os outros?” (P79 – C7, Sexo Feminino) e “Pq As Pessoas Sentem Prazer Em Tratar Mau Aos Outros? Pq Elas Gostam De Iludir, Sabendo Q Dps A Outra Vai Sofrer Pra Caramba? Pq Eles Fazem Isso? Pq As Pessoas Não Amam Uns Aos Outros? Pq? Pq? Nada Tem Respostas!” (P79 – C10, Sexo Feminino).

São exemplos de mensagens que normatizam ou caracterizam o amor e os relacionamentos as mensagens: “Porque, quem não ama você, não o merece.” (P16); “Se você ama alguém, nunca deve magoá-lo. Nunca” (P122) e “Até as flores secam se não cuidarmos corretamente, quem dirá o amor” (P169). De modo geral, as publicações que trazem esses aspectos refletem expectativas idealizadas sobre como deveriam ser os relacionamentos amorosos e amistosos.

Na subcategoria *Abandono e Rejeição*, estão incluídos todos os conteúdos que fazem referência ao sofrimento gerado por experiências de abandono e/ou sentimento de ser rejeitado. São exemplos de publicações que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “O que tem

de tão errado comigo que todos vão embora? ” (P30), “Melhores amigos? Não existe! Eles sempre te abandonam. ” (P32), “Você me disse Adeus. Meu mundo desabou. Por que partir dali. Eu não sabia como viveria sem você. ” (P103) e “Sdds de quando vc dizia q eu era só sua e q nunca iria me abandonar q estaria ali cmg tds os dias para o q der e vinher mas olha hj vc não está cmg... E eu me pergunto pq essa ilusão toda? Pq tem q ser assim??” (P79 – C8, Sexo Feminino).

A Figura 13 traz exemplos de postagens e comentários que se enquadram nesta subcategoria. A imagem superior é de um Gif que apresenta a animação de um homem se afastando de uma mulher, que, por sua vez, reage ficando de cócoras com a mão sobre o rosto, denotando sofrimento (P144). A imagem inferior é de uma história em quadrinhos que apresenta as seguintes sentenças: “Foram tantas risadas. /Tantas brincadeiras. /E olhe agora, nem conversamos mais. ” (P25). O comentário superior traz a mensagem “Pq Deus Coloca Pessoas Na Nossa Vida E Derrepente Alguem Chega Lá E Tira? (...)” (P79 – C9, Sexo Feminino) e o inferior diz: “Sdds de quando vc dizia q eu era só sua e q nunca iria me abandonar q estaria ali cmg tds os dias para o q der e vinher mas olha hj vc não está cmg (...)” (P79 – C8, Sexo Feminino).



Figura 13. Exemplos de Postagens da subcategoria *Abandono e Rejeição*

Na subcategoria *Ideais Estéticos*, estão incluídas todas as publicações que fazem referência à imagem corporal. De modo geral, as publicações que se enquadram nesta subcategoria fazem alusão ao sofrimento advindo do senso de não enquadramento nos padrões de beleza e magreza. São exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria as mensagens: “Eu só queria ser bonita para ele gostar de mim” (P124) e “Odeio o fato de não ser bonita o suficiente. Odeio o fato de não ser magra o suficiente. Odeio nunca ser o suficiente em nada. ” (P158).

Fatores de Proteção

Nesta categoria estão incluídas todas as postagens e interações que podem representar fatores protetivos, por conter indicadores de tentativas de suporte, acolhimento, aconselhamento ou mensagens positivas e de caráter motivacional. Ao total foram identificados 27 registros (em imagens, Gifs, vídeos, textos e comentários) com este tipo de conteúdo e estas se apresentaram de modo multifacetado. São exemplos de postagens que se enquadram nesta categoria as mensagens: “Se vai viver ou morrer, só depende de você. Então, busque forças aí dentro de você!” (P128) e “(...) não faça o que os outros querem faça o que voce quer eles gostando ou não a vida é sua não deles...” (P79 – C16, Sexo Feminino).

Foram identificados três tipos de mensagens que se enquadram na categoria fatores de proteção: as mensagens de acolhimento ou suporte, as mensagens positivas de cunho motivacional e as dicas ou conselhos. Nas mensagens de acolhimento tem-se a manifestação direta de palavras de apoio ou consolo, além da oferta de espaços para o desabafo dos usuários, como revelam as publicações: “Deus Te ama e smp será fiél a ti!” (P79 – C17, Sexo Feminino); “não quero te ver assim, não posso te ver assim. Quero te ver com seu lindo sorriso. Não deixe que o inimigo lhe use.”, (P67 – C1, Sexo Feminino); “Pode escrever qualquer coisa, algo que queira falar porém não consegue.. Desabafe. Me fale oque te mata, oque te prende, seus medos, desejos, saudade. Quero que se abram..”, (P79) e “Preciso desabafar, pfv.. Deixem números para eu chamar no whatss.... Preciso muito” (P153 – C1, Sexo Feminino).

Todas as mensagens positivas e de cunho motivacional faziam apelo a questões estéticas, como sugerem as publicações: “escute Christina Aguilera dizendo que você é lindo, não importa o que os outros dizem. (...)McFly dizendo então que você não precisa ser magra, para ser a garota deles, mas sim precisa ser feliz.” (P98); “menina solte o cabelo sorria para o espelho você é linda de qualquer jeito. (...) mesmo assim baixinha como é. Menina sorria você é linda da forma que for do jeito que for.” (P123); e “AVISO: Reflexos nesse espelho podem parecer distorcidos devido a ideais de beleza construídos socialmente.” (P179).

As dicas e conselhos, por sua vez, operavam em torno dos relacionamentos ou de como lidar com o sofrimento, como revelam as mensagens: “Só porque alguém te machucou uma vez, não significa que tem que excluir totalmente de sua vida. As coisas mudam, pessoas crescem.” (P57); “Mesmo que esteja muito ocupado, você deve sempre arranjar tempo para fazer alguém se sentir importante!” (P129); “Preciso me amar antes de amar outro alguém. Caso contrário, continuarei fazendo merda” (P190); e “Se ficar pensando no que perdeu, nunca conseguirá ver o que está por vir.” (P85).

Cibercultura

Na categoria *Cibercultura* estão incluídas todas as postagens e interações que apresentam elementos típicos do mundo digital e seus intercâmbios com a mídia de massa. Esta categoria compreende duas subcategorias: 5.1) *Cultura Pop*; e 5.2) *Simulacro*. Ao total, foram identificados 137 registros (em imagens, Gifs, textos e comentários) com este tipo de conteúdo. A seguir, essas subcategorias são apresentadas conforme a ordem de prevalência dos conteúdos (Ver Tabela 02, p. 69).

Na subcategoria *Cultura Pop*, estão incluídos todos os conteúdos que fazem referência à elementos da cultura popular, tais como filmes, séries televisivas, músicas, pessoas famosas, etc. A Figura 14 traz exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria. A imagem superior esquerda é uma foto da atriz Marilyn Monroe junto com a inscrição da mensagem “Tenho pecados, mas não sou o diabo. Sou boa, mas não sou um anjo.” (P92), frase atribuída à celebridade. A imagem superior direita compreende a cena de um clipe musical da atriz e cantora Miley Cyrus (P92). A imagem inferior é a foto de um bloco de notas na tela de um computador, onde lê-se: “Coloque seus fones de ouvido e escute Christina Aguilera dizendo que você é lindo (...) Justin Bieber sussurrando que você tem aquele sorriso que só o céu pode fazer” (P98). Trata-se de uma mensagem motivacional que se utiliza da letra de músicas de diversos artistas populares como fonte de inspiração.

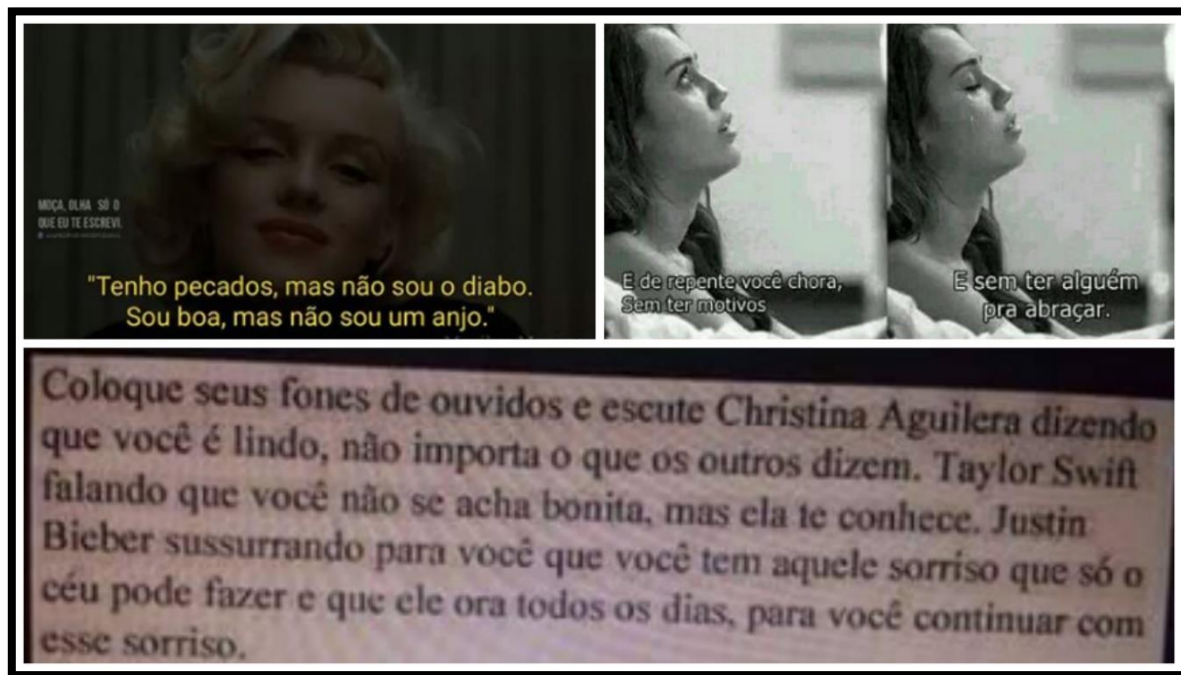


Figura 14. Postagens da subcategoria *Cultura Pop*

Na subcategoria *Simulacro*, estão incluídas todas as publicações que abordam as ambivalências e contradições entre aquilo que se vive e aquilo que se aparenta ou representa viver. A Figura 15 traz exemplos de postagens que se enquadram nesta subcategoria. Na imagem superior esquerda, tem-se o desenho de uma menina com a cara séria, por detrás de uma máscara sorridente que ela segura com a mão (P3). Na imagem superior direita, tem-se o desenho de uma jovem tirando uma máscara de felicidade, desvelando seu rosto triste. No fundo há várias outras máscaras (P147). As figuras inferiores são Gifs com personagens se olhando no espelho. À esquerda, tem-se a animação de um palhaço, aparentemente sorridente. Ao olhar-se no espelho, o palhaço começa a limpar sua maquiagem, desvelando um rosto triste e envelhecido (P52). À direita, tem-se a animação de uma jovem em frente ao espelho. Ela, vestida de preto com a cara séria, apresenta em seu reflexo uma vestimenta branca e movimentos de agitação que sugerem sofrimento (P176).



Figura 15. Postagens da subcategoria *Simulacro*

De um ponto de vista imagético, todas as postagens dessa subcategoria fazem alegoria ao uso de espelhos e máscaras como objetos capazes de desvelar outra realidade. Enquanto as faces reais e máscaras sorriam, rostos sérios e tristes eram refletidos nos espelhos ou escondidos por detrás das máscaras. Essas imagens e Gifs se coadunam com as mensagens que se enquadram nesta subcategoria, pois fazem referência constante à atuação ou simulação da felicidade, como revelam as publicações: “E se tudo der errado? Continue sorrindo, ninguém irá notar” (P13); “ (...) colocar uma bosta de sorriso no rosto enquanto meus olhos pedem socorro...” (P18) “ Suicidas carregam sempre um belo sorriso no rosto. ” (P29); “Fingir que está tudo bem se

tornou um hábito. ” (P93) e “Você construiu um mundo mágico, porque sua vida real é trágica. ” (P116).

Algumas mensagens que se enquadram na subcategoria *Simulacro*, não apenas revelam o sofrimento embutido neste tipo de comportamento como o justificam, conforme se observa nas mensagens: “Um dia você vai cansar de dizer que está tudo bem. ” (P142); “Eu tentei mesmo mais não posso fingir que está tudo bem sempre” (P181); “O silêncio é a melhor forma de esconder seus sentimentos e a pior de suportá-los. ” (P38) e “Sei que finjo ser forte, mas isso é... um modo de se proteger da sua vulnerabilidade” (P151). Somente fora identificada uma mensagem que condena ou é contrária a essa prática: “Gosto de gente transparente que diz o que sente e que realmente sente o que diz” (P11).

DISCUSSÃO

Estrutura da *Fanpage*

A discussão a seguir, acerca da estrutura da *fanpage Cortes de um Anjo Negro*, inclui uma reflexão em torno das primeiras seções dos *Resultados*: a) *Descrição da Página* (pg. 63); b) *Público Interativo* (pg. 64); e c) *Estrutura dos Conteúdos* (pg. 65). Quanto à proposta da página, identificou-se que esta tem como foco a publicação de conteúdos suicidas e que fazem alusão ao sofrimento psíquico. Conforme indica a Tabela 02 (pg. 69), do ponto de vista imagético, prevaleceram postagens que faziam referência à tristeza e ao sofrimento (21,8%)³⁷, enquanto do ponto de vista textual, predominaram as mensagens que apresentavam conteúdos suicidas (28%).

Em relação ao seu público interativo, identificou-se que a maioria de seus usuários, seguidores que interagem virtual e ativamente nela, são do sexo feminino (89%); e que as representações imagéticas e textuais retratam e se referem, sobretudo, ao público feminino. Esses fatores, em conjunto, parecem indicar que os conteúdos dessa *fanpage* façam referência, principalmente, a questões que atravessam o universo de adolescentes e mulheres jovens, como veremos adiante, nas categorias de análise.

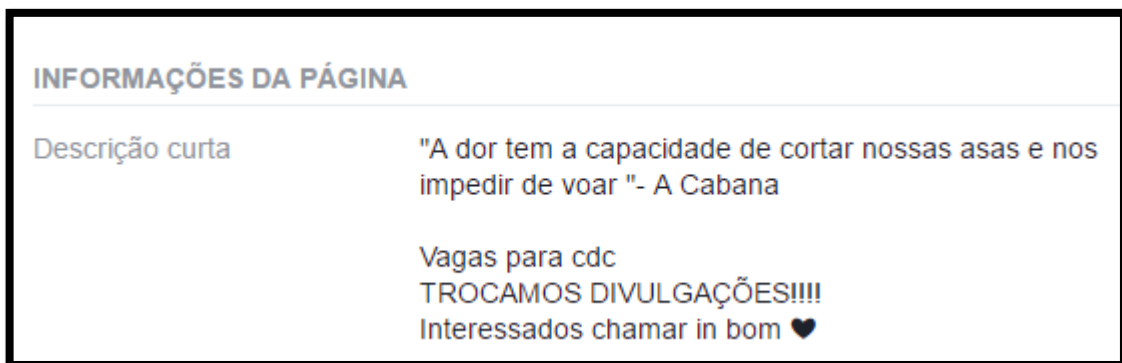


Figura 16. Descrição e Informações da Página

As publicações da página *Cortes de um Anjo Negro*, em relação ao formato e ao conteúdo de suas postagens, poderiam ser reconhecidas como análogas a confissões em um diário pessoal, como a versão eletrônica do *blog*, por exemplo. Contudo, apesar de muitas de suas mensagens serem emitidas na primeira pessoa do singular, há indícios de que esta página seja administrada por mais de uma pessoa, e também de que seus administradores colaborem com a

³⁷ A emissão de fotos com artistas, filmes, clipes musicais, etc., fora a temática que mais prevaleceu do ponto de vista imagético, contudo, esse conteúdo não apresenta, à priori, nenhuma associação relevante com o tema do suicídio ou sofrimento psíquico.

manutenção de outras páginas do *Facebook*. Conforme indica a Figura 16, na descrição da página tem-se as seguintes inscrições: “vagas para cdc” e “TROCAMOS DIVULGAÇÕES!!!!”.

Segundo a ‘Central de Ajuda do *Facebook*³⁸, ‘CDC’ é uma abreviação para o termo “Criador de Conteúdo” e faz referência às funções administrativas das páginas desta rede social. A função de editor ou criador de conteúdos permite aos usuários: editar a página e adicionar aplicativos; criar e excluir publicações; enviar mensagens; responder ou excluir comentários e publicações; remover ou banir pessoas; criar anúncios; ver informações e quem publicou em nome da página.

A divulgação de que há vagas para ‘CDC’, portanto, estabelece um convite formal para que outras pessoas participem como compartilhadoras de postagens. Além disso, o anúncio de que se trocam divulgações, a quantidade expressiva de seguidores (31mil), juntamente com os tipos de manifestações expressas nas interações virtuais, são elementos que corroboram para o reconhecimento desta página enquanto uma *fanpage* (não apenas por assim ser enquadrada no *Facebook*, mas no sentido de apresentar-se de tal modo, voltada para seus fãs).

Quando um usuário do *Facebook* curte uma *fanpage*, automaticamente este passa a receber as atualizações da página em seu próprio mural (*timeline*). Se este usuário interagir com a *fanpage*, seus amigos também podem visualizar esses conteúdos em seus murais. De modo semelhante aos perfis, as *fanpages* são publicitadas e recomendadas para amigos dos seguidores que a acompanham (Moch, 2015). Além disso, cabe apontar que, somente durante a fase de pesquisa, as publicações desta página foram compartilhadas 5062 vezes. Esses fatores, em conjunto, sugerem que o grau de dispersão dos conteúdos da página *Cortes de um Anjo Negro* vão muito além de seus 31 mil seguidores.

Interações Virtuais

As interações virtuais no *Facebook* são realizadas por meio de reações, compartilhamentos e comentários. A reação de curtida, representada imagneticamente por um *joinha*, geralmente apresenta uma carga positiva, de legitimação e apoio do que é publicado (Recuero e Soares, 2013). Contudo, a curtida pode manifestar também outras possibilidades de reação, tais como: atestar visualização do conteúdo; manifestar interesse; identificação pelo tema; ou revelar a produção de efeitos positivos no interlocutor (receptor da mensagem). A reação denominada ‘Amei’, simbolizada por um coração, pode ser interpretada como uma versão potencializada dos efeitos da curtida. Dada a diversidade de representações possíveis de ‘Curtir’ e ‘Amei’,

³⁸ <https://www.facebook.com/help/289207354498410>

estas são reações que, isoladamente, dificultam a produção inferências sobre os efeitos do conteúdo postado nos seguidores da página.

A reação denominada ‘Haha’, apresenta o riso, e isso representa, simultaneamente, efeitos positivos e negativos, uma vez que pode simbolizar tanto o deleite da graça quanto o do deboche ou da humilhação. A reação denominada ‘Uau’ apresenta um *emoticon* com uma cara que pode ser interpretada tanto como reação de surpresa quanto de assombro. Desse modo, ‘Haha’ e ‘Uau’, por adquirirem um caráter valorativo ambíguo, também são reações de difícil interpretação. As reações de ‘Triste’ e ‘Grr’, por sua vez, apresentam *emoticons* com cara de choro e ira, respectivamente. Estas últimas denotam, de modo mais objetivo, a produção de efeitos negativos no interlocutor, como tristeza e raiva.

A reação de ‘Grr’ só fora manifesta em uma única publicação, por apenas um usuário, o que inviabiliza uma análise de seu sentido no conjunto da *fanpage*. Da amostra de interações virtuais coletadas, a única que permite a realização de inferências isoladas sobre os efeitos das publicações é a de ‘Triste’. As 348 manifestações de reação de tristeza estiveram presentes em 87 das 198 postagens (43%), denotando efeitos negativos nos usuários.

Em relação aos compartilhamentos, cabe apontar que as postagens do *Facebook* podem ser facilmente reproduzidas pelos usuários que têm acesso a elas. Essa possibilidade fomenta o caráter de permanência e reprodutibilidade daquilo que permeia a cibercultura (Boyd & Ellison, 2007). Quando um usuário do *Facebook* compartilha uma publicação, este conteúdo é imediatamente reproduzido em sua *timeline*. No ato do compartilhamento, o usuário não apenas manifesta sua identificação com o conteúdo, como assume para si a função de enunciador desta mensagem. O compartilhamento flexibiliza os papéis sociais, pois, um indivíduo outrora identificado com uma publicação, passa a ser o emissor desta na sua rede de contatos (Boyd, 2010). Neste trabalho, identificou-se que as publicações da página foram compartilhadas 5062 vezes. Isso indica que, em 41% das interações virtuais nesta página, os usuários assumiram para si, e na sua própria rede, os discursos da *fanpage*.

Das funcionalidades disponibilizadas pelo *Facebook*, os comentários materializam uma forma de interação virtual mais personalizada. É somente por meio dos comentários, por exemplo, que os usuários têm poder de deslegitimar um conteúdo, pois esse é um espaço aberto onde podem surgir questionamentos e discordâncias (Recuero & Soares, 2013). A Figura 17 apresenta a interação, por comentários, de duas usuárias que discutem sobre o sentido de uma tirinha postada na *fanpage* (P54 – C1-Sc1, duas pessoas do sexo feminino). Este é um exemplo de

como os usuários da página fizeram uso dos comentários para debater sobre o sentido dos conteúdos postados.

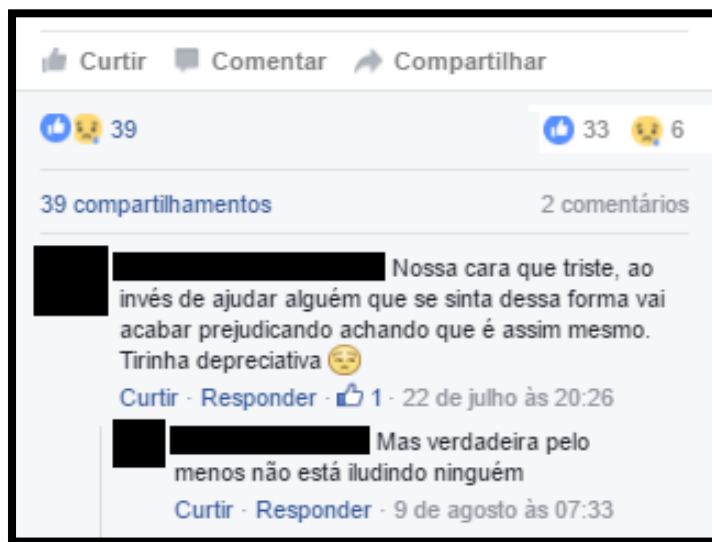


Figura 17. Exemplo de comentários críticos ao conteúdo postado

Essas reflexões em torno das interações virtuais (reações, compartilhamentos e comentários) revelam que esses elementos se constituem como suporte à mensagem e, em conjunto, interferem na própria mensagem (Recuero & Soares, 2013). Como as interações virtuais atuam diretamente na construção do sentido dos conteúdos publicados, estas também foram levadas em consideração na análise deste trabalho. Nesta seção, constatou-se que as reações e compartilhamentos legitimam e acrescentam sentidos aos conteúdos publicados, pois revelam o senso de identificação e os efeitos produzidos pelas postagens. Além disso, identificou-se que as funcionalidades do *Facebook* promovem vias de interpretação e de significação dos conteúdos emitidos.

Categorias de Análise: Sentidos nas Publicações

Nesta seção, visa-se estabelecer uma discussão em torno dos elementos apontados nas categorias e subcategorias de análise. Aqui, buscou-se empreender uma reflexão que fosse capaz de articular esses elementos em torno do sofrimento psíquico e comportamento suicida, focos deste trabalho.

Morte e Suicídio

Conforme indicado nos *Resultados*, identificou-se que, na *fanpage*, a morte era apresentada de modo ambivalente, como algo triste, mas também positivo. Nesse sentido, destacaram-se as representações que a idealizavam como uma verdade que desvela características boas do

falecido. Há uma convicção ou percepção bastante popular nos discursos do senso comum associada à esta representação da morte, nela, diz-se que: “depois que morre todo mundo vira santo”³⁹. É interessante notar como esta representação pode ser apropriada por indivíduos suicidas.

Na apresentação de seu livro *Morte e desenvolvimento humano*, a psicóloga Maria Júlia Kovács (1992, p. XI) traz o seguinte questionamento: “De que morte falo, ‘daquela do momento final, da fantasia, a que nos acompanha durante a vida, do sonho, do alívio, da dor, da ruptura?’ Falo de todas e de nenhuma particular.”. Esta fala serve como ponto de partida para se reconhecer que as representações da morte são múltiplas, e podem se referir não somente ao momento de ruptura com a vida, mas também aos modos como, ao longo do desenvolvimento humano, as pessoas interagem com a morte.

A representação da morte aqui em análise parece refletir não simplesmente à ideia da morte como um fim, ou extinção da vida. Nesse sentido, Dias (1997) reconhece um paradoxo nas ideações suicidas, pois, a morte também pode representar para estes indivíduos, uma passagem ou entrada para um estado mais prazeroso do que a vida na Terra, representação presente na *fanpage* (“Eles tentam se matar para retornar ao paraíso.”, P75; e “Quando a morte finalmente chegar, vou abrir um sorriso e dizer: Por que você demorou tanto?”, P91).

Na maioria das postagens que fazem referências à morte, esta não é reconhecida como um término da existência, mas sim a passagem para um outro estado. Aqui, verifica-se um processo de negação da morte em seu aspecto fatídico de anulação do ser, denotando que esta não seria um ponto final. Identifica-se também, nos discursos que trazem caracterizações da morte e do suicídio, um intenso desejo de perpetuação, de seguir para algo que seria análogo a uma vida após a morte (Kovács, 1992). Isso não diminui o desejo de morte dos sujeitos que o anunciam, nem tampouco significa que tenham apego à vida que vivem, pois, o processo de extinção da morte aqui, é substituído pela noção de entrada numa outra vida, idealizada (Dias, 1997).

Getúlio Vargas, deixou registrado em uma de suas cartas de suicídio a seguinte sentença: “Saio da vida para entrar na história.” (Mello, 2011). Neste anúncio, o ex-presidente do Brasil parece reconhecer um certo modo de imortalidade: o das representações alheias sobre sua pessoa e seu papel social. Nesta fala, entra em cena uma concepção sobre a própria morte que

³⁹ Uma pesquisa no site de buscas *Google* com esta sentença, revelou, em 0,47 segundos, 733 mil resultados (pesquisa realizada em 18/09/2016, disponível em <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=depois%20que%20morre%20todo%20mundo%20vira%20santo>>). A quantidade expressiva de resultados na Internet associados à esta noção serve como indício de sua popularidade.

envolve a fantasia de como as pessoas reagirão e o que pensarão sobre o falecido (Kastenbaum, 1983; citado por Kovács, 1992). Segundo Dias (1997), o processo de elaboração do luto e da morte envolve também o reconhecimento do que perdura nas relações interpessoais. Esse processo estivera presente nas publicações da *fanpage*.

Nos discursos da página, a idealização do pós-morte envolvia o reconhecimento alheio das boas características do morto (sua importância, beleza, amabilidade, etc.): “Todo mundo vai te amar quando o coveiro dizer: 5 minutos para fecharmos o caixão.” (P40); “Quando eu morrer.. Não chore... Não diga que eu era linda... Não diga que você me ama e está triste porque eu fui. Não diga que você sente minha falta...” (P114) e “quando você morre, é como se tivessem sido melhores amigos.” (P143).

A representação da morte como um estado idealizado se coaduna também com a expressão de diversos outros conteúdos manifestos na página, sobretudo, àqueles que se referem às ideias suicidas. Nas ocasiões em que a ideia suicida fora explicada ou justificada, esta parecia relacionar-se com os desejos de fugir de conflitos e de se sentir reconhecido, amado, bem-querido, etc. A morte aqui é encarada como uma dupla solução, pois não apenas permite o alívio da dor como confere um estado de prazer aparentemente ilimitado. Nestas representações, a morte representa a ida para um mundo paradisíaco, regulado pelo princípio do prazer, sem sofrimentos (Kovács, 1992).

Em relação à manifestação de conteúdos suicidas, do ponto de vista textual e imagético, os resultados da análise indicaram a prevalência de publicação de dois tipos de comportamento: as ideias suicidas e os métodos de planejamento para o suicídio. A manifestação destes comportamentos expressa o quanto o desejo de morte e de se matar está presente, e como a elaboração de métodos é acessível e compartilhável, de forma livre, nesta página. Esta *fanpage* parece abordar e promover o comportamento suicida de forma aberta e espontânea, independentemente de este ser ainda um tema carregado de mitos e tabus na maioria das sociedades contemporâneas.

Na *fanpage* em análise, o comportamento suicida parece ser reconhecido como algo complexo, que pode manifestar-se de forma múltipla, não sendo reduzido simplesmente à um gesto fatal. O anúncio de que “O suicídio começa por dentro” (P41 e P196) consiste num reconhecimento de que o ato de se matar é antecedido por processos internos e subjetivos. Esta caracterização do suicídio se coaduna com o modo como a literatura em suicidologia tem concebido o comportamento suicida: de maneira abrangente, num contínuo que envolve desde as

ideações suicidas, gestos e planejamentos de autodestruição até o ato consumado em si (Bertolote, Melo-Santos & Botega, 2010; Luoma, Martin & Pearson, 2002; Posner et al., 2007; Turecki & Brent, 2015). Essa gradação não configura necessariamente uma ordem cronológica, sendo reconhecida, sobretudo, em função do potencial de letalidade, comorbidade e valor de predição de alguns comportamentos autodestrutivos para avaliação do risco de suicídio.

Na *fanpage*, o desejo de fuga fora algo que se destacou na expressão de conteúdos suicidas. Na seção dos resultados o comportamento de fuga fora classificado como uma manifestação sintomática que revela não apenas a expressão de afetos intoleráveis e estados limites de sofrimento, como também a ausência de recursos para se lidar com os conflitos. Esse aspecto esteve presente em duas caracterizações publicadas sobre a pessoa suicida, fatores que denotam o reconhecimento simultâneo da necessidade de ajuda e da ausência de recursos para se lidar com o sofrimento (“suicidas falam para outros suicidas que o suicídio não é a solução”, P168; “quem diz que quer morrer, na verdade, quer ajuda”, P171).

Manifestações Sintomáticas

De todas as categorias de análise, o fator predominante fora a publicação de conteúdos que faziam referência às manifestações sintomáticas, presentes em 39% dos registros (Ver Tabela 02, pg. 69). De fato, um dos grandes focos da *fanpage* consiste em postagens associadas ao sofrimento psíquico (*Tristeza e Sofrimento; Pessimismo e Desesperança; Solidão e Isolamento; Desajuste; Esgotamento; Transtornos Mentais e Uso de Substâncias; Esquiva e Auto-mutilação*). Se os sinais e sintomas listados nesta categoria estivessem presentes em um indivíduo diante de um serviço de saúde mental, muito provavelmente, haveria, dentre outras, uma hipótese diagnóstica em torno de estados ou transtornos depressivos⁴⁰.

O termo depressão, bastante difundido no senso comum, tem sido utilizado de forma múltipla, servindo para designar um estado afetivo de tristeza, um sintoma associado ao humor ou síndromes e transtornos mentais. Como na *fanpage* os usos do termo depressão não foram especificados, estes podem assumir múltiplos sentidos semiológicos e nosográficos. Como sintoma, o humor deprimido apresenta-se em diversos quadros clínicos. Enquanto síndrome, a depressão pode incluir tanto alterações de humor como tristeza, irritabilidade e anedonia, quanto alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas. Os transtornos depressivos, por sua

⁴⁰ Os critérios utilizados para diagnóstico e classificação dos estados e transtornos depressivos encontram-se no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, em sua quinta edição (DSM-V; APA, 2014).

vez, apresentam critérios diagnósticos específicos que devem levar em conta, na entrevista clínica, dentre outros, o período de prevalência dos sintomas, as circunstâncias atuais de vida e os eventos significativos da história pregressa (Del Porto, 1999; Duailibi & Silva, 2014).

O reconhecimento de estados depressivos deve levar em conta sintomas psíquicos, alterações fisiológicas⁴¹ e evidências comportamentais. Nesse sentido, a maioria dos sintomas clínicos apontados nas subcategorias da seção *Manifestações Sintomáticas* se enquadram nos critérios diagnósticos que compreendem um episódio depressivo maior (ver DSM-V; APA, 2014). A tristeza e a acentuada diminuição do prazer (anedonia) foram conteúdos bastante relatados nas postagens. Este estado fora expresso através da retratação e descrição recorrente de episódios que envolvem choro e intenso sofrimento emocional, evidências comportamentais de estados depressivos (“E de repente você chora, sem ter motivos...”, P8; “Às vezes, você está tão triste, que não tem forças nem para chorar. ”, P37; “Eu sofri sim e muito, noites e noites chorando”, P112 e “É difícil respirar/Mais uma noite chorando/Deprimida/Você nunca vai entender”, P172).

O senso de esgotamento é o que distingue um simples episódio de tristeza do estado deprimido que acomete indivíduos suicidas (Maltsberger, 2006). O humor deprimido à que se faz referência nas postagens da *fanpage* é acrescido de manifestações que fazem referência à afetos intoleráveis e estados limites que denotam a potência de um sofrimento que beira o insuportável. Na página analisada, o estado de esgotamento revelava ainda a fadiga ou sensação de perda energia, também sinais típicos de estados depressivos (“meus olhos pedem socorro”, P18; “as vezes a gente cansa sabe? Cansa de tudo”, P127; “Acho que vou enlouquecer”, P152; “Eu estou em pedaços”, P182; “Eu não aguento mais minha mente me torturando. Sério não aguento mais! ”, P79 – C13).

Maltsberger (2006) aponta que os fatores que realmente discriminam os pacientes suicidas dos demais são de ordem subjetiva, associados à intensidade do sofrimento, e não referentes a observações de indicadores objetivos de risco ou gravidade. Para alguns autores, não seria a depressão em si que impeliria sujeitos a um colapso ou crise suicida, mas um sofrimento psíquico suficientemente intenso, marcado por afetos intoleráveis como a desesperança, o desespero, a ansiedade, o desamparo e um ódio direcionado a si (Hendin et al., 2004; Orbach, Mikulincer, Sirota, & Gilboa-Schechtman, 2003).

⁴¹ A literatura em torno do tema aponta como sintomas fisiológicos dos estados depressivos as alterações do sono, de apetite e a redução da libido sexual (Del Porto, 1999; Duailibi & Silva, 2014). Somente em uma postagem fora apontado um sintoma fisiológico, a hipersônia: “Quando eu era criança eu odiava dormir, porque tinha medo de perder toda a diversão da vida. Hoje eu durmo para evitar a vida” (P153).

Estudos mais recentes têm revelado que as vivências de afetos intoleráveis são predominantes nas crises suicidas, independentemente da existência de indicadores clínicos para de depressão ou outros transtornos mentais. Assim, reconhece-se hoje o papel central dos estados afetivos na compreensão do comportamento suicida (Aleman & Denys, 2014; Turecki & Brent, 2015). Na *fanpage*, depois de *Tristeza e Sofrimento*, prevaleceram as manifestações sintomáticas indicativas dos estados afetivos de *Pessimismo e Desesperança*, presentes em aproximadamente 12% das postagens. Diversas foram as publicações que revelavam uma perspectiva pessimista e desesperançosa de si, das relações interpessoais e da vida.

Além dos sinais e sintomas supracitados, são apontados também como evidências comportamentais de estados depressivos: os comportamentos suicidas, as alterações cognitivas e as distorções de pensamento. É bastante comum que os elementos motivadores de uma crise suicida estejam associados às distorções cognitivas. Estas distorções incluem pensamentos catastróficos, ou seja, a percepção de que os conflitos vividos compreendem obstáculos definitivos e intransponíveis (Duailibi & Silva, 2014). Nas postagens, esse elemento é identificado nas mensagens que expressam pessimismo e desesperança.

Na *fanpage*, a desesperança apresenta-se como elemento predominantemente desmotivador, resultante de sofrimentos intoleráveis e conflitos que aparentam ser inesgotáveis ou incapáveis (“um buraco negro em mim que me suga todas as esperanças e toda a vontade de fazer qualquer coisa. Me tira toda a vontade de viver. ”, P96; “Já vi o que ninguém consegue suportar. Não há nada, nada pra acreditar. ”, P104); “Nós quebramos e não tem como consertar”, P170; “Não importa quanto tempo passe, tem coisas que sempre vai parecer que foi ontem. ”, P55).

Além de serem precipitadores do comportamento suicida, os estados afetivos associados ao pessimismo e a desesperança subsidiam manifestações clínicas que apontam para estados depressivos e ansiosos frequentemente associados ao suicídio (Hawton & Heeringen, 2009; Hendin et al., 2004; Phillips et al., 2002; Stravynski e Boyer, 2001). De fato, a literatura tem reconhecido que a desesperança é o afeto intolerável que mais prevalece em indivíduos suicidas, sentimento associado à habilidade reduzida de vislumbrar um futuro positivo e extrema sensibilidade frente à reprovação social (Aleman & Denys, 2014; Maltzberger, 2006).

O senso de desamparo, que se enquadra na subcategoria *Solidão e Isolamento*, fora identificado em aproximadamente 10% das postagens. A solidão e o isolamento são evidências comportamentais do retraimento social, e, juntamente com outros elementos, aponta para presença de quadros depressivos (Del Porto, 1999; Duailibi & Silva, 2014). Na *fanpage*, em algumas ocasiões foram publicados conteúdos que manifestavam, simultaneamente, sentimentos de

solidão e comportamentos de isolamento. Esse fato chama atenção uma vez que estas ocorrências podem estar associadas ou ter uma relação de causalidade (“Provavelmente ninguém percebe, mas quando eu me afasto, é quando eu mais preciso de companhia”, P157).

O retraimento social pode estar associado ao senso de incompreensão alheia, às vivências de conflitos relacionais⁴², às estratégias de enfrentamento disfuncionais e à ausência de recursos para se lidar com os conflitos⁴³, elementos que também estiveram presentes na *fanpage*. Interpreta-se aqui que, o isolamento como uma reação à estas experiências, poderia explicar as ambivalências em relação ao sentir-se só (“Odeio ser tão sozinha/É bom e ruim ao mesmo tempo”, P14; “Então você se isola de tudo e de todos. E fica sozinho, e é melhor assim.”, P58). Outro exemplo de estratégia de enfrentamento disfuncional é o comportamento de esquiva, associado ao não enfrentamento ou negação de conflitos e emoções, aspecto que se revelou presente em 5% das postagens (“Imagina que legal você poder ir para um lugar onde ninguém te conhece? Ninguém sabe quem você é, sabe? Você pode inventar uma personalidade nova.”, P62; “Quando eu era criança eu odiava dormir, porque tinha medo de perder toda a diversão da vida. Hoje eu durmo para evitar a vida”, P153).

As manifestações de ódio a si e autodepreciação, enquadradas na subcategoria *Desajuste*, expressavam, sobretudo, os sentidos de inutilidade, desimportância e fracasso. Estas expressões de desvalorização e menosprezo, presentes em aproximadamente 10% das postagens, são reflexos de uma percepção que confere baixo autoestima, e também são sintomas clínicos indicativos de estados depressivos (Del Porto, 1999; Duailibi & Silva, 2014). Nesse âmbito, chama atenção que o senso de desajuste pareça estar vinculado ao não cumprimento de expectativas alheias (“não me encaixo nessa família deveria fugir e não voltar mais”, P18; “Não repara se eu sumir. Estou te livrando desse desastre que eu sou.”, P48). As expressões de desqualificação, associadas à extrema sensibilidade frente à reprovação social, estão entre as características mais comuns de serem manifestadas por indivíduos suicidas (Aleman & Denys, 2014; Maltzberger, 2006).

Em sua obra, *À guisa da Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914/2004) desenvolve o conceito de ideal do eu, referente à fixação de um ideal por meio do qual cada sujeito se auto

⁴²Foram identificadas como fontes de sofrimento, na categoria *Fatores Estressores*, tanto vivências de frustração nas relações interpessoais, quanto experiências de rejeição e abandono.

⁴³Como estratégia de enfrentamento ao sofrimento, foram identificadas inúmeras manifestações de comportamentos disfuncionais, dentre os quais destacaram-se: a constrição cognitiva (ver subcategoria *Pessimismo e Desesperança*), o retraimento social (*Solidão e Isolamento*), a prática de *Automutilação*, os comportamentos de fuga (*Esquiva*) e as dificuldades de expressar os sentimentos (*Simulacro*).

avalia. O ideal de eu é um substituto do narcisismo primário, outrora perdido na infância, em função dos processos de socialização e da formulação de um julgamento crítico que leva à renúncia da perfeição narcísica. No narcisismo secundário, a satisfação libidinal se torna condicionada a realização do ideal de eu. Noutras palavras, reconhece-se que as vivências de prazer e desprazer passam a depender das relações objetais, com terceiros, dada a superação de uma fase exclusivamente narcísica (Freud, 1915/2004; Prieto, 2007).

Nas postagens, as expressões de desqualificação de si adquirem o tom de uma autocrítica cruel e punitiva, que sugere a introjeção de pulsões agressivas, pois denotam a força de um ideal de eu associado a pressões externas ou expectativas projetadas no outro. Na obra, *O Ego e O Id* (1923/1980), Freud reconhece que a severidade em relação ao ideal de eu está associada ao manejo da agressividade em relação ao mundo externo. Quanto maior a contenção desta agressividade, maiores são as tendências de um indivíduo volta-la contra si.

Uma vez que o suicídio apresenta componentes inerentemente destrutivos e agressivos, o manejo da agressividade tem sido apontado como importante indicador do comportamento suicida (Gvion & Apter, 2011; Giegling et al., 2009; Conner, Duberstein, Conwell & Caine, 2003). Para Freud (1915/2004), a expressão da agressividade apresenta as seguintes direções: a sublimação, o recalque, a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa. A transformação em seu contrário representa uma via externalizante da agressividade, ou seja, aquela que é projetada no outro, simbolizada, por exemplo, no ato homicida. O redirecionamento contra a própria pessoa representa a via internalizada da agressividade, nesse sentido, o gesto suicida representa o ápice da introjeção de pulsões de agressivas (Prieto, 2007).

A automutilação, presente imagetivamente em aproximadamente 5% das postagens, também é um comportamento que representa a manifestação de uma agressividade voltada contra si. A literatura mais atualizada em suicidologia, reconhece o potencial autodestrutivo deste comportamento, entendendo, contudo, que este pode vir ou não associado a ideias suicidas. Por tal razão não se reconhece a automutilação como um comportamento suicida. Geralmente, a automutilação consiste em lesões sem potencial letal, causadas por cortes, queimaduras e arranhões (Posner et al., 2007; Turecki & Brent, 2015). Este é o modo como esse comportamento fora representado, do ponto de vista imagético, nas postagens. As principais motivações à esta prática incluem: a indução de uma autopunição; o desejo de se chamar a atenção⁴⁴; escapar de uma situação difícil; e o alívio da angústia mediante a substituição de uma dor psíquica por uma

⁴⁴ Tal comportamento, aqui, não é compreendido em seu sentido pejorativo, mas sim como um sinal de alerta, que aponta para um sofrimento e a necessidade de ajuda.

física (“agora td faz sentido, um desabafo nunca será melhor que uma lamina no pulso...”, P79 – C5, Sexo Masculino).

Na subcategoria *Transtornos Mentais e Uso de Substâncias*, foram identificados conteúdos que fazem alusão à anorexia, bulimia, depressão e ao consumo do tabaco. A representação de personagens com estes transtornos; fumando; os comentários que propagandeiam o corpo anoréxico como ideal de beleza; ou as mensagens que incentivam o consumo de tabaco; enunciados a partir da perspectiva do próprio emissor (administração da página), não servem como garantia de que estes elementos sejam de fato identificáveis naqueles que curtem e compartilham esse conteúdo. Não se pode negar, contudo, o potencial de influência comportamental, para os seguidores da página, dos conteúdos publicados.

Sobre a subcategoria *Transtornos Mentais e Uso de Substâncias* podemos nos perguntar se a interação com este conteúdo tem efeitos positivos ou negativos. Nesse âmbito, pesquisas revelam que crianças e adolescentes são mais vulneráveis e susceptíveis às influências midiáticas (Belloni & Gomes, 2007; Ferreira, 2007, Loureiro, Moreira & Sachsida, 2013). Assim, elucubra-se que os usuários da *fanpage* podem se dar conta de uma vivência patológica a partir das representações que são estabelecidas na página e, por exemplo, a partir disto, buscar ou não ajuda. Do mesmo modo, os usuários da *fanpage* podem ser incentivados a desenvolver hábitos em torno do uso de substâncias, da automutilação ou dietas e práticas restritivas que induzam à anorexia e bulimia.

Aqueles que compartilham esses conteúdos, ao anunciarem em seus perfis as mensagens originais da *fanpage*, no mínimo demonstram identificação com o que é difundido sobre os transtornos e as substâncias consumidas, ou o modo como estes são representados. Exemplos disso são as postagens que trazem caracterizações não especializadas sobre o que é a depressão, ou sobre o modo como sentem que as pessoas lidam com estes transtornos (“Como é ter depressão? Fora você estar sempre triste e a todo momento querer morrer, é de boa. ”, P45; “As pessoas tratam depressão, automutilação, bulimia e anorexia como se fosse uma piada. ”, P42).

Uma vez que se identificou, na *fanpage*, uma predominância de interações virtuais e conteúdos voltados ao público feminino, faz-se pertinente reconhecer de que modo as *Manifestações Sintomáticas* se associam com questões de gênero. Estudos que partem de dados epidemiológicos revelam que há um claro predomínio de transtornos depressivos em mulheres e, uma alta correlação entre o comportamento suicida e variáveis como gênero e depressão (Andrade, Viana & Silveira, 2006; Bahls & Bahls, 2002; Braga & Dell’Aglia, 2013). Em relação à incidência de suicídio por gênero, por exemplo, há um paradoxo, pois, no Ocidente, embora os

maiores coeficientes deste tipo de mortalidade sejam do sexo masculino - seguindo uma proporção de 3,9 para cada mulher, ideações e tentativas de suicídio são comportamentos que predominam entre as mulheres, numa proporção inversa, de três para um (Canetto, 2008; Hawton & Heeringen, 2009; WHO, 2002). A partir disso, vislumbra-se que a inevitável experiência de engendramento promova, em homens e mulheres, formas diferenciadas de se vivenciar, expressar e enfrentar o sofrimento psíquico (Butler, 2003).

Pesquisas já evidenciaram que indicadores psicossociais estão associados a formas diferenciadas de expressão da saúde mental em homens e mulheres. Desse modo, reconhece-se que as mulheres são socializadas de maneira que apresentem maior tendência a internalizar o *distress*, enquanto nos homens predominam processos de externalização. Esses fatores contribuem para que haja uma maior prevalência de transtornos associados à depressão, ansiedade e ideação suicida nas mulheres e, comportamentos antissociais, abuso de substâncias e suicídio entre os homens (Andrade, Viana & Silveira, 2006; Canetto, 1991; 1997; Rabasquinho & Pereira, 2007; Santos, 2009).

Em relação aos fatores protetivos e estratégias de *coping*, identifica-se que as mulheres tendem a buscar mais ajuda e suporte social do que os homens, uma vez que culturalmente é mais bem aceito que estas sejam representadas em posições de fraqueza e sofrimento (Câmara & Carlotto, 2007; Canetto, 2008; Pinheiro, Viacava, Travassos & Brito, 2002; Porter, Marco & Schwartz, 2000). Assim, reconhece-se que a sociedade é mais permissiva com agressividade dos homens, enquanto espera um comportamento mais delicado e contido das mulheres. Nesse sentido, a própria escolha de um método específico para se matar pode estar associada a processos diferenciados de subjetivação da masculinidade e feminilidade, pois, em geral, homens tendem a escolher métodos de suicídio mais violentos, envolvendo armas de fogo e enforcamento, enquanto mulheres tendem a optar por métodos menos letais, como a superdosagem de medicamentos (Canetto & Sakinofsky, 1998; Denning, Conwell, King & Cox, 2000; Hawton, 2000; Lovisi, et al., 2009).

Fatores Estressores

Na seção dos *Resultados* foram apontados como fatores estressores, motivadores de sofrimento e potenciais precipitadores de estados suicidas vivências associadas à frustrações e/ou idealizações em torno do amor e outros relacionamentos; experiências de abandono e rejeição; e a não correspondência com ideais estéticos. Conforme já apontado anteriormente, a maioria dos usuários que interagem ativamente na página são do sexo feminino. Nesse sentido, embora

a *fanpage* tenha como foco a publicação de conteúdos suicidas e associados ao sofrimento psíquico, chama atenção o fato de suas seguidoras interagirem mais virtualmente (reações, compartilhamentos e comentários) nas postagens que se enquadram na categoria *Fatores Estressores* (Ver Tabela 02, pg. 69).

Temáticas associadas ao *Amor e Relacionamentos* estiveram presentes em aproximadamente 10% dos registros, contudo, este fora um dos temas que mais evocou a participação das usuárias por meio de comentários⁴⁵. Do ponto de vista textual, depois da publicação de conteúdos suicidas prevaleceram aqueles que apontavam para vivências de *Abandono e Rejeição*, presentes em aproximadamente 20% das postagens. A publicação de imagens e textos associados à *Ideais Estéticos* femininos esteve presente em 5% das postagens, contudo, este fora o tema que mais evocou participação das usuárias por meio das reações de curtida e compartilhamentos, comportamentos que denotam identificação com o conteúdo postado (Boyd, 2010; Recuero & Soares, 2013).

Os achados da *fanpage*, de modo geral, se coadunam com o que as pesquisas em torno da análise de mensagens suicidas têm apontado em relação às diferenças de gênero. É comum se atribuir como principal motivação suicida das mulheres conflitos de relacionamento amoroso e familiar, sendo este o principal tema evocado em suas mensagens (Black & Lester, 2003; Canetto & Lester, 1999; Canetto, 1992, 2008; Lester & Heim, 1992; Lester & Reeve, 1982). Ademais, esse tipo de estudo apontou que, em comparação com homens, as mulheres tendem a indicar mais elementos como confusão, autodepreciação e depressão; e a vislumbrar mais o suicídio como via de escape de problemas (Black, 1989; Lester, Wood, Williams & Haines, 2004).

Conforme apontado anteriormente, identifica-se que há um maior índice de mortalidade por suicídio entre homens e maior número de tentativas entre as mulheres (Canetto, 2008). Portanto, ao se constatar que o comportamento suicida incide de modo distinto entre homens e mulheres, considera-se imprescindível, como elemento de análise, a dimensão engendrada das práticas sociais. O gênero, enquanto categoria estrutural e identitária da experiência humana é resultante de um longo e contínuo processo sócio-histórico-cultural (Butler, 2003). Para Scott (1995), trata-se de uma categoria imposta socialmente sobre corpos sexuados. Nesse sentido, gênero não é a manifestação de algo à priori ou inerentemente atrelado ao corpo biológico, mas

⁴⁵ A emissão de mensagens sobre músicas, filmes, artistas, etc., fora a temática que mais prevaleceu nos comentários, contudo, esse conteúdo não apresenta, à priori, nenhuma associação relevante com o tema do suicídio ou sofrimento psíquico.

algo inconcebível fora de práticas materiais engendradas (Imperatori, Lionço, Diniz & Santos, 2008).

As vias privilegiadas de subjetivação de cada gênero são pautadas nos espaços de socialização, por meio de dispositivos e tecnologias que empreendem performances, expectativas, lugares e papéis sociais diferenciados para homens e mulheres (Lauretis, 1994). As tecnologias de gênero constroem no imaginário social, por meio de instituições e leis, através da linguagem e da mídia, de acordo com as condições de produção e divisão de trabalho, elementos de oposição binária entre os gêneros (Foucault, 1988).

Algumas autoras, identificam a incidência de uma tecnologia de gênero que institui e molda a feminilidade hegemônica em torno do casamento e da maternidade. Nesse sentido, o dispositivo amoroso demarca, no amor e em sua busca, a razão de ser e viver das mulheres, estabelecendo-se como um fundamento identitário. Esse dispositivo estrutura a feminilidade centralizando pensamentos e comportamentos na busca do amor ideal, sendo seu encontro necessário ao projeto de realização pessoal das mulheres (Swain, 2006, 2011, 2013; Vannuchi, 2010; Monteiro & Zanello, 2014; Zanello, 2014).

Na *fanpage*, frustrações amorosas são colocadas como uma grande fonte de sofrimento. Há uma postagem que traz o seguinte questionamento: “Você ainda acredita no amor?” (P72). A pergunta, por si só, já sinaliza o potencial de descrédito no amor. Os sete comentários emitidos por seguidoras da página, por sua vez, apresentam processos de desilusão amorosa, por meio de respostas negativas (“Entre tantas decepções hoje em dia, ó amor e só mais uma merda” (P72 – C1, Sexo Feminino). Em outras publicações, esse processo também se evidencia: “Ja sofri tanto na vida por causa de amor (...) que hoje nao entendo mais o que e amor de verdade !!” (P79 – C4, Sexo Feminino); “Sabe o que dói mais em ter um coração partido? Não ser capaz de se lembrar de como você se sentia antes.” (P80); “Troque seu coração por um pulmão, assim você fuma mais e ama menos” (P194); e “Mais uma vez, eu estou ajoelhado, tentando fugir. Tudo que eu amei se tornou tudo que eu perdi” (P126).

Nas publicações da página, as frustrações no âmbito do amor e dos relacionamentos revelam o sofrimento advindo da sensação de ser iludida por investimentos afetivos não recíprocos, como demonstram algumas mensagens: “a ilusão q vc ama uma pessoa e a pessoa apenas gosta de vc ou não sente nd só quer ter o prazer de te iludir te ver toda apaixonada e dps te meter o pé na bunda. (...)” (P72 – C2, Sexo Feminino); “Porque as pessoas cismam em querer iludir os outros não e mais fácil ser feliz sem querer machucar os outros?” (P79 – C7, Sexo Feminino); e “Pq As Pessoas Sentem Prazer Em Tratar Mau Aos Outros? Pq Elas Gostam De Iludir,

Sabendo Q Dps A Outra Vai Sofrer Pra Caramba? Pq Eles Fazem Isso? Pq As Pessoas Não Amam Uns Aos Outros? Pq? Pq? Nada Tem Respostas! ” (P79 – C10, Sexo Feminino).

Na *fanpage*, o amor e os relacionamentos não apenas se estabelecem como fonte de sofrimento, como adquirem uma dimensão existencial, representando aquilo que dá sentido à vida. As seguintes mensagens denotam a centralidade destes elementos para se viver: “Ele era a pessoa que me fazia seguir em frente, a única pessoa que fazia meu coração acelerar ... Agora ele foi e eu não sei o que fazer para continuar. ” (P99); “Você me disse Adeus. Meu mundo desabou. Por que partir dali. Eu não sabia como viveria sem você. ” (P103); e “Viver longe de você é como sentar no bar e não encher a cara” (P17).

Articulando-se por meio de traços de caráter relacional, o dispositivo amoroso fomenta a centralidade e a dependência das relações interpessoais e de certas qualidades femininas para criá-las e mantê-las (Monteiro & Zanella, 2014). Nesse sentido, é exigido das mulheres que desenvolvam uma economia emocional totalmente voltada para realização dos outros (Jaggar & Bordo, 1997). Reproduzindo características do feminino como meigo, doce e devotado, esse dispositivo modela mulheres para serem amáveis e cuidadoras, colocando-as num lugar marcado pela bondade e abnegação, tudo em nome do cuidado com o outro (Swain, 2006, 2010; Zanella, 2014; Zanella, Bukowitz, & Coelho, 2011).

Nas publicações da página, a centralidade e a dependência das relações interpessoais fora expressa, sobretudo, nas publicações associadas ao *Abandono e Rejeição*. Nesta subcategoria, foram identificadas mensagens que faziam referência ao sofrimento gerado por experiências de abandono, rejeição, sensação de desamparo, ausência de uma rede de apoio e dependência de outrem. Aqui, o sofrimento está associado a traços de caráter relacional, pois aponta para a noção de heteronomia⁴⁶, que indica relações de dependência, submissão ou subordinação. Além disso, na subcategoria *Desajuste*, referente às *Manifestações Sintomáticas*, as expressões de autodepreciação frequentemente apontavam para a não correspondência de expectativas alheias, o que indica também um estado de submissão ao desejo do outro.

Na *fanpage*, também foram expressas mensagens que denotam frustrações e conflitos relacionais em função da abnegação e do cuidado com o outro (“Já tomei tanto cuidado para

⁴⁶ O termo heteronomia designa a aceitação de normas alheias; a submissão aos valores da tradição; e a obediência passiva aos costumes, em função do temor à reprovação social ou do conformismo. Heteronomia estabelece-se como o conceito oposto ao de autonomia. Nesta, não há a negação das influências do meio social, seus condicionamentos e determinismos, pois a autonomia refere-se à capacidade de se refletir criticamente sobre as limitações que lhe são impostas, processo ativo de orientar a própria ação. Desse modo, quando um sujeito opta por cumprir ou não uma norma, o centro da decisão é ele mesmo, diante de sua consciência moral. A autonomia envolve, portanto, um processo de autodeterminação (Aranha & Martins, 1986, p. 307-308).

não magoar certas pessoas, e no fim, elas que me magoaram. ”, P81; “eu acho q eu sirvo so pra ajudar as pessoas... eu sirvo pra passar pela vida delas, viver a fase ruim com elas, e depois que a pessoa está bem? Simplesmente me jogam fora e eu fico aqui. ”, P100; “A pessoa por quem você levaria um tiro, é a que vai puxar um gatilho. ”, P174).

Na subcategoria *Amor e Relacionamentos* estavam enquadradas também mensagens que normatizam ou caracterizam estas esferas da vida. De modo geral, identificou-se que as publicações que traziam esses aspectos refletiam expectativas idealizadas sobre como deveriam ser os relacionamentos amorosos e/ou amistosos. Na *fanpage*, o “verdadeiro amor” é idealizado, apresentado como algo perene, duradouro, reestruturante e capaz de dar sentido e prazer à existência como um todo (“Será que vou ser feliz? Ter um amor tão verdadeiro? E que não me machuque? ”, P79 – C11; “Ela se apaixonou pelo médico. Viveu saudável, o resto da vida. Ela se apaixonou pelo cozinheiro. Comeu bem, o resto da vida. Ela se apaixonou pelo escritor. Se tornou imortal, em cada verso. ”, P70; “Antes de você, era só escuridão. Você é a única luz que conheço. ”, P178).

Na subcategoria *Ideais Estéticos*, foram identificadas mensagens que fazem alusão ao sofrimento advindo do senso de não enquadramento nos padrões de beleza (“Odeio o fato de não ser bonita o suficiente. Odeio o fato de não ser magra o suficiente. Odeio nunca ser o suficiente em nada. ”, P158). Nesta subcategoria, uma postagem se destacou, por apresentar, em reações de curtida e compartilhamentos, o maior número de interações virtuais (685) de todas as publicações analisadas, nela dizia-se: “Eu só queria ser bonita para ele gostar de mim” (P124). Esta mensagem traz à tona um aspecto central do dispositivo amoroso: o ideal de beleza hegemônico.

Os papéis de gênero na cultura ocidental foram naturalizados e universalizados em torno de processos materiais e simbólicos que atribuem às mulheres um lugar passivo. A passividade que as fazem almejar ser objetos de desejo, coloca as mulheres diante de um investimento permanente para se fazerem perceptíveis como atraentes aos olhares dos homens. Sob efeito destas condições, os méritos da feminilidade não se dão, propriamente, em torno daquilo que as mulheres escolhem ou conquistam, mas sobretudo, no processo de ser escolhida (Monteiro & Zanello, 2014; Timm, Pereira & Gontijo, 2011).

Na página, o anúncio que recebera o maior número de interações virtuais (“Eu só queria ser bonita para ele gostar de mim”, P124), deixa claro que o processo de eleição amorosa se dá pela via da beleza. Noutra postagem, diz-se que: “As garotas se apaixonam pelo que ouvem, e

os garotos se apaixonam pelo que veem... é por isso que as garotas usam maquiagem e os garotos mentem. ” (P46). Está última, não apenas reafirma o foco do olhar masculino em torno da questão estética, como coloca a mulher num lugar passivo e de vulnerabilidade: em busca de elogios e de ser objeto de desejo do outro, as garotas são facilmente enganáveis, pois se apegam ao que ouvem.

Uma vez que o corpo das mulheres se constitui como um eixo central de sua existência social, esse fator faz com que a beleza física seja um dos principais atributos enaltecidos nas mulheres. Desse modo, constituindo-se pelo olhar do homem, a mulher se sente profundamente desamparada quando não é notada como bela (Monteiro & Zanello, 2014; Timm, Pereira & Gontijo, 2011; Swain, 2006). Nesse sentido, há um diálogo publicado na *fanpage* que retrata exatamente a potência desse tipo de sofrimento: “- Você é feia! - Eu sei. - Você não faz falta. - Eu sei. - Ninguém te ama. -Eu sei. -Você é gorda. -Eu sei. -Porque não se mata então? - Já tentei. ” (P27).

Para Monteiro e Zanello (2014), os constantes cuidados com a beleza e os comportamentos de sedução estabelecem-se como o principal recurso capaz de tornar as mulheres passíveis de serem “escolhidas” no mercado do amor. Na atualidade, muitas vezes, o apresentar-se como bela compreende uma escolha associada à esforços pessoais (Novaes, 2006). Nesse âmbito, estar fora dos padrões de magreza, por exemplo, é frequentemente lido como um comportamento de desleixo.

Na *fanpage*, há uma postagem em que, imagetivamente, um corpo anoréxico é apresentado junto à mensagem “Vai dar certo uma hora! ” (P15). Esta publicação, não apenas traz um apelo que faz referência à um ideal estético, como apresenta um incentivo explícito a práticas típicas de transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia. Ao total, foram identificados cinco registros com este tema: três imagens de corpos anoréxicos e duas mensagens que abordam estes transtornos.

Fatores de Proteção

Como *Fatores de Proteção* foram identificadas mensagens de acolhimento e suporte; mensagens positivas ou motivacionais; e mensagens de aconselhamento. Nesta categoria, foram incluídas todas as postagens e interações que podem representar fatores protetivos, pois estas indicavam tentativas de se oferecer apoio emocional. Aqui, um dado chamou atenção, pois, a maioria das mensagens que se enquadram nesta categoria apresenta estreita associação com os fatos apontados na categoria *Fatores Estressores* (abordados na seção anterior).

Na *fanpage*, identificou-se que todas as mensagens positivas ou de cunho motivacional faziam apelo a questões estéticas: “escute Christina Aguilera dizendo que você é lindo, não importa o que os outros dizem. (...)McFly dizendo então que você não precisa ser magra, para ser a garota deles”, P98; “sorria para o espelho você é linda de qualquer jeito. ”, P123. Além disso, identificou-se também que, a maioria das dicas e conselhos operavam em torno dos relacionamentos, amorosos ou amistosos (“Só porque alguém te machucou uma vez, não significa que tem que excluir totalmente de sua vida. As coisas mudam, pessoas crescem. ”, P57; “Mesmo que esteja muito ocupado, você deve sempre arranjar tempo para fazer alguém se sentir importante! ”, P129; “Preciso me amar antes de amar outro alguém. Caso contrário, continuarei fazendo merda”, P190).

Apesar de as mensagens supracitadas terem sido enquadradas como fatores protetivos, identifica-se que estas possam adquirir um caráter ambivalente, sobretudo por partirem de argumentos do senso comum. Ainda que possam representar uma via de consolo ou suporte, estas mensagens parecem reforçar e legitimar um processo de realização pessoal feminino que se dá pelo reconhecimento da centralidade da beleza e dos relacionamentos interpessoais. Estas mensagens se apropriam de elementos do dispositivo amoroso, reforçando-os como estratégias para o fornecimento de acolhimento emocional. Portanto, concluímos que as mensagens motivacionais e de aconselhamento postadas na *fanpage* revelam, também, a potência do sofrimento associado às vias privilegiadas de subjetivação do feminino em nossa cultura.

Na *fanpage*, também foram identificadas como fatores de proteção, mensagens de apoio e suporte (“Deus Te ama e smp será fiél a ti! ”, P79 – C17, Sexo Feminino; “não quero te ver assim, não posso te ver assim. Quero te ver com seu lindo sorriso. ”, P67 – C1, Sexo Feminino). De modo geral, estas são emissões que denotam empatia e desejo de acolhimento entre os seguidores da página. Quando um interlocutor diz à um sujeito em sofrimento “quero te ver com seu lindo sorriso”, este pode tanto expressar empatia e desejo de bem-estar quanto, no caso, estimular o comportamento de se mascarar as emoções. Desse modo, algumas destas mensagens também adquirem um caráter ambivalente, pois revelam um senso de identificação e empatia entre sujeitos suicidas que pode se constituir como fator de risco (“Pode escrever qualquer coisa, algo que queira falar porém não consegue.. Desabafe. Me fale oque te mata, oque te prende, seus medos, desejos, saudade. Quero que se abram..”, P79).

Diante de uma postagem que apresentava conteúdos suicidas, uma pessoa do sexo feminino emitiu o seguinte comentário: “ain mor para eu t amo se foor sumir me leve cntg”, P48 – C1). Nesta mensagem, a jovem não apenas expressa sentimentos positivos em relação à uma

pessoa suicida, como faz alusão a um convite que pode simbolizar um incentivo a prática do suicídio coletivo. Esta mensagem, assim como outros elementos presentes na *fanpage*, aponta para o papel exercido pela sociabilidade virtual no comportamento suicida. O compartilhamento, na Internet, de ideações suicidas e a execução de planos para se matar gera um senso de comunhão e pertencimento, que pode transformar esse comportamento íntimo e privado em uma experiência coletiva (Ozawa-De Silva, 2008, 2010).

Em uma postagem que fazia referência ao sofrimento psíquico, uma pessoa do sexo feminino emitiu o seguinte comentário: “Preciso desabafar, pfv.. Deixem números para eu chamar no whatss.... Preciso muito⁴⁷” (P153 – C1). Este comentário recebeu uma resposta que continha o número de telefone de outra pessoa. Nesta mensagem, embora esta jovem emita um comportamento que revela a busca de ajuda, ela se expõe para ser acolhida por outras pessoas que seguem a página, ou seja, sujeitos que também podem estar desejando se matar. A pessoa que forneceu o número de telefone, também pode se tornar vulnerável, uma vez que deixou seu contato pessoal acessível para qualquer um que visualize a postagem.

Ainda que as mensagens de apoio e suporte possam refletir a intenção de demonstrar empatia e oferecer acolhimento, ou mesmo que forneçam espaços de incentivo ao desabafo, estas podem também ser interpretadas como fatores de risco ao suicídio, pois, conectam sujeitos que podem estar vivenciando estados críticos de sofrimento e ideações suicidas. O vínculo estabelecido entre pessoas que vivenciam uma crise suicida pode contribuir para o reforço de afetos intoleráveis como a desesperança, assim como, induzir ao planejamento coletivo de métodos para o suicídio (Lee, 2003; Naito, 2007; Rajagopal, 2004; Westerlund, 2011). Nesse sentido, a literatura da área inclusive aponta riscos associados às terapias de grupo com este público (APA, 2010; Firestone, 2014).

Cibercultura

Num primeiro momento, fazer referência, neste trabalho, à elementos da chamada “era cibernética” parece estabelecer-se de modo demasiado generalizante para uma pesquisa que empreendera a análise de apenas um sítio eletrônico. Contudo, aqui se reconhece que, a página *Cortes de um Anjo Negro* apresenta reflexos explícitos da cibercultura. Esta categoria é relevante para análise deste trabalho pois apresenta postagens e interações que contém elementos

⁴⁷ Nesta mensagem ‘pfv’ compreende uma abreviação da sentença “por favor”. A palavra ‘whatss’, por sua vez, faz referência ao *Whatsapp*, aplicativo de troca de mensagens entre *smartphones*.

típicos do mundo digital e seus intercâmbios com a mídia de massa. Interpreta-se que, os elementos da cibercultura podem estar associados, de alguma maneira, às vias privilegiadas de subjetivação dos adolescentes pertencentes a geração Z, ou jovens que possuem amplo acesso à Internet.

A mundialização do uso das redes sociais trouxe à tona a emergência de um novo tipo de cultura, virtual e global, e que tem resgatado aquilo que é próprio de toda e qualquer dinâmica cultural, pois atua modulando valores, comportamentos, identidades e formas culturais (Lemos, 2004; Lemos & Cunha, 2003; Turner & Muñoz, 2002). Ao identificarmos que os adolescentes da Geração Z estão expostos a influências comuns de uma mídia de massa mundial, reconhecemos que estes compartilham comportamentos e valores que estão relacionados ao mercado de consumo hegemônico. Nesse sentido, apontar que esta geração compõe uma espécie de cultura global, inclui reconhecer que, a despeito das distâncias geográficas e culturais, estes possam apresentar mais semelhanças entre si do que diferenças (Hawkins, Mothersbaugh & Best, 2007).

Na *fanpage*, foram identificadas duas subcategorias associadas ao campo cibernético: *Cultura Pop* e *Simulacro*, presentes em aproximadamente 27% dos registros de análise (Ver Tabela 02, pg. 69). Do ponto de vista imagético, quase metade das postagens (45%) fazem referência à elementos da cultura popular (filmes, séries televisivas, músicas, pessoas famosas, etc.). Chama atenção que a maioria das celebridades e obras retratadas na *fanpage* compreendam ou incluam figuras femininas reconhecidas mundialmente, fator que se dá em consonância com questões de gênero já apontadas.

A princípio, a subcategoria *Cultura Pop* não faz referência a nenhum conteúdo que esteja associado diretamente ao suicídio ou ao sofrimento psíquico. Contudo, conforme identificado na seção *Fatores Estressores*, destacaram-se, como fontes de sofrimento das adolescentes e mulheres jovens seguidoras da página, questões associadas aos ideais de beleza. Nesse sentido, alguns elementos associados à retratação de celebridades femininas chamam atenção neste trabalho, pois, de maneira geral, na *fanpage*, as imagens que contém fotos de artistas fazem apelo à um padrão fenotípico único de beleza: mulheres brancas, magras, com cabelos lisos, em sua maioria loiras ou ruivas, com olhos claros. Assim se reconhece que a representação de figuras femininas aqui não é fidedigna à diversidade estética que compõe a realidade brasileira, pois não são apresentadas mulheres negras, com traços fenotípicos de afro descendência ou latinidades, nem tampouco gordas ou que apresentam sobrepeso, por exemplo. Assim, identifica-se que, ao mesmo tempo que a *fanpage* contribui para a manutenção dos padrões de beleza

hegemônicos, as seguidoras que a acompanham sofrem por não se sentirem esteticamente enquadradas.

É interessante notar como as figuras femininas presentes nas postagens são representadas, pois, ao mesmo tempo em que se enquadram nos padrões de beleza, estas personagens são apresentadas em estados de sofrimento, sobretudo, por meio da retratação do choro. Aqui interpreta-se que o uso constante de personagens femininas em estado de sofrimento cria um elo de identificação entre as seguidoras da página, que se reconhecem, ao menos parcialmente, nas mensagens que são transmitidas imagética e textualmente. Por outro lado, a repetição desse padrão estético parece fomentar ainda mais os ideais de beleza almejados pelas seguidoras da página e, portanto, também sinalizar alguma forma de sofrimento.

No que concerne às questões estéticas supracitadas, há uma postagem que chama bastante atenção: “escute Christina Aguilera dizendo que você é lindo, não importa o que os outros dizem/McFly dizendo então que você não precisa ser magra, para ser a garota deles, mas sim precisa ser feliz.” (P98). Trata-se de uma mensagem motivacional que se utiliza da letra de músicas de diversos artistas populares como fonte de inspiração. Esta mensagem desvela a ironia de uma lógica perversa por vezes utilizada pela indústria cultural. Aqui, os mesmos sujeitos que são representados como ícones de beleza pelo mercado de consumo, são também colocados para anunciar uma mensagem de empoderamento estético.

A subcategoria *Cultura Pop* parece trazer à tona para a estrutura da *fanpage* os intercâmbios existentes entre a cibercultura e a mídia de massa mundial. A subcategoria *Simulacro*, por sua vez, materializa um comportamento que tem sido apontado como típico do mundo digital. Esta subcategoria contém publicações e interações virtuais que fomentam um ideal de comportamento segundo o qual a representação do que se vive não necessita estar exatamente atrelada àquilo que de fato se vivencia (“Na hora deu vontade de chorar/Levantei a cabeça e sorri.”, P39; “Fingir que está tudo bem já se tornou um hábito”, P79 – C3, Sexo Feminino; “É só fingir que não ta doendo colocar uma droga de sorriso no rosto e dizer a todo momento que estou bem. Ninguém irá perceber que minha alma está gritando por socorro.”, P156).

O comportamento aqui denominado pelo termo simulacro fora identificado em aproximadamente 10% das postagens, além de ter sido emitido também em comentários (Ver Tabela 02, pg. 69). É curioso notar que, uma página voltada à publicação de conteúdos suicidas e associados ao sofrimento psíquico, faça referência recorrente à atuação ou simulação da felicidade. Se por um lado a página transmite um *modus operandi* dos sujeitos suicidas que inclui a

negação desse estado (“Suicidas carregam sempre um belo sorriso no rosto”, P29), chama atenção que o apelo a este comportamento se dê especificamente nesta *fanpage*, que é pública e de acesso universal a todos os usuários do *Facebook*.

O uso do termo que designa a subcategoria que aqui se analisa não fora aleatório, na concepção de alguns autores, a pós-modernidade materializa o momento de ascensão do simulacro, período em que representações adquirem maior relevância do que as coisas em si mesmas (Bauman, 2007; Berman, 2007; Debord, 1997). No contexto do *Facebook*, o simulacro estabelece que a validação das experiências pessoais é perpassada pelo olhar do outro e suas ‘curtidas’. Segundo Boyd e Ellison (2007), esse processo constitui uma reinvenção de si, pois é possível se apresentar ao mundo do modo como convém sentir-se reconhecido (“Todo mundo pensa que nós somos perfeitos. Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas.”, P83).

Keen (2012) identifica que o excesso de exposição da vida pessoal fomentado na cibercultura se constitui como um comportamento de rebanho. Essa transparência da vida cotidiana é constantemente estimulada pois a reputação das pessoas passou a depender da emissão de suas representações. No contexto virtual, as pessoas foram colocadas numa condição em que são obrigadas a viver em público, tornando-se exibicionistas e atores de espetáculos sociais (“Você construiu um mundo mágico, porque sua vida real é trágica.”, P116).

Identifica-se, no caso específico da página *Cortes de um Anjo Negro*, que os conteúdos publicados que fazem referência ao *Simulacro* compreendem uma estratégia de enfrentamento que diminui a chance dos sujeitos em sofrimento obterem ajuda externa. Nesse sentido, a atuação da *fanpage* parece se dar no sentido de estimular ou propagandear um comportamento que a literatura reconhece como sendo de risco para o suicídio.

Os estudos mais recentes em suicidologia sugerem que traços de personalidade disfuncionais e déficits nos estilos cognitivos sejam elementos mediadores do comportamento suicida (McGirr et al., 2008; Séguin et al., 2014). Esses traços de personalidade podem aumentar o risco de suicídio, uma vez que estão relacionados a tendência de se reagir a situações frustrantes com estratégias de enfrentamento disfuncionais que, além de exacerbarem o sofrimento psíquico, podem promover rupturas nos vínculos sociais (Horowitz, Bridge & Boudreaux, 2014).

As pessoas que apresentam comportamentos suicidas tendem a suprimir suas emoções e ter dificuldades na identificação de seus sentimentos. Fatores intrapsíquicos e individuais, incluindo emoções negativas e incapacidade ou dificuldades de expressá-las, contribuem para uma maior reatividade, impulsividade e tendência à introjeção da agressividade (Tingey et al.,

2014). Ademais, identifica-se que o efeito desses traços está bastante presente em crianças e adolescentes suicidas, tendendo a diminuir com a idade (McGirr et al., 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência, aqui compreendida como um constructo em devir, apresenta-se enquanto uma vivência que tem sido constantemente revisitada, em consonância com condições materiais e simbólicas promovidas por cada tempo histórico, em cada sociedade. Identificou-se nos estudos geracionais que, desde meados do século XX, as inovações tecnológicas têm ocupado um lugar central no processo de estruturação das gerações. Nesse sentido, o uso da Internet tem demarcado vias privilegiadas de subjetivação da adolescência que se desvela no século XXI. A inserção no mundo digital e o uso cotidiano das redes sociais são elementos que prevalecem no processo de socialização da chamada Geração Z.

Uma das complexidades da Internet reside no grau de intensidade e velocidade com que esta tem interferido nas relações humanas. Na atualidade, verifica-se que a *web* tem reconfigurado dinâmicas de interação social e práticas de comunicação a tal ponto que se identifica a emergência de um novo tipo de cultura: virtual e global. A cibercultura tem resgatado elementos típicos de toda e qualquer dinâmica cultural, estabelecendo-se, assim, como um *locus* de efervescência social que traz consigo novas formas de sofrer e manifestar sofrimento.

O presente trabalho visou traçar reflexões em torno do sofrimento psíquico e do comportamento suicida expresso por adolescentes em uma página do *Facebook*. Esta pesquisa tinha como objetivos identificar e analisar elementos das interações virtuais que podem se configurar como potencializadores ou atenuadores do risco de suicídio de adolescentes. Para se compreender o papel desta *fanpage* na expressão de sofrimento psíquico e comportamentos suicidas, é necessário identificar como as postagens se relacionam com seu público interativo, constituído, sobretudo, por adolescentes e jovens do sexo feminino. Identificou-se que os conteúdos da *fanpage* fazem referência, principalmente, a questões que atravessam o universo de constituição simbólica da feminilidade em nossa cultura.

As postagens da *fanpage* trouxeram à tona formas típicas pelas quais mulheres em nossa sociedade tendem a vivenciar, expressar e enfrentar o sofrimento psíquico. Do ponto de vista das manifestações sintomáticas, identificou-se que, de modo conjuntural, estas apontavam para estados depressivos. Reconhecendo-se que os critérios diagnósticos dos episódios e quadros depressivos se coadunam mais com vias privilegiadas de subjetivação do feminino do que do masculino em nossa cultura, faz sentido que as expressões de sofrimento emitidas na *fanpage* apontassem para a depressão e outros transtornos cuja incidência é maior em mulheres, como a bulimia e a anorexia.

Nas postagens e interações virtuais, questões relativas ao âmbito dos relacionamentos foram os aspectos que mais se destacaram na expressão de afetos negativos e exposição de *Fatores Estressores* (motivadores do sofrimento e/ou ideações suicidas). Assim, as manifestações e vivências de sofrimento refletem traços de caráter relacional que estão associados ao dispositivo amoroso: graves conflitos relacionais, situações de rompimento de relacionamentos, vivências de abandono, rejeição, sensação de desamparo, solidão e dependência de outrem para viver.

Outro elemento vinculado ao dispositivo amoroso se destacou neste trabalho: a questão do ideal de beleza feminino. Preocupações com a imagem corporal e o não enquadramento estético foram relatados como fontes de sofrimento do mesmo modo que mensagens motivacionais apelavam para importância da beleza. Do ponto de vista imagético, predominaram imagens que continham elementos da cultura popular, sobretudo associados a celebridades do sexo feminino. De modo geral, essas imagens faziam apelo ao padrão fenotípico hegemônico de beleza, que inclui traços europeus. Ao mesmo tempo, identificou-se que a *fanpage* contribuiu para a manutenção dos padrões de beleza e que suas seguidoras sofrem por não se sentirem esteticamente enquadradas.

As tentativas de suporte e acolhimento, identificadas nessa *fanpage* como *Fatores de Proteção*, adquirem um caráter ambivalente, perigoso e potencialmente disfuncional para indivíduos suicidas que carecem de uma rede de apoio qualificada a protegê-los. Ora as mensagens de apoio refletem empatia e acolhimento, ora reproduzem demandas que produzem sofrimento, ora representam convites ou um conluio com ideações suicidas. Além disso, identificou-se que, em geral, as mensagens desta categoria reforçavam elementos do dispositivo amoroso frequentemente associados ao tipo de sofrimento psíquico manifestado na *fanpage*.

A incidência de manifestações suicidas na *fanpage* em análise, cujo acesso é público e universal, serve como exemplo do quanto a Internet e as mídias sociais têm servido como um espaço aberto para a discussão deste tema. Esta *fanpage* parece reunir jovens que se identificam com conteúdos associados ao sofrimento psíquico e comportamentos suicidas. A partir dos compartilhamentos e outras formas de interação virtual, reconhece-se não apenas o potencial de difusão dos conteúdos publicados, como seu papel no reforço e influência de comportamentos disfuncionais e mal adaptativos tais como: o isolamento e o retraimento social, a automutilação, o mascaramento das emoções, o consumo de tabaco ou outras substâncias, a indução à dietas e práticas restritivas associadas à bulimia e anorexia.

No que tange ao papel da *fanpage* enquanto veículo de comunicação de uma rede social, identificou-se que a página incorpora elementos explícitos da cibercultura relacionados ao tema do sofrimento e do suicídio. Nesse âmbito, verificou-se que a prevalência de difusão de elementos de uma cultura popular mundial (filmes, séries televisivas, músicas, pessoas famosas, etc.) traz à tona, para a estrutura da *fanpage*, os intercâmbios existentes entre a cibercultura e a mídia de massa mundial. Além disso, foram identificadas publicações e interações virtuais que fomentam comportamentos típicos do mundo digital: o simulacro, a representação imagética do espetáculo e as referências recorrentes à atuação ou simulação da felicidade.

Verificou-se, no caso específico da *fanpage* em análise, que os conteúdos referentes ao *Simulacro* compreendem uma estratégia de enfrentamento que diminui a chance de se obter ajuda externa, o que pode atuar como incentivo à um comportamento de risco para o suicídio. A literatura em suicidologia já reconheceu que pessoas suicidas tendem a suprimir suas emoções e ter dificuldades na identificação de seus sentimentos, tendência que essa *fanpage* parece reforçar. Além de exacerbarem o sofrimento psíquico, os traços de personalidade disfuncionais e déficits nos estilos cognitivos indicados nas postagens e interações virtuais costumam promover rupturas nos vínculos sociais e podem constituir-se como elementos mediadores do comportamento suicida.

Este estudo visou explorar o conteúdo de um único sítio eletrônico em um período de tempo delimitado. As construções apresentadas se limitam a este contexto. Reconhece-se que uma amostra mais abrangente de sítios e período de postagens possa oferecer uma análise mais representativa do universo das vivências e expressões de sofrimento e comportamento suicida na internet. Generalizações para outros contextos podem não ser adequadas ou apresentar limitações importantes. Contudo, o principal objetivo deste estudo fora exploratório, visando analisar os discursos e interações virtuais de forma exemplificativa e não necessariamente generalizável. Infelizmente, dada algumas limitações do objeto de análise, não fora possível avaliar estatísticas referentes às variáveis sociodemográficas dos seguidores da *fanpage*, muito menos relacionar estas variáveis às categorias de análise propostas.

Em suma, a análise das postagens, do tipo de conteúdo que é publicado, e do modo como seus seguidores interagem e reagem diante das publicações, revelou mecanismos de reforço e legitimação dos discursos da *fanpage*, de modo que se pôde identificar algum tipo de um incentivo e/ou engajamento em comportamentos suicidas. Do mesmo modo, também foram identificadas, na página, expressões de empatia, acolhimento e suporte àqueles que manifestavam sofrimento e ideações suicidas. Compreende-se, portanto, que o modo como se estabelecem as

interações virtuais nessa *fanpage* pode compreender tanto indicadores de risco quanto de proteção ao suicídio e que estas podem exercer efeitos ambivalentes e potencialmente nocivos a depender de como a pessoa recebe ou percebe a mensagem pretendida como suporte emocional.

Por fim, a análise da página *Cortes de um Anjo Negro* demonstra a complexidade de se desenvolver políticas públicas voltadas à prevenção do suicídio por meio de ferramentas *online*. Estas estratégias devem ser capazes de distinguir os elementos que operam como risco ou proteção ao suicídio. A incidência de manifestações sobre o sofrimento psíquico e comportamentos suicidas na *fanpage* indica que as publicações das redes sociais podem servir como indicadores úteis para o rastreamento de indivíduos suicidas. Esta é uma informação relevante de ser levada em consideração por profissionais da clínica psicológica, sobretudo quando se reconhece que o meio virtual tem sido um espaço central de socialização dos adolescentes. Desse modo, fomenta-se a importância de que futuras pesquisas na área levem em consideração o potencial de influência da sociabilidade virtual no comportamento suicida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abramo, H. W., & Branco, P. P. M. (2005). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania.
- Abramo, H. W., León, Ó. D., & de Freitas, M. V. (2005). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa.
- Abreu, K. C. (2004). Tulipas vermelhas: uma (re)leitura das relações na (e da) Internet. *Synthesis – Revista de Produção Científica da FAVEST*, 1(5), 38-47.
- Adekola, A., Yolles, J., & Armenta, W. (1999). Cybersuicide: The Internet and suicide. *American Journal of Psychiatry*, 156(11), 1836-1837.
- Aleman, A., & Denys, D. (2014). A road map for suicide research and prevention. *Nature*, 509(7501), 421-423.
- Almeida, M. L. (2016). *GIFS: educação estética, afeto e ativismo através da imagem animada*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- American Psychiatric Association (2010). *Practice Guideline for the Assessment and Treatment of Patients with Suicidal Behaviors* [On-line]. Disponível em: <http://psychiatryonline.org/pb/assets/raw/sitewide/practice_guidelines/guidelines/suicide.pdf>. Acessado em 26/09/2016.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Andrade, L. H. S., Viana, M. C., & Silveira, C. M. (2006). Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(2), 43-54.
- Aranha, M. L. A., & Martins, M. H. P. (1986). *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna.
- Ariès, P. (2011). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Bahls, S. C., & Bahls, F. R. C. (2002). Depressão na adolescência: características clínicas. *Interação em Psicologia*, 6(1), 47-59.
- Baker, D., & Fortune, S. (2008). Understanding self-harm and suicide websites: A qualitative interview study of young adult website users. *Crisis*, 29(3), 118-122.
- Barbosa, A. F. (2013). *TIC Kids online Brasil 2012*. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê gestor da Internet no Brasil, 330. Disponível em <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#>>>. Acessado em 02/08/2016.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1991). *Simulações e simulacros*. Lisboa: Relógio D'Água.

- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Baume, P. J., Cantor, C., & Rolfe, A. (1997). Cybersuicide: The role of interactive suicide notes on the Internet. *Crisis*, 18(2), 73-79.
- Becker, K., Mayer, M., Nagenborg, M., El-Faddagh, M., & Schmidt, M. H. (2004). Parasuicide online: Can suicide websites trigger suicidal behavior in predisposed adolescents? *Nordic Journal of Psychiatry*, 58(2), 111-114.
- Belloni, M., & Gomes, N. (2007). *Caracterização do público jovem das tecnologias de informação e comunicação: autodidaxia e colaboração*. Florianópolis: UFSC.
- Berman, M. (2007). *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bertolote, J. M., Mello-Santos, C. D., & Botega, N. J. (2010). Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 32(2), S87-S95.
- Bhatia, M. S., Verma, S. K., & Murty, O. P. (2006). Suicide notes: psychological and clinical profile. *The International Journal of Psychiatry in Medicine*, 36(2), 163-170.
- Biddle, L., Derges, J., Mars, B., Heron, J., Donovan, J., Potokar, J., Piper, M., Wyllie, C., & Gunnell, D. (2016). Suicide and the Internet: Changes in the accessibility of suicide-related information between 2007 and 2014. *Journal of Affective Disorders*, 190(1), 370-375.
- Black, S. (1989). Gender differences in the content of genuine and simulated suicide notes. In: D., Lester, (Org.), *Suicide '89*. Denver: American Association of Suicidology.
- Black, S., & Lester, D. (2003). The content of suicide notes: Does it vary by method of suicide, sex or age? *Omega*, 46(3), 241-249.
- Boyd, D. (2010). Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: Z., Papacharissi, (Org.), *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites* (pp. 39-58). London: Routledge.
- Boyd, D., & Ellison, N. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of computer mediated communication*, 13(1). Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acessado em 27/07/2016.
- Braga, L. D. L., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14.
- Briggs, A., & Burke, P. (2006). *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191.
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). Coping strategies and gender in young people. *Psicologia em estudo*, 12(1), 87-93.
- Campos, L. T. (2014). Vertigem Digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. *Temática*, 10(12), 271-277.
- Canetto, S. S. (1991). Gender roles, suicide attempts, and substance abuse. *The Journal of psychology*, 125(6), 605-620.
- Canetto, S. S. (1992). She died for love and he for glory. *Omega*, 26(1), 1-17.
- Canetto, S. S. (1997). Meanings of gender and suicidal behavior during adolescence. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 27(4), 339-351.
- Canetto, S. S. (2008). Women and suicidal behavior: a cultural analysis. *American Journal of Orthopsychiatry*, 78(2), 259-266.
- Canetto, S. S., & Sakinofsky, I. (1998). The gender paradox in suicide. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 28(1), 1-23.
- Canetto, S., & Lester, D. (1999). Motives for suicide in suicide notes from women and men. *Psychological Reports*, 85(1), 471-472.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto enferm*, 15(4), 679-684.
- Ceretta, S. B., & Froemming, K. M. (2011). Geração Z: Compreendendo os Hábitos de Consumo da Geração Emergente: O Consumidor Jovem. *RAUnP*, 3(2), 15-24.
- Chang, S., Page, A., & Gunnell, D. (2011). Internet searches for a specific suicide method follow its high-profile media coverage. *The American Journal of Psychiatry*, 168(1), 855-856.
- Coimbra, R. G. C., & Schikmann, R. (2001). A geração net. *Anais do XXV. Encontro da associação nacional de pós-graduação em administração – ANPAD*. Campinas, SP, Brasil, 15.
- Conger, J. (1998). Quem é a geração X? *HSM Management*, 11(1), 128-138.
- Conner, K. R., Duberstein, P. R., Conwell, Y., & Caine, E. D. (2003). Reactive aggression and suicide: Theory and evidence. *Aggression and violent behavior*, 8(4), 413-432.
- Costa, A. B., & Soares, D. H. P. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.
- Coutinho, L. G. (2009). *Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau.
- Cristiani, Á. (2011). Generación Y: ¿ Los malos de la película?. *IEEM*, 14(3), 40-44.

- D'Hulster, N., & Van Heeringen, C. (2006). Cyber-suicide: The role of the Internet in suicidal behavior. A case study. *Tijdschrift voor Psychiatrie*, 48(10), 803-807.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Del Porto, J. A. (1999). Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21(1), 06-11.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora !34.
- Denning, D. G., Conwell, Y., King, D., & Cox, C. (2000). Method choice, intent, and gender in completed suicide. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 30(3), 282-288.
- Dias, M. L. (1997). *Suicídio: testemunhos de adeus* (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Dizard, W. (2000). *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Donath, J. S. (1999). Identity and deception in the virtual community. In: M. A., Smith, & P., Kollock, (Orgs.), *Communities in cyberspace*. London: Routledge.
- Duailibi, K. & Silva, A. (2014). Depressão: critérios do DSM-5 e tratamento. *Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica*, 40(1), 27-32
- Durkee, T., Hadlaczky, G., Westerlund, M., & Carli, V. (2011). Internet pathways in suicidality: a review of the evidence. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 8(1), 3938–3952.
- Eco, U. (1984). *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Engelmann, D. C. (2009). O Futuro da Gestão de Pessoas: como lidaremos com a geração Y? Disponível em: <<http://www.rh.com.br>>. Acessado em 12/07/2016.
- Facebook (2015). Termos de Páginas, Políticas de Uso de Dados e Declaração de Direitos e Responsabilidades Disponível em <https://www.facebook.com/page_guidelines.php>. Acessado em 16/07/2016.
- Facebook (2016). Central de Segurança. Disponível em <<https://www.facebook.com/help/473865172623776/>>. Acessado em 20/07/2016.
- Ferraz, F. C., & Matheus, T. C. (2007). *Adolescência (Coleção Clínica Psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, A. C. L. (2007). *Desenvolvimento moral e uso de redes sociais de relacionamento na internet: uma relação possível?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Firestone, L. (2014). Suicide: What Therapists Need To Know. *Continuing Education in Psychology* [On-line]. Disponível em: < <https://www.apa.org/education/ce/suicide.pdf>>. Acessado em 26/09/2016.
- Foucault, M. (1988). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

- Foucault, M. (2003). *A sociedade disciplinar em Crise*. São Paulo: Estratégia.
- Freud, S. (1974). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, p. 40). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1980). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 23-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2004a). À Guisa da Introdução ao Narcisismo. In: S., Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Obras Psicológicas de Sigmund Freud)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2004b). Pulsões e Destinos da Pulsão. In: S., Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Obras Psicológicas de Sigmund Freud)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Frota, A. C. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 144-157.
- Galland, O. (2007). *Sociologie de la jeunesse*. Paris: A. Colin.
- Ghiardo, F. (2004). Generaciones y Juventud: una relectura desde Manheim y Ortega y Gasset. *Última década*, 12(20), 11-46.
- Giddens, A. (2003). *Mundo em descontrol*. Rio de Janeiro: Record.
- Giegling, I., Olgiati, P., Hartmann, A. M., Calati, R., Möller, H. J., Rujescu, D., & Serretti, A. (2009). Personality and attempted suicide. Analysis of anger, aggression and impulsivity. *Journal of psychiatric research*, 43(16), 1262-1271.
- Gilat, I., & Shahar, G. (2007). Emotional first aid for a suicide crisis: Comparison between telephonic hotline and Internet. *Psychiatry*, 70(1), 12-18.
- Gomes, J. O., Baptista, M. N., Carneiro, A. M., & Cardoso, H. F. (2014). Suicídio e Internet: Análise de Resultados em Ferramentas de Busca. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 63-73.
- Gonçalves, H. S. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Psicologia e Sociedade*, 20(2), 217-225.
- Gunn, J. F., & Lester, D. (2013). Using google searches on the internet to monitor suicidal behavior. *Journal of Affective Disorders*, 148(1), 411-412.
- Gunnell, D., Bennewith, O., Kapur, N., Simkin, S., Cooper, J., & Hawton, K. (2012). The use of the Internet by people who die by suicide in England: A cross sectional study. *Journal of Affective Disorders*, 141(1), 480-483.
- Gunter, B., & Furnham, A. (1998). *As Crianças como Consumidoras: uma análise psicológica do Mercado Juvenil (Coleção Horizontes pedagógicos)*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Gvion, Y., & Apter, A. (2011). Aggression, impulsivity, and suicide behavior: a review of the literature. *Archives of Suicide Research, 15*(2), 93-112.
- Hagihara, A., Tarumi, K., & Abe, T. (2007). Media suicide-reports, internet use and the occurrence of suicides between 1987 and 2005 in Japan. *BMC Public Health, 7*(1), 231-238.
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.
- Harvey, M. (2010) *Facebook ousts Google in us popularity*. Disponível em <http://technology.timeson-line.co.uk/tol/news/tech_and_web/the_web/article7064973.ece>. Acessado em 02/08/2016.
- Hawkins, D. I., Mothersbaugh, D. L., & Best, R.J. (2007). *Comportamento do Consumidor: Construindo a Estratégia de Marketing*. Rio de Janeiro: Campus.
- Hawton, K. (2000). Sex and suicide. Gender differences in suicidal behavior. *Br J Psychiatry, 177*(1), 484-485.
- Hawton, K., Van Heeringen, K. (2009) Suicide. *The Lancet, 373*(1), 1372-1381.
- Haythornthwaite, C. (2005). Social networks and Internet connectivity effects. *Information, communication & society, 2*(8), 125-147.
- Hendin, H., Maltzberger, J. T., Haas, A. P., Szanto, K., & Rabinowicz, H. (2004). Desperation and other affective states in suicidal patients. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 34*(4), 386-394.
- Hernández, A. M.; García, L. F.; & Lara, M. G. (2011). Notas suicidas mexicanas. Un análisis cualitativo. *Pensamiento Psicológico, 9*(17), 33-42.
- Herring, S. C. (1999). Interactional coherence in CMC. *Journal of computer-mediated communication, 4*(4). Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>>. Acessado em 27/07/2016.
- Herring, S. C., Kouper, I., Paolillo, J., Scheidt, L. A., Tyworth, M., Welsch, P., Wright, E., & Yu, N. (2006). *Conversations in the blogosphere: an analysis "from the bottom up"*. Los Alamitos: IEEE.
- Ho, T., Yip, P., Chiu, C., & Halliday, P. (1998). Suicide notes: what do they tell us? *Acta Psychiatrica Scandinavica, 98*(1), 467-473.
- Horowitz, L. M., Bridge, J. A., & Boudreaux, E. D. (2014). Screening youth for suicide risk in medical settings: time to ask questions. *American journal of preventive medicine, 47*(3), S170-S175.
- Imperatori, T., Lionço, T., Diniz, D., & Santos, W. (2008). Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros. *Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder, 8*(1), 1-8.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2010. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv54598.pdf>>. Acessado em 12/07/2016.
- Jaggar, A., & Bordo, S. (1997) *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

- Java, A., Song, X., Finin, T., & Tseng, B. (2007). *Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities*. California: San Jose.
- Jorgensen, B. (2003). Baby Boomers, Generation X and Generation Y? Policy implications for defense forces in the modern era. *Foresight*, 5(4), 41-49.
- Kanaame, R. (1999). *Comportamento Humano nas Organizações: O Homem Rumo ao Século XXI*. São Paulo: Atlas.
- Katsumata, Y., Matsumoto, T., Kitani, M., & Takeshima, T. (2008). Electronic media use and suicidal ideation in Japanese adolescents. *Psychiatry Clin. Neurosci.*, 62(6), 744-746.
- Keen, A. (2009). *O Culto do Amador*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Keen, A. (2012). *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Kim-Cohen, J., Caspi, A., Moffitt, T. E., Harrington, H., Milne, B. J., & Poulton, R. (2003). Prior juvenile diagnoses in adults with mental disorder: developmental follow-back of a prospective-longitudinal cohort. *Archives of general psychiatry*, 60(7), 709-717.
- Kliksberg, B. (2006). O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. *Revista de Administração Pública*, 40(5), 909-942.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ku, L., Ke, K., & Chen, H. (2009). Opinion Analysis on CAW 2.0 Datasets. *Paper apresentado no Workshop CAW 2.0 2009: Proceedings of the 1st Content Analysis in Web 2.0*, Madrid, Espanha.
- Laraia, R. B. (2001). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lauer, C. (2011). A chegada da geração Z no mercado de trabalho. *Jornal Carreira e Sucesso*. Disponível em <http://www.catho.com.br/jcs/inputs_view.phtml?id=12407>. Acessado em 10/07/2016.
- Lauretis, T. (1994). A tecnologia de gênero. In: H., Holanda, (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lee, D. (2003). Web of despair. *Foreign Policy*, 138(1), 90-91.
- Leenaars, A. (1998). *Suicide notes*. New York: Human Sciences.
- Leenaars, A. A., De Wilde, E. J., Wenckstern, S., & Kral, M. (2001). Suicide notes of adolescents: A life-span comparison. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 33(1), 47.
- Leiner, B. M. (2003). *A Brief History of the Internet* [on-line]. Disponível em: < <http://www.isoc.org/internet/history/brief.shtml> >. Acessado em 13/07/2016.
- Lemos, A. (2003). *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

- Lemos, A. (2004). Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? *Contemporânea - Revista de comunicação e cultura*, 2(2), 9-22.
- Lemos, A., & Cunha, P. (2003). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Lester, D., & Heim, N. (1992). Sex differences in suicide notes. *Perceptual and Motor Skills*, 75(2), 582-588.
- Lester, D., & Reeve, C. (1982). The suicide notes of young and old people. *Psychological Reports*, 50(1), 334-339.
- Lester, D., Wood, P., Williams, C., & Haines, J. (2004). Motives for Suicide - A Study of Australian Suicide Notes. *Crisis*, 25(1), 33-34.
- Levi, G., & Schmidt, J. C. (1996). *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Loiola, R. (2009). Geração Y. *Revista Galileu*. 219(1), 50-53.
- Lombardia, P. G. (2008). Quem é a geração Y? *HSM Management*, 70(1), 1-7.
- Loureiro, P. R., Moreira, T. B., & Sachsida, A. (2013). *Os Efeitos da Mídia sobre o Suicídio: Uma Análise Empírica para os Brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Lovisi, G. M., Santos, S. A., Legay, L., Abelha, L., & Valencia, E. (2009). Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(2), 86-93.
- Luoma, J. B., Martin, C. E., & Pearson, J. L. (2002). Contact with mental health and primary care providers before suicide: a review of the evidence. *American Journal of Psychiatry*, 159(6), 909-916.
- Machado, J. P. (1987). *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros horizonte. p.113.
- Magera, M. (2012). *Os caminhos do lixo: da obsolescência programada à logística reversa*. Campinas: Editora Átomo.
- Malheiros, Y., & Lima, G. (2013). Uma Ferramenta para Análise de Sentimentos em Redes Sociais Utilizando o SenticNet. *Anais do IX Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação - SBSI*. João Pessoa, PB, Brasil.
- Maltsberger, J. T., & Weinberg, I. (2006). Psychoanalytic perspectives on the treatment of an acute suicidal crisis. *Journal of clinical psychology*, 62(2), 223-234.
- Mannarino, M. V. (2000). *O papel do web jornal: veículo de comunicação e sistema de informação*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Mannheim, K. (1982). *O problema sociológico das gerações*. São Paulo: Ática.
- Mannheim, K. (1993). El problema de las generaciones. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 62(1), 145-168.

- Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 555-568.
- McCarthy, M. (2010). Internet monitoring of suicide risk in the population. *Journal of Affective Disorders*, 122(1), 277-279.
- McGirr, A., Renaud, J., Bureau, A., Seguin, M., Lesage, A., & Turecki, G. (2008). Impulsive-aggressive behaviours and completed suicide across the life cycle: a predisposition for younger age of suicide. *Psychological medicine*, 38(03), 407-417.
- Mello, R. (2011). Formação discursivo-ideológica e condições de produção na «Carta-Testamento» de Getúlio Vargas. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 7(1), 161-171.
- Ministério da Saúde (2005). *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil*. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/producao/livros/pdf/05_0379_M.pdf>. Acessado em 24/03/2015.
- Miranda Junior, G. (2010). *Devir*. Disponível em: <http://filosofiageral.wikispaces.com/DEVIR>. Acessado em 11/07/2016.
- Moch, T. (2015). O que é uma *fanpage* (Página De Fãs)? Revista Digital Pense Grande. Disponível em <<http://pensegran.de/o-que-e-uma-fan-page-pagina-de-fas/>>. Acessado em 09/09/2016.
- Monteiro, C., & Zanello, V. (2014). Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos Filmes de Animação da Disney. *Revista Feminismos*, 2(3). Disponível em <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/159/149>>. Acessado em 26/09/2016.
- Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J., & Huston, A. C. (1995). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Harbra.
- Musso, P. (1997). *Télécommunications et Philosophie des Réseaux. La postérité paradoxale de Saint-Simon*. Paris: PUF.
- Naito, A. (2007). Internet suicide in Japan: Implications for child and adolescent mental health. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 12(4), 583-597.
- Nascimento, J. (2016). Justiça usa rede social para comprovar recuperação de bancário com Síndrome de *Burn Out*. *Núcleo de Comunicação Social - Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região – Distrito Federal e Tocantins*. Disponível em <<http://www.trt10.jus.br/?mod=ponte.php&ori=ini&pag=noticia&path=ascom%2Findex.php&ponteiro=48312>>. Acessado em 15/07/2016.
- Niezen, R. (2013). Internet suicide: communities of affirmation and the lethality of communication. *Transcult. Psychiatry.*, 50(1), 303-311.
- Noble, S. M., & Schewe, C. D. (2003). Cohort segmentation: an exploration of its validity. *Journal of Business Research*, 56(1), 979-987.
- Novaes, J. V. (2006). *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Oliveira, S. (2009). *Geração Y: Era das Conexões, tempo de Relacionamentos*. São Paulo: Clube de Autores.
- Orbach, I., Mikulincer, M., Gilboa-Schechtman, E., & Sirota, P. (2003). Mental pain and its relationship to suicidality and life meaning. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 33(3), 231-241.
- Ozawa-De Silva, C. (2008). Too lonely to die alone: Internet suicide pacts and existential suffering in Japan. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 32(4), 516-551.
- Ozawa-De Silva, C. (2010). Shared death: Self, sociality and Internet group suicide in Japan. *Transcultural Psychiatry*, 47(3), 392-419.
- Ozella, S. (2003). *Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Phillips, M. R., Yang, G., Zhang, Y., Wang, L., Ji, H., & Zhou, M. (2002). Risk factors for suicide in China: a national case-control psychological autopsy study. *The Lancet*, 360(9347), 1728-1736.
- Piercy, J. (2013). *Symbols: A Universal Language*. London: Michael O'Mara.
- Pinheiro, R. S., Viacava, F., Travassos, C., & Brito, A. S. (2002). Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 687-707.
- Platt, S., Backett, S., & Kreitman, N. (1988). Social construction or causal ascription: distinguishing suicide from undetermined deaths. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 23(4), 217-221.
- Porter, L. S., Marco, C., & Schwartz, J. (2000). Gender differences in coping: A comparison of trait and momentary assessments. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 19(4), 480-498.
- Posner, K., Oquendo, M. A., Gould, M., Stanley, B., & Davies, M. (2007). Columbia Classification Algorithm of Suicide Assessment (C-CASA): classification of suicidal events in the FDA's pediatric suicidal risk analysis of antidepressants. *American Journal of Psychiatry*, 164(1), 1035-1043.
- Prado, J. (2016). Alternativa ao “curtir”: Facebook lança botão de reações no mundo inteiro. *Tecnoblog*. Disponível em <<https://tecnoblog.net/192040/facebook-reacoes-botao-global/>>. Acessado em 10/09/2016.
- Pridmore, S. (2014). Mental disorder and suicide: A faulty connection. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 49(1), 18-20.
- Prieto, D. C. (2007). *Indicadores de proteção e de risco para suicídio por meio de escalas de autorrelato* (Tese de Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Rabasquinho, C., & Pereira, H. (2007). Gênero e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica. *Análise Psicológica*, 3(25), 439-454.
- Raines, C. (2000). *Beyond Generation X: A practical guide for managers*. Califórnia: Crisp.

- Rajagopal, S. (2004). Suicide pacts on the Internet. *British Medical Journal*, 329(7478), 1298-1299.
- Recuero, R. (2008). *Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Recuero, R. (2009). Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, 38(1), 118-128.
- Recuero, R. (2012). O Capital Social em Rede: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea - Revista de comunicação e cultura*, 10(3), 597-617.
- Recuero, R., & Soares, P. (2013). Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia*, 26(1), 239-254.
- Reid, E. (1991). *Electropolis: Communication and community on internet relay chat*. Disponível em: <<http://cyber.eserver.org/reid.txt>>. Acessado em 02/08/2016.
- Remschmidt, H., & Belfer, M. (2005). Mental health care for children and adolescents worldwide: a review. *World Psychiatry*, 4(3), 147-53.
- Rifkin, J. (2001). *A era do acesso*. São Paulo: Pearson-Makron Books.
- Rocha-de-Oliveira, S., Piccinini, V. C., & Bitencourt, B. M. (2012). Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em geração Y no Brasil?. *Organizações & Sociedade*, 19(62), 551-558.
- Rockett, I. R. (2010). Counting suicides and making suicide count as a public health problem. *Crisis*, 31(5), 227-230.
- Roof, W. C. (1993). *A generation of seekers: The spiritual journeys of the baby boom generation*. São Francisco: HarperCollins.
- Salib, E., Cawley, S., & Healy, R. (2002). The significance of suicide notes in the elderly. *Aging & Mental Health*, 6(2), 186-190.
- Santos, A. C. (2009). Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1177-1182.
- Santos, C. F., Ariento, M., Diniz, M. V., & Dovigo, A. A. (2011). O processo evolutivo entre as gerações x, y e baby boomers. *Anais do XIV Seminários em Administração - SEMEAD, 13*. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acessado em 07/07/2016.
- Santos, J. L. (1994). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (1981). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix.

- Scott, J. (1995). Identidade de Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 75.
- Séguin, M., Beauchamp, G., Robert, M., DiMambro, M., & Turecki, G. (2014). Developmental model of suicide trajectories. *Br J Psychiatry*, 205(1), 120-126.
- Shinyashiki, E. (2009). *A geração Z e o mercado de trabalho*. Disponível em: <www.administradores.com.br.>. Acessado em 07/07/2016.
- Social Bakers (2016). Estatísticas do Facebook. Disponível em: < <https://www.socialbakers.com/statistics/Facebook/>>. Acessado em 18/08/2016.
- Stefaniczen, J., Stefano, S. R., & Machado, E. D. (2013). Workaholic: um novo modelo de comportamento nas organizações. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, 12(13), 1-15.
- Stravynski, A., & Boyer, R. (2001). Loneliness in relation to suicide ideation and parasuicide: A population-wide study. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 31(1), 32-40.
- Swain, T. N. (2006). Entre a vida e a morte, o sexo. *Labrys Estudos Feministas* [online]. Disponível em <http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf>. Acessado em 12/09/2016.
- Swain, T. N. (2010). Desfazendo o ‘natural’: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. *Bagoas*, 2(5), 45-55.
- Swain, T. N. (2011). Diferença sexual: uma questão de poder. *Anais do I Simpósio de Gênero e Literatura da Universidade Federal do Ceará*. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/brasil/diferenca%20sexual.htm>>. Acessado em 26/09/2016.
- Swain, T. N. (2013). La construction des femmes : le renouveau du patriarcat. *Labrys Estudos Feministas*, 23(1), s/p-s/p. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/brasil/renovacao%20patriarcado.htm>>. Acessado em 02/11/2014.
- Tam, J., Tang, W.S., & Fernando, D.J.S. (2007). The Internet and suicide: a double-edged tool. *Eur. J. Intern. Med.*, 18(1), 453-455.
- Tapscott, D. & Williams, A. D. (2007). *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar seu negócio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Tapscott, D. (2010). *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios.
- Targino, M. (2010). Internet: o bem e o mal de mãos dadas. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 324(33), 323-325.
- Teixeira, D., & Azevedo, I. (2011). Análise de opiniões expressas nas redes sociais. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (RISTI)*, 8(1), 53-65.
- Timm, F. B., Pereira, O. P., & Gontijo, D. C. (2011). Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. *Revista Psicologia Política*, 11(1), 247-259.

- Tingey, L., Cwik, M., Goklish, N., Larzelere-Hinton, F., Lee, A., Suttle, R., Walkup, J., & Barlow, A. (2014). Risk Pathways for Suicide Among Native American Adolescents. *Qualitative Health Research*, 24(11), 1518-1526.
- Tomizaki, K. (2010). Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação & Sociedade*, 31(1), 327-346.
- Traverso-Yepe, M. A., & Pinheiro, V. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 133-140.
- Turecki, G., & Brent, D. (2015). Suicide and suicidal behavior. *The Lancet*, 19(387), 1227-1239.
- Turner, D., & Muñoz, J. (2002). *Para os filhos dos filhos de nossos filhos: uma visão da sociedade internet*. São Paulo: Summus.
- Vannuchi, M. L. (2010). A construção das identidades de gênero. *Caderno Espaço Feminino*, 23(1/2), 61-77.
- Värnik, P., Sisask, M., Värnik, A., Laido, Z., Meise, U., Ibelshäuser, A., ... & Dosa, A. (2010). Suicide registration in eight European countries: A qualitative analysis of procedures and practices. *Forensic Science International*, 202(1), 86-92.
- Veloso, T. (2011). Mark Zuckerberg mantém proibição de menores de 13 anos no Facebook. *Tecnoblog*. Disponível em < <https://tecnoblog.net/66094/facebook-proibido-menores-13-anos/>>. Acessado em 17/09/2016.
- Wadi, Y., & Souza, K. (2005). Fragmentos (auto) biográficos nas mensagens de adeus de suicidas. *Anais do Simpósio Nacional de História. Londrina, PR, Brasil, 23*. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1608.pdf>>. Acessado em 30/10/2014.
- Waiselfisz, J. J. (2014). *Mapa da violência 2014: Os jovens do Brasil*. Brasília: FLACSO. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/mapa2014_jovensbrasil.pdf>. acessado em 19 de junho de 2015.
- Wang, Y., Phillips-Wren, G., & Forgionne, G. (2005). E-delivery personalized healthcare information to intermediaries for suicide prevention. *International Journal of Electronic Healthcare*, 1(4), 396-412.
- Westerlund, M. (2011). The production of pro-suicide content on the internet: A counter-discourse activity. *New Media & Society*, 14(5), 764-780.
- WHO. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- WHO (2014). *Mental health: suicide prevention*. Geneva: World Health Organization.
- Yang, A. C., Tsai, S., Huang, N. E., Peng, C. (2011). Association of Internet search trends with suicide death in Taipei City, Taiwan, 2004–2009. *Journal of Affective Disorders*, 132(1), 179-184.







Zanello, V. (2014). Mental health, women and conjugality. *Labrys Estudos Feministas* [online], 26(1). Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys26/psy/valeska.htm>>. Acessado em 07/09/2016.

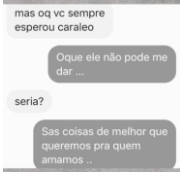







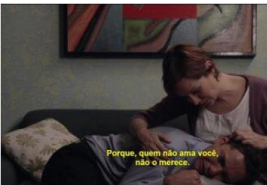



Zanello, V., Bukowitz, B., & Coelho, E. (2011). Xingamentos entre adolescentes em Brasília: Linguagem, Gênero e Poder. *Interacções*, 7(17), 151-169.

ANEXO I

TABELA DE PUBLICAÇÕES

Publicação	Tipo de Arquivo (Descrição)	Mensagem (Texto)	Reações	Compartilhamentos	Comentários
<p>P1</p> <p><small>É talvez eu seja a problemática da família, a inútil, a dran vagabunda, a que precisa de remédios pra viver, a que sei problema diferente a cada mês, a que sempre é a isolada talvez eu seja tudo isso mesmo #Gry</small></p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado na <i>ti-meline</i> da página.</p>	<p>“É, talvez eu seja a problemática da família, a inútil, a dramática, a vagabunda, a que precisa de remédios pra viver, a que sempre arruma um problema diferente a cada mês, a que sempre é isolada da família. É talvez eu seja tudo isso mesmo”</p> <p>“#Gry”</p>	<p>53 0 0</p> <p>0 11 0</p>	1	2
<p>P2</p> <p><small>"Palavras machucam... Eu tenho as provas" #Gry</small></p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado na <i>ti-meline</i> da página.</p>	<p>“Palavras machucam... Eu tenho as provas”</p> <p>“#Gry”</p>	<p>11 0 0</p> <p>0 2 0</p>	0	0
<p>P3</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Desenho de uma menina com a cara séria, por detrás de uma máscara sorridente que ela segura com a mão.</p>	<p>“#Gry”</p>	<p>10 0 0</p> <p>0 0 0</p>	2	0
<p>P4</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Desenho de uma menina chorando com as mãos sobre a cabeça.</p>	<p>“#Gry”</p>	<p>11 0 0</p> <p>0 2 0</p>	0	0
<p>P5</p> <p><small>Oi meus amores, mais tarde vou fazer uma live pra acham? #neném</small></p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado na <i>ti-meline</i> da página.</p>	<p>“Oi meus amores, mais tarde vou fazer uma live pra falar com vocês, oq acham?”</p> <p>“#neném”</p>	<p>10 0 0</p> <p>0 0 0</p>	0	0

P6	<u>Imagem com Frase</u>	<p><i>“Ele me deixou ir, me desejou uma boa vida... só que, porra, ele era minha vida inteira”</i></p> <p><i>“#angel”</i></p>		22	0
P7	<u>Imagem com Frase</u>	<p><i>“Hoje machuquei a mim mesmo... para ver se ainda sinto”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		3	0
P8	<u>Imagem com Frase</u>	<p><i>“E de repente você chora, sem ter motivos... e sem ter alguém pra abraçar”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		17	0
P9	<u>Texto</u>	<p><i>“Eu não posso causar mal nenhum a não ser a mim mesmo”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		0	0
P10	<u>Imagem com Frase</u>	<p><i>“Seria diferente se você soubesse que aquela era a última vez?”</i></p> <p><i>“Teria??”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		1	0
P11	<u>Texto</u>	<p><i>“Gosto de gente transparente que diz o que sente e que realmente sente o que diz”</i></p> <p><i>“Créditos Imagem”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		0	0

<p>P12</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Imagem da troca de mensagens entre duas pessoas em aplicativo de celular.</p>	<p>“- mas oq vc sempre esperou caraleo - o que ele não pode me dar... - seria? - Sas coisas de melhor que queremos pra quem amamos..” “(emoticons de choro e coração partido)” “#suicida”</p>		0	0
<p>P13</p> 	<p><u>Texto</u></p>	<p>Bloco de texto digitado com fonte branca em fundo preto.</p>	<p>“E se tudo der errado? Continue sorrindo, ninguém irá notar” “#suicida”</p>		1	0
<p>P14</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Foto de uma mão com cortes (auto-mutilação), segurando um cigarro. Pernas ao fundo.</p>	<p>“Odeio ser tão sozinha” “É bom e ruim ao mesmo tempo (emoticon de coração partido)” “#suicida”</p>		2	0
<p>P15</p> 	<p><u>Imagem</u></p>	<p>Montagem com duas fotos de um corpo feminino (quadril e as pernas) em estado anoréxico.</p>	<p>“Vai dar certo uma hora! (emoticon de tristeza)” “angel~”</p>		0	0
<p>P16</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Foto de um jovem chorando no colo de uma mulher mais velha, que o acolhe fazendo carinho em sua cabeça.</p>	<p>“Porque, quem não ama você, não o merece.” “#suicida”</p>		1	0
<p>P17</p> 	<p><u>Texto</u></p>	<p>Foto de um texto escrito em parede ou outra superfície de cor marrom (pichação).</p>	<p>“Viver longe de você é como sentar no bar e não encher a cara” “#suicida”</p>		2	0

P18

Texto

Texto digitado na timeline da página.

“Olá anjinhos!! (...)
 “~Strong”
 “ Quantas pessoas vazias, não me encaixo nessa família deveria fugir e não voltar mais, aqui eu sou invisível, não iria fazer diferença eu estar aqui ou não!! (...)
 Única coisa que eu queria era morrer, fugir desse mundo hipócrita, pessoas falsas e sentimentos que não são reais... O que eu estou fazendo aqui? (...)
 ainda por cima colocar uma bosta de sorriso no rosto enquanto meus olhos pedem socorro...
 (...)Admirando as árvores, pega seu Diário e começa a desenhar ela mesma se enforcando com uma pequena corda na árvore mais bela que achou por lá.
 (...)
 ‘Como começar o dia sem brigas e pensamentos suicidas? (...)na verdade como começar um dia sem morrer cada segundos, minutos e horas que passam?(...)



0

16

P19

Imagem com Frase



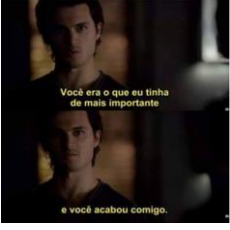








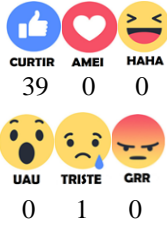


Duas imagens formando um quadrinho. 1º) uma jovem deitada (hospitalizada), segurando a mão de alguém; 2º) um homem olhando a jovem.

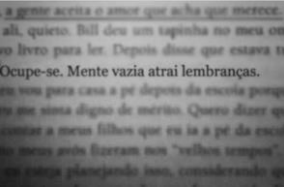




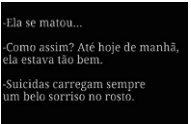

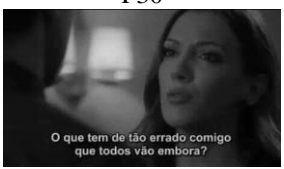

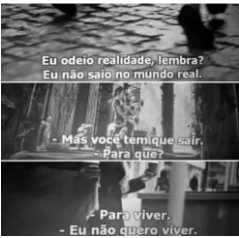

“Eu menti para você... Penso em morrer todos os dias”
 “Esse filme (emoticon de coração)”
 “~strong”



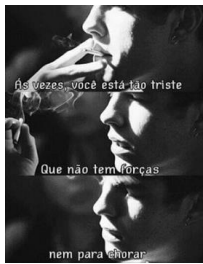


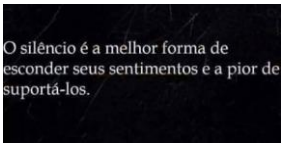







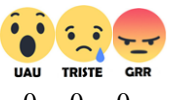






37

12

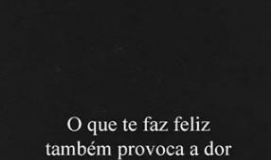







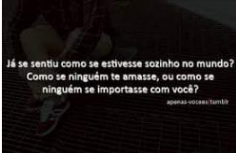





<p>P20</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadri- nho. Em ambas as fotos se tem um ho- mem, que aparenta ser o interlocutor de uma fala.</p>	<p>“Você era o que eu tinha de mais importante... e você acabou comigo”</p> <p>“~strong”</p>		12	0
<p>P21</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Tirinha em quadri- nhos em que uma personagem colorida representa a vida e outra sombria a morte, ambas dialo- gam.</p>	<p>“A Vida perguntou à Morte: - Morte, porque as pessoas me amam, mas te odeiam? Então a Morte respondeu: - Porque você é uma linda mentira e eu uma dolorosa verdade”</p> <p>“~strong”</p>		13	0
<p>P22</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens for- mando um quadri- nho. Ambas as fotos são de flores mur- chas, morrendo.</p>	<p>“E até para ser flor precisa de sorte. Um(a) nasceu para enfeitar a vida, outras a morte.”</p> <p>“~strong”</p>		2	0
<p>P23</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens for- mando um quadri- nho. Em ambas as imagens, tem-se bus- tos femininos com vestidos.</p>	<p>“O que aconteceu com minha doce menina? - Ela morreu. ”</p> <p>“~strong”</p>		4	0
<p>P24</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem fumando.</p>	<p>“Acabei me afastando, mas não foi por querer, percebi que não valeria a pena. E sabe, eu tinha razão.”</p> <p>“Dia, dia anjinhos”</p> <p>“~strong”</p>		2	0
<p>P25</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens for- mando um quadri- nho. 1º) desenho de um menino e uma menina rindo; 2º) sentados de mãos da- das; 3º) uma frase.</p>	<p>“Foram tantas risadas... Tantas brincadeiras... e olhe agora, nem conversamos mais.”</p> <p>“~strong”</p>		17	0

<p>P26</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Foto de um texto desfocado, donde uma frase destaca-se.</p>	<p><i>"Ocupe-se. Mente vazia atrai lembranças"</i></p> <p><i>"#suicida"</i></p>		0	1
<p>P27</p> <p>-Você é feia! -Eu sei -Você não faz falta -Eu sei -Ninguém te ama -Eu sei -Você é gorda -Eu sei -Por que não se mata então? -Já tentei</p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de um texto digitado, compreende um diálogo.</p>	<p><i>"- Você é feia! - Eu sei - Você não faz falta. - Eu sei - Ninguém te ama. - Eu sei -Você é gorda. -Eu sei - Porque não se mata então? - Já tentei"</i></p> <p><i>"Bom dia"</i></p> <p><i>"~strong"</i></p>		17	0
<p>P28</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Fotografia (desfocada) de uma jovem sentada, encolhida em sua cama (mãos abraçam pernas). A imagem sugere um estado de sofrimento.</p>	<p><i>"É tão frustrante quando você fingi estar bem e seus olhos te traem"</i></p> <p><i>"~strong"</i></p>		13	0
<p>P29</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto, grafia branca em fundo preto, compreende um diálogo.</p>	<p><i>"- Ela se matou... - Como assim? Até hoje de manhã ela estava tão bem. - Suicidas carregam sempre um belo sorriso no rosto. "</i></p> <p><i>"~strong"</i></p>		2	0
<p>P30</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma mulher conversando com outra pessoa.</p>	<p><i>"O que tem de tão errado comigo que todos vão embora?"</i></p> <p><i>"~strong"</i></p>		13	0
<p>P31</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadrinho. 1º) fundo aquático; 2º) um casal se abraçando; 3º) não foi possível identificar o cenário. Trata-se de um diálogo.</p>	<p><i>"- Eu odeio a realidade, lembra? Eu não saio no mundo real. - Mas você tem que sair. - Para quê? -Para viver. -Eu não quero viver. "</i></p> <p><i>"~strong"</i></p>		3	0


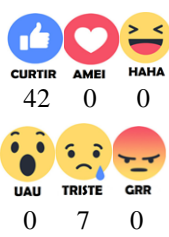
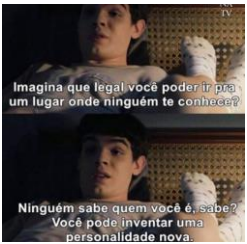



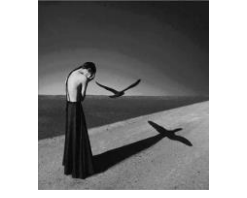





<p>P32</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação um boneco solitário e triste é amparado por outro, que o levanta pela mão, apresentando-o a outros bonecos que, juntos, se divertem.</p>	<p>“Melhores amigos? Não existe! Eles sempre te abandonam. O para sempre? Não existe! O ‘para sempre’, sempre acaba.”</p>		82	0
<p>P33</p> 	<p><u>Vídeo</u></p> <p>Videoclipe de uma jovem tocando violão e cantando. A música (gospel) é dedicada para pessoas passando por problemas, esta propõe a reconciliação com Deus.</p>	<p>“Para não perder o costume dos vídeos!!! Aqui vai uma música, muito linda.. peça que reflitam, interpretem, e entendam a mensagem que ela quer mostrar para todos... Nome da Música: Triste Deus eu tenho andado tão triste... Canal Youtube: Juliana Vieira...”</p>		23	3
<p>P34</p> <p>Todos disseram, que os sonhos, fazem realidade mas, esquecerão de mencionar que os pesadelos também são sonhos... -Strong</p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado na timeline da página.</p>	<p>“Todos disseram, que os sonhos, fazem realidade, mas esquecerão de mencionar que os pesadelos também são sonhos...”</p>		0	0
<p>P35</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Seis imagens formando um quadrinho. As imagens intercalam fotos de um jovem e uma jovem, representando um diálogo.</p>	<p>“- Desculpe. - Pensei que você era como eu. Mas tate, você é a escuridão. - Eu era diferente. - Atraído pela escuridão.”</p>		1	0
<p>P36</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Esta animação faz a transição de duas mensagens ambivalentes: 1) “estou bem”; 2) “me ajude”.</p>	<p>“Estou bem” “Me ajude”</p>		23	0




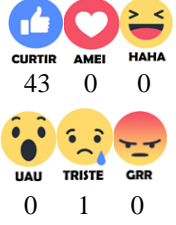


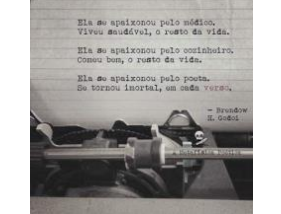





<p>P37</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>“Às vezes, você está tão triste, que não tem forças nem para chorar.”</p>		14	0
		<p>“~strong”</p>			
<p>P38</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com grafia branca em fundo preto.</p>	<p>“O silêncio é a melhor forma de esconder seus sentimentos e a pior de suportá-los.”</p>		11	0
		<p>“~strong”</p>			
<p>P39</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadro. As duas primeiras fotos são de uma jovem com a cabeça abaixada, na terceira, ela está com a cabeça levantada.</p>	<p>“- Na hora deu vontade de chorar. - E o que você fez? - Levantei a cabeça e sorri.”</p>		29	0
		<p>“~strong”</p>			
<p>P40</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>“Todo mundo vai te amar quando o coveiro dizer: 5 minutos para fecharmos o caixão.”</p>		0	0
		<p>“~strong”</p>			
<p>P41</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Desenho de uma jovem deitada abraçada em seu travesseiro. A conjuntura da mensagem e da imagem sugerem um estado de sofrimento.</p>	<p>“O suicídio começa por dentro”</p>		16	0
		<p>“~strong”</p>			
<p>P42</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto do corpo (busto, quadril e pernas) de uma jovem de calcinha e sutiã.</p>	<p>“As pessoas tratam depressão, automutilação, bulimia e anorexia como se fosse uma piada.”</p> <p>“Pois é”</p>		47	0
		<p>“~strong”</p>			

<p>P43</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Ambas as fotos são de um jovem em frente ao espelho. Trata-se de um monólogo.</p>	<p><i>“Eu queria que o tempo passasse depressa. No entanto, fui obrigado a ver cada segundo, de cada hora.”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		16	0
<p>P44</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem com a cabeça para fora da janela de um veículo em movimento.</p>	<p><i>“- eles dizem: vai doer agora mas vai passar. E passou, o tempo.. não a dor”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>		15	0
<p>P45</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Ambas as fotos são de uma estrada atravessando uma floresta com o tempo nublado.</p>	<p><i>“- Como é ter depressão? - Fora você estar sempre triste e a todo momento querer morrer, é de boa.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>		22	0
<p>P46</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Quatro imagens formando um quadrinho. Todas as fotos são de uma jovem falando, representa um monólogo.</p>	<p><i>“As garotas se apaixonam pelo que ouvem, e os garotos se apaixonam pelo que veem... é por isso que as garotas usam maquiagem e os garotos mentem.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>		15	0
<p>P47</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Sequência de duas imagens formando um quadrinho. Ambas as fotos são de um videoclipe ou show de uma banda de rock.</p>	<p><i>“Às vezes eu só queria sumir desse mundo. Sumir das pessoas, de tudo.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>		29	0
<p>P48</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem sob o fundo de uma cortina vermelha.</p>	<p><i>“Não reparas se eu sumir. Estou te livrando desse desastre que eu sou.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>		23	1

<p>P49</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com grafia branca em fundo preto.</p>	<p>“O que te faz feliz também provoca dor.”</p> <p>“~strong”</p>		18	0
<p>P50</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação que apresenta uma mensagem textual, de modo gradativo.</p>	<p>“E vou me destruindo aos poucos”</p> <p>“~strong”</p>		31	0
<p>P51</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem falando algo com outra pessoa. O fundo parece ser de um restaurante.</p>	<p>“Bem-vindo à turma dos desajustados”</p> <p>“#suicida (emoticon triste)”</p>		0	0
<p>P52</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação em desenho, um palhaço sorridente se olha no espelho e começa a limpar a maquiagem, desvelando um rosto triste e envelhecido.</p>	<p>“~strong”</p>		70	0
<p>P53</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com grafia branca em fundo preto.</p>	<p>“Já se sentiu como se estivesse sozinho no mundo? Como se ninguém te amasse ou se importasse com você?”</p> <p>“~strong”</p>		15	1
<p>P54</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Trata-se de um quadrinho cujas imagens, de uma jovem, refletem o oposto do que está sendo dito a ela.</p>	<p>“- Porque você chora tanto? Você tem amigos! Você tem um namorado! Você é bonita! Você é talentosa!”</p> <p>“~strong”</p>		39	3
<p>P55</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma pessoa de costas, contemplando a vista do alto de um edifício (olhando para baixo, como se cogitasse se atirar).</p>	<p>“Não importa quanto tempo passe, tem coisas que sempre vai parecer que foi ontem.”</p> <p>“~strong”</p>		19	0

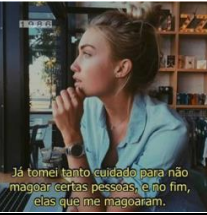








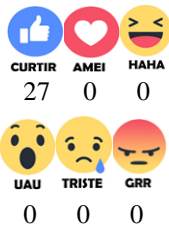
<p>P56</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto com grafia preta em fundo cinza.</p>	<p>“Há duas coisas que você pode obter através da dor: pode deixar ela te destruir, ou pode usá-la para ficar mais forte.”</p> <p>“~strong”</p>		7	0
<p>P57</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadri-nho. Nas três fotos tem-se duas mulheres conversando. Trata-se de um diálogo.</p>	<p>“Só porque alguém te machucou uma vez, não significa que tem que excluir totalmente de sua vida. As coisas mudam, pessoas crescem.”</p> <p>“~strong”</p>		12	0
<p>P58</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadri-nho. Em ambas imagens, tem-se o ambiente de uma sala de aula, com o enfoque sobre um jovem, encolhido sob seus braços, com a cabeça abaixada.</p>	<p>“Você se sente incapaz, se sente triste. Você se odeia, e não sabe o que fazer. Então você se isola de tudo e de todos. E fica sozinho, e é melhor assim.”</p> <p>“~strong”</p>		25	0
<p>P59</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadri-nho. Nas duas imagens tem-se uma mulher sentada (refletindo).</p>	<p>“Nem todas as feridas são superficiais. Algumas feridas são mais profundas do que podemos imaginar.”</p> <p>“Noite noite para quem vai Madru madru para quem fica”</p> <p>“~strong”</p>		14	0
<p>P60</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação, tem-se o desenho de uma menina olhando para o celular. Depois ela o fecha e se recolhe sobre sua cama, entristecida. A mensagem sugere algum desafeto por uma expectativa não cumprida.</p>	<p>“É tão ruim esperar por algo e já saber que não vai acontecer.”</p> <p>“~strong”</p>		195	1

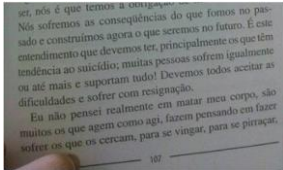


<p>P61</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação, um jovem chorando faz afago em si mesmo por meio de um aparato que simula uma mão humana.</p>	<p>“~strong”</p>		<p>98</p>	<p>3</p>
<p>P62</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Nas duas fotos tem-se um jovem deitado na cama diante de um monólogo.</p>	<p>“Imagina que legal você poder ir para um lugar onde ninguém te conhece? Ninguém sabe quem você é, sabe? Você pode inventar uma personalidade nova.”</p> <p>“Esse filme (emoticons apaixonados)”</p> <p>“~strong”</p>		<p>2</p>	<p>4</p>
<p>P63</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. 1º) um jovem sorrindo com cigarro na boca; 2º) jovem soltando a fumaça.</p>	<p>“Veja só o que me tornei. O tipo de pessoa que nunca imaginei.”</p> <p>“~strong”</p>		<p>31</p>	<p>0</p>
<p>P64</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Desenho de uma jovem curvada com mãos cobrindo o rosto e um pássaro voando. A sombra dela revela uma figura com asas.</p>	<p>“A legenda é de vcs”</p> <p>“~strong”</p>		<p>0</p>	<p>1</p>
<p>P65</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Montagem digital de uma foto do céu à noite, com a sobreposição de uma frase.</p>	<p>“Qual seria o seu desejo?”</p> <p>“~strong”</p>		<p>44</p>	<p>4</p>
<p>P66</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação de uma jovem chorando com a mão sobre a boca, a montagem sugere um estado de intenso sofrimento.</p>	<p>“~strong”</p>		<p>392</p>	<p>0</p>

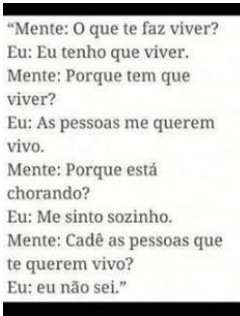

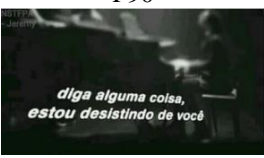

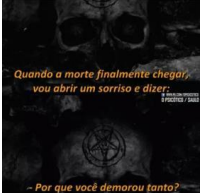






<p>P67</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação tem-se uma pessoa, no alto de um prédio, andando na beira do muro, mirando para baixo (parece vislumbrar atirar-se).</p>	<p>“Noite noite para quem fica. Madru madru para quem vai...”</p> <p>“~strong”</p>		31	2
<p>P68</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem conversando com rapaz.</p>	<p>“Eu nem sei mais quem eu sou”</p> <p>“É tudo tão confuso (emoticon triste)”</p> <p>“#suicida”</p>		21	0
<p>P69</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação um menino e uma menina compartilham, pelo celular, mensagens amorosas.</p>	<p>“As vezes os virtuais são os melhores”</p> <p>“~strong”</p>		36	1
<p>P70</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Imagem de uma máquina de escrever e um papel pautado, onde se escreveu uma mensagem.</p>	<p>“Ela se apaixonou pelo médico. Viveu saudável, o resto da vida. Ela se apaixonou pelo cozinheiro. Comeu bem, o resto da vida. Ela se apaixonou pelo poeta. Se tornou imortal, em cada verso.”</p> <p>“~strong”</p>		12	0
<p>P71</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto da vista de uma janela molhada pela chuva.</p>	<p>“Pessoas que riem muito geralmente choram o dobro.”</p> <p>“~strong”</p>		43	3
<p>P72</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um poste onde está pregado um cartaz com uma pergunta.</p>	<p>“Você ainda acredita no amor?”</p> <p>Tarjeta:</p> <p>“~strong”</p>		5	7

P73		<u>Imagem</u>	“A legenda é sua”	   CURTIR AMEI HAHA 23 0 0	1	1
			“~strong”	   UAU TRISTE GRR 0 3 0		
P74		<u>Gif</u>	“~strong”	   CURTIR AMEI HAHA 72 15 0	165	0
			“~strong”	   UAU TRISTE GRR 0 0 0		
P75	<p>Garotinho: Você é um anjo? Eu: O que? Garotinho: Minha mãe me disse que aqueles que têm os pulsos marcados são anjos. Eu: Eu não sou um anjo. Garotinho: É claro que você é. Mamãe disse que só os anjos se cortam, porque eles não gostam de vida na Terra. Eles tentam se matar para retornar ao paraíso. Eles são muito sensíveis à dor do outro e deles mesmo. Eu: Você sabe, sua mãe é muito sábia. Garotinho: Obrigado. Ela também é um anjo, mas já voltou para casa.</p>	<u>Texto</u>	<p>“ Garotinho: Você é um anjo? Eu: O que? G.: Minha mãe me disse que aqueles que têm os pulsos marcados são anjos. Eu: Eu não sou um anjo. G.: É claro que você é. Mamãe me disse que só os anjos se cortam, porque eles não gostam de vida na terra. Eles tentam se matar para retornar ao paraíso. Eles são muito sensíveis à dor do outro e deles mesmo. Eu: Você sabe, sua mãe é muito sábia. G.: Obrigado, ela também é um anjo, mas já voltou para casa. ”</p> <p>“Adoro esse diálogo...”</p> <p>“~strong”</p>	   CURTIR AMEI HAHA 41 0 0	0	0
			<p>“Adoro esse diálogo...”</p> <p>“~strong”</p>	   UAU TRISTE GRR 0 8 0		
P76		<u>Gif</u>	“ Me abraça? ”	   CURTIR AMEI HAHA 48 6 0	5	0
			“E aí? ”	   UAU TRISTE GRR 0 0 0		
			“~strong”			

<p>P77</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação, duas mãos juntam e separam um pedaço de papel rasgado onde estava escrito a palavra “Always”.</p>	<p>“Always” (sempre em inglês)</p> <p>“Noite noite para quem vai... madru madru para quem fica...”</p> <p>“~strong”</p>		25	0
<p>P78</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação, tem-se uma menina em prantos, chorando, gritando, com as mãos sob o rosto.</p>	<p>“~strong”</p>		12	0
<p>P79</p> <p>Cada comentário nesse post vai ser escrito em um papel guardado em um pote e aberto só em janeiro de 2017</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Tem-se o desenho de um pote vazio com uma mensagem acima.</p>	<p>“Cada comentário nesse post vai ser escrito em um papel guardado em um pote e aberto só em janeiro de 2017”</p> <p>“Pode escrever qualquer coisa, algo que queira falar porém não consegue.. Desabafe. Me fale oque te mata, oque te prende, seus medos, desejos, saudade. Quero que se abram.. Por favor não me deixem no vácuo.. PS: quando for aberto, juro que faço um video, com as mensagens.. Se quiser posso escrever seu nome (emoticons de sorriso e coração). ”</p> <p>“~strong”</p>		1	18
<p>P80</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de um texto publicado em outra rede social.</p>	<p>“Sabe o que dói mais em ter um coração partido? Não ser capaz de se lembrar de como você se sentia antes.”</p> <p>“~strong”</p>		3	0

<p>P81</p>  <p>Já tomei tanto cuidado para não magoar certas pessoas, e no fim, elas que me magoaram.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem de perfil.</p>	<p>“Já tomei tanto cuidado para não magoar certas pessoas, e no fim, elas que me magoaram.”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR AMEI HAHA 19 1 0</p> <p>UAU TRISTE GRR 0 2 0</p>	20	0
<p>P82</p>  <p>Tem muita dor, sabe? É muita dor.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um jovem olhando para baixo.</p>	<p>“Tem muita dor, sabe? É muita dor.”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR AMEI HAHA 42 0 0</p> <p>UAU TRISTE GRR 0 1 0</p>	13	0
<p>P83</p>  <p>Todo mundo pensa que nós somos perfeitos.</p> <p>Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadro. 1º) tem-se três jovens arrumados em uma festa; 2º) uma menina fantasiada.</p>	<p>“Todo mundo pensa que nós somos perfeitos. Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas.”</p> <p>“Essa música (emoticon apaixonado) Essa cantora (emoticons de coração)”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR AMEI HAHA 37 5 1</p> <p>UAU TRISTE GRR 0 0 0</p>	17	4
<p>P84</p>  <p>As decepções fazem você abrir os olhos e fechar o seu coração.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de uma mulher olhando para baixo, abraçando os próprios ombros. Ela possui asas (anjo).</p>	<p>“As decepções fazem você abrir os olhos e fechar o seu coração”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR AMEI HAHA 30 0 0</p> <p>UAU TRISTE GRR 0 0 0</p>	4	0
<p>P85</p>  <p>Se ficar pensando no que perdeu, nunca conseguirá ver o que está por vir.</p> <p>Esse filme (emoticon de coração)</p> <p>“~strong”</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadro. As fotos representam dois ângulos de um rato (em desenho) olhando um livro.</p>	<p>“Se ficar pensando no que perdeu, nunca conseguirá ver o que está por vir.”</p> <p>“Esse filme (emoticon de coração)”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR AMEI HAHA 27 0 0</p> <p>UAU TRISTE GRR 0 0 0</p>	12	0

<p>P86</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto da página de livro.</p>	<p><i>“Nós sofremos as consequências do que fomos no passado e construímos agora o que seremos no futuro. É este entendimento que devemos ter, principalmente os que têm tendência ao suicídio; muitas pessoas sofrem igualmente e até mais e suportam tudo! Devemos todos aceitar as dificuldades e sofrer com resignação. Eu não pensei realmente em matar meu corpo, são muitos os que agem como agi, fazem pensando em fazer sofrer os que os cercam, para se vangloriar, para pirraçar”</i></p>		1	1	
		<p><i>“Melhor livro que já li (emoticon de coração)”</i></p> <p>“~strong”</p>				
<p>P87</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Montagem digital de foto do céu nublado com sobreposição de uma frase.</p>	<p><i>“Minha mente é meu hospício particular”</i></p> <p>“~strong”</p>		24	0	
<p>P88</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadrinho. Trata-se de um jovem, em monólogo.</p>	<p><i>“Eu tentei. Tentei mesmo. Mas não posso continuar fingendo que está tudo bem.”</i></p> <p>“~strong”</p>		31	0	

<p>P89</p>  <p>"Mente: O que te faz viver? Eu: Eu tenho que viver. Mente: Porque tem que viver? Eu: As pessoas me querem vivo. Mente: Porque está chorando? Eu: Me sinto sozinho. Mente: Cadê as pessoas que te querem vivo? Eu: eu não sei."</p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de texto digitado. Trata-se do diálogo de um sujeito com a sua própria mente.</p>	<p>"Mente: O que te faz viver? Eu: Eu tenho que viver. Mente: Porque tem que viver? Eu: As pessoas me querem vivo. Mente: Porque está chorando? Eu: Me sinto sozinho. Mente: Cadê as pessoas que te querem vivo? Eu: Eu não sei. "</p>		<p>29</p>	<p>0</p>
<p>P90</p>  <p><i>diga alguma coisa, estou desistindo de você</i></p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Montagem digital de uma foto desfocada, onde ao fundo, tem-se uma mulher tocando um piano, com sobreposição de uma frase.</p>	<p>"~strong" "Diga alguma coisa, estou desistindo de você. " "~strong"</p>		<p>13</p>	<p>1</p>
<p>P91</p>  <p><i>Quando a morte finalmente chegar, vou abrir um sorriso e dizer: Por que você demorou tanto?</i></p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Ambas apresentam fundo de caveiras.</p>	<p>"Quando a morte finalmente chegar, vou abrir um sorriso e dizer: Por que você demorou tanto? " "~strong"</p>		<p>13</p>	<p>0</p>
<p>P92</p>  <p><i>Tenho pecados, mas não sou o diabo. Sou boa, mas não sou um anjo.</i></p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de Marilyn Monroe.</p>	<p>"Tenho pecados, mas não sou o diabo. Sou boa mas não sou um anjo. " "~strong"</p>		<p>3</p>	<p>0</p>
<p>P93</p>  <p><i>Fingi que está tudo bem se tornou um hábito.</i></p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de jovem com os olhos fechados.</p>	<p>"Fingir que está tudo bem se tornou um hábito. " "~strong"</p>		<p>126</p>	<p>0</p>
<p>P94</p> <p>O lado ruim de estar apaixonad@, é que temos medo de que @amad@ se afaste de nós do mesmo jeito que todos se afastaram ~Strong</p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado na timeline da página.</p>	<p>"O lado ruim de estar apaixonad@, é que temos medo de que @amad@ se afaste de nós do mesmo jeito que todos se afastaram " "~strong"</p>		<p>2</p>	<p>0</p>

P95

Eu sei que você já sentou no chão do banheiro e chorou com a porta trancada, por medo de alguém te ver chorando. E eu sei que vc já segurou o choro, e fazer isso doeu. E muito.

Texto

Bloco de texto digitado com grafia branca em fundo preto.

“Eu sei que você já sentou no chão do banheiro e chorou com a porta trancada, por medo de alguém te ver chorando. Eu sei que você já segurou o choro, e fazer isso doeu. E muito. ”



22

0

“Será que irá virar rotina novamente? ”
“~strong”

P96



Imagem com Frase

Tirinha em quadinhos com o título ‘Depressão’. 1º) tem-se uma jovem triste sentada na cama. 2º) surge uma mão embaixo da cama. 3º) tem-se a imagem da jovem com um buraco preto no peito. 4º) uma frase.

“Depressão. Ela vem assim, sorradeira... Como uma sombra, quase sem ser percebida. Mas aí se mostra um parasita que se alimenta do que há de bom... e abre um buraco negro em mim que me suga todas as esperanças e toda a vontade de fazer qualquer coisa. Me tira toda a vontade de viver. ”
“~strong”



27

1

P97



Gif

Animação de jovem gritando em desespero.

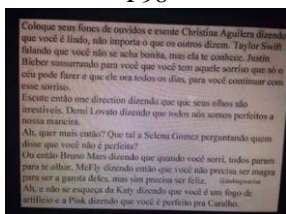
“Help me (‘me ajude’ em inglês) ”
“~strong”



27

2

P98



Texto

Imagem de texto digitado em tela de computador.

“Coloque seus fones de ouvido e escute Christina Aguilera dizendo que você é lindo, não importa o que os outros dizem. Taylor Swift falando que você não se acha bonito, mas ela te conhece. Justin Bieber sussurrando para você que você tem aquele sorriso que só o céu pode fazer, e que ele usa todos os dias, para você continuar com esse sorriso. Escute então one direction dizendo que seus olhos são irresistíveis. Demi Lovato dizendo que todos nós somos perfeitos a nossa maneira. Ah, quer mais então? Que tal a Selena Gomez perguntando quem disse que você não é perfeita? Ou então Bruno Mars dizendo que quando você sorri, todos param para te olhar. McFly dizendo então que você não precisa ser magra, para ser a garota deles, mas sim precisa ser feliz. Ah, e não se esqueça da Katy dizendo que você é um fogo de artifício e a Pink dizendo que você é perfeito pra caralho.”



2

0

“~strong”

P99

Ele era a pessoa que me fazia seguir em frente, a única pessoa que fazia meu coração acelerar quando chegava uma mensagem dele! Era a única pessoa que me fazia enfrentar meus medos, a única pessoa que eu contava meus segredos do passado, era quem me fazia enfrentar o dia porque eu sabia que no final do dia era ele quem eu ia conversar e ver aquele sorriso lindo, pap que sorriso perfeito! Gostava quando iam jogar algo e ele sempre era meu inimigo no jogo e ficamos rindo que nem dois retardados. Agora ele foi e eu não sei o que fazer para continuar.

Texto

Imagem de texto digitado em bloco de notas.

“Ele era a pessoa que me fazia seguir em frente, a única pessoa que fazia meu coração acelerar quando chegava uma mensagem dele! Era a única pessoa que me fazia enfrentar meus medos, a única que eu contava meus segredos do passado, era quem me fazia enfrentar o dia porque eu sabia que no final do dia era ele quem eu ia conversar e ver aquele sorriso lindo, pap que sorriso perfeito! Gostava quando íamos jogar algo e ele sempre era meu inimigo no jogo e ficávamos rindo que nem dois retardados. Agora ele foi e eu não sei o que fazer para continuar. ”



1

0

“Definiu todo o caralho a quatro que estou vivendo ”

“~strong”

P100

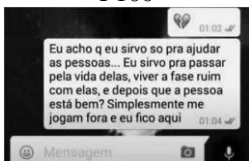
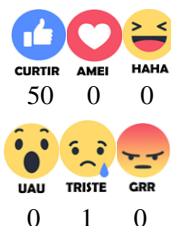


Imagem com Frase

Imagem de uma troca de mensagens em aplicativo de celular.

“ (emoticon de coração partido) eu acho q eu sirvo so pra ajudar as pessoas... eu sirvo pra passar pela vida delas, viver a fase ruim com elas, e depois que a pessoa que a pessoa está bem? Simplesmente me jogam fora e eu fico aqui. ”



48

1

“~strong”

P101



Gif

Nesta animação, um boneco vai perdendo progressivamente seu espaço até que se desintegra e se transforma em um coração.

“~strong”



47

0

P102

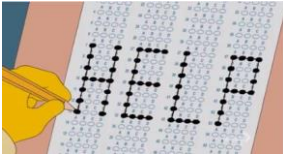


Imagem com Frase

Trata-se de um desenho em que uma mão preenche a palavra “help” (‘ajuda’ em inglês) numa típica folha de respostas de prova acadêmica.

“Help (ajuda em inglês)”



“~strong”



11 0

P103

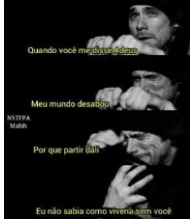


Imagem com Frase

Quatro imagens formando um quadrinho. Em todas há um homem triste chorando.

“Você me disse Adeus. Meu mundo desabou. Por que partir dali. Eu não sabia como viveria sem você.”



“~strong”



23 0

P104

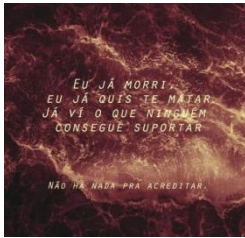


Imagem com Frase

Montagem digital de imagem do mar com sobreposição de uma frase. Na edição a imagem adquiriu um tom avermelhado.

“Eu já morri. Já quis te matar. Já vi o que ninguém consegue suportar. Não há nada, nada pra acreditar.”



“Essa música (emoticon apaixonado) Essa banda (emoticon de coração)”



2 2

P105



Imagem com Frase

Tirinha em quadrinhos que simula a interação entre a vida e a morte (bonecos vestidos em mantos pretos).

“Há muito tempo atrás a vida e a morte se apaixonaram. Desde então a vida envia incontáveis presentes para a morte... E ela os guarda para sempre.”



“Boa noite para quem vai... boa madrugada para quem fica... E que amanhã seja um ótimo dia 😊 (emoticon triste)”



15 0

P106



Imagem com Frase

Duas imagens formando um quadrinho. Ambas são de um show de uma banda de rock (foco no vocalista).



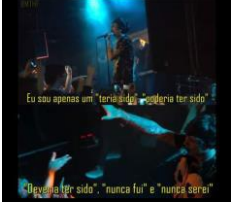

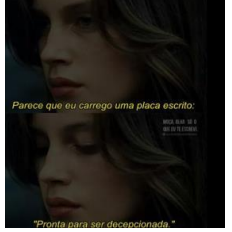




“Estou sangrando a cada palavra que você disse, vá para o inferno, pelo amor de Deus.”



“~strong”



1 0

<p>P107</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Foto de jovem se abraçando de costas (há uma tatuagem de esqueleto em suas costas).</p>	<p>“Mentalmente eu já devo ter me suicidado umas mil vezes.” “~strong”</p>		<p>36</p>	<p>1</p>
<p>P108</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Duas imagens formando um quadrinho. Ambas são de um show de uma banda de rock (foco no vocalista).</p>	<p>“Eu sou apenas um ‘teria sido’, ‘poderia ter sido’, ‘deveria ter sido’, ‘nunca fui’ e ‘nunca serei’.” “~strong”</p>		<p>0</p>	<p>0</p>
<p>P109</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Duas imagens formando um quadrinho. São de uma jovem em perfil. 1º) ela se encontra de olhos abertos; 2º) ela fecha os olhos.</p>	<p>“Parece que eu carrego uma placa escrito: ‘pronta para ser decepcionada’.” “~strong”</p>		<p>19</p>	<p>0</p>
<p>P110</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Foto de uma jovem chorando com franja sobre um dos olhos e maquiagem borrada pelas lágrimas.</p>	<p>“~strong” “Já posso morrer? Ou preciso fingir mais um pouco?”</p>		<p>34</p>	<p>0</p>
<p>P111</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p>	<p>Foto de um cartaz colado em um poste.</p>	<p>“Você não é magra demais. Você não é gorda demais. Você não é alta demais. Você não é baixa demais. VOCÊ É LINDA DEMAIS!” “Entendeu? Não deixe que lhe provem o contrário...” “~strong”</p>		<p>4</p>	<p>0</p>

“Cara mas de alguma forma eu agradeço muito por você ter entrado na minha vida, por ter feito essa bagunça toda e depois ido embora. Isso me fez mais forte e independente, tenho muita pena de você ter feito essa escolha de parti porque não foi eu que perdi nada. Eu sofri sim e muito, noites e noites chorando mais isso me fez perceber que eu podia sim ser feliz e que você era só mais um muleke que brincava de iludir. Uma coisa que eu aprendi cm essa bagunça toda, e que devemos deixar ir aquilo que não nós faz mais bem”.

P112

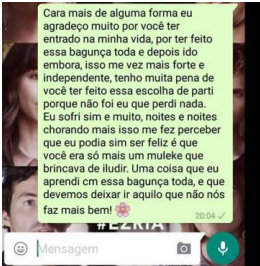


Imagem com Frase

Foto da troca de mensagens em aplicativo de celular.



11

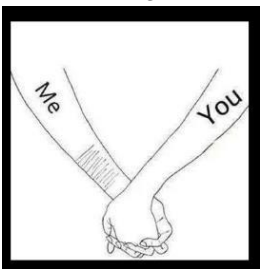
0

“Boa noite para quem vai...
Boa madru para quem fica...”

“~strong”

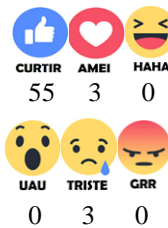
Imagem

P113



Desenho de dois braços de mãos dadas. Há inscrições de ‘eu’ e ‘você’ em inglês em cada um dos braços. No que está escrito “eu” há vários cortes (automutilação), o outro apresenta-se intacto.


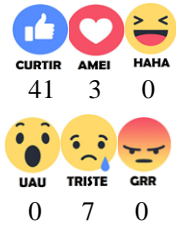



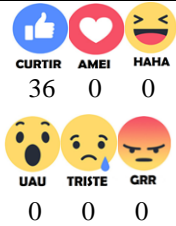
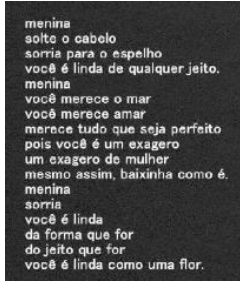
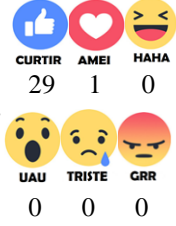


“#suicida”



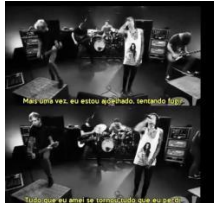

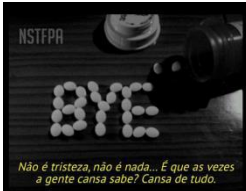
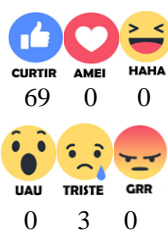


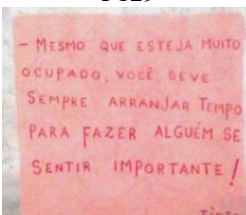





50

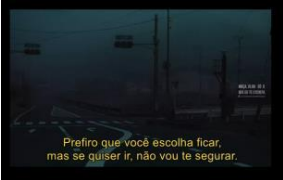












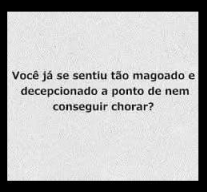


























1

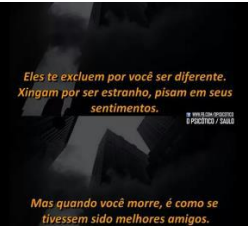
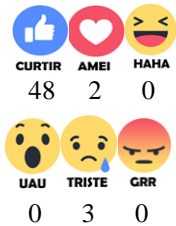




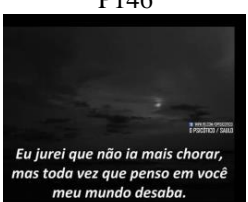
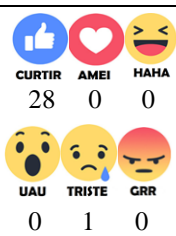
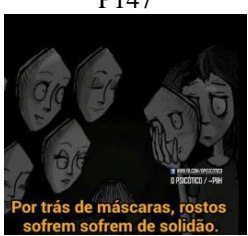

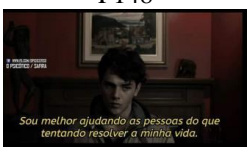

<p>P114</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de texto digitado em bloco de notas.</p>	<p>“Quando eu morrer.. Não chore... Não diga que eu era linda... Não diga que você me ama e está triste porque eu fui. Não diga que você sente minha falta... Quando eu morrer não se atreva a dizer nada. Porque essas palavras eram tudo que eu precisava para continuar vivendo.”</p>		31	0
<p>P115</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de texto digitado em bloco de notas.</p>	<p>“#suicida”</p> <p>“Meu inferno é particular.”</p> <p>“#suicida”</p>		11	0
<p>P116</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com fonte branca em fundo preto.</p>	<p>“Você construiu um mundo mágico, porque sua vida real é trágica. – Paramore*”</p> <p>“#suicida”</p>		24	0
<p>P117</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um pulso com automutilações (cortes e hematomas). Um dos cortes tem formato de coração.</p> <p><u>Imagem com frase</u></p>	<p>“#suicida”</p>		4	0
<p>P118</p> 	<p>Foto de uma jovem acenando. Na imagem não é possível ver o rosto pois o recorte se dá da boca para baixo, até o busto.</p>	<p>“Eu vejo as marcas no seus pulsos, sei o motivo delas, sei que você não é idiota nem louca”.</p> <p>“#suicida”</p>		22	0
<p>P119</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um corpo feminino (peitos, barriga) em estado anoréxico.</p>	<p>“#suicida”</p>		0	0

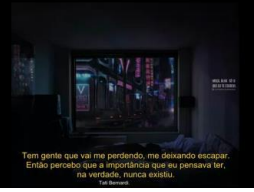
<p>P120</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um braço e uma perna com automutilações (cortes). Há uma carteira de cigarro no centro da foto.</p>	<p>“#suicida s/2”</p>	 <p>41 3 0</p> <p>0 7 0</p>	<p>12</p>	<p>0</p>
<p>P121</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de duas mãos que se tocam.</p>	<p>“Eu tentei mesmo, mas não posso continuar fingindo que está tudo bem.”</p> <p>“#suicida”</p>	 <p>29 0 0</p> <p>0 1 0</p>	<p>18</p>	<p>0</p>
<p>P122</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Doas imagens formando um quadrinho. As imagens remetem a um jovem falando.</p>	<p>“Se você ama alguém, nunca deve magoá-lo. Nunca”</p> <p>~strong”</p>	 <p>36 0 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>19</p>	<p>0</p>
<p>P123</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com fonte branca em fundo preto.</p>	<p>“menina solte o cabelo sorria para o espelho você é linda de qualquer jeito. Menina você merece o mar você merece amar merece tudo que seja perfeito pois você é um exagero um exagero do mulher mesmo assim, baixinha como é. menina sorria você é linda da forma que for do jeito que for você é linda como uma flor.”</p> <p>~strong”</p>	 <p>29 1 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>30</p>	<p>0</p>
<p>P124</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de mulher debruçada na cama com as mãos segurando os cabelos. Junto à mensagem, a imagem sugere um estado de sofrimento.</p>	<p>“Eu só queria ser bonita para ele gostar de mim”</p> <p>“Noite noite para quem vai madru madru para quem fica”</p> <p>~strong”</p>	 <p>225 3 1</p> <p>0 30 0</p>	<p>410</p>	<p>16</p>

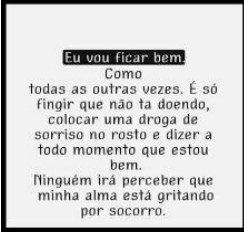

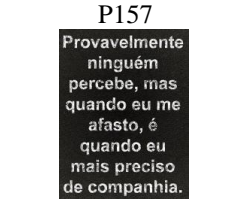

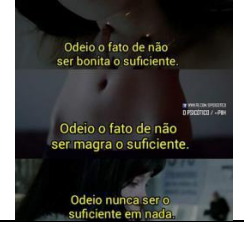

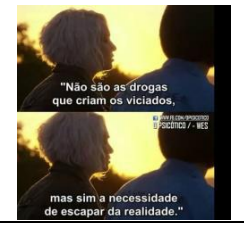





<p>P125</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um corpo feminino (peitos e barriga) em estado anoréxico. Um de seus braços apresenta cortes de automutilação.</p>	<p>“#suicida”</p>	 <p>CURTIR 54 AMEI 1 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 0 GRR 0</p>	<p>16</p>	<p>0</p>
<p>P126</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Ambas são de um show ou clipe de uma banda de rock.</p>	<p>“Mais uma vez, eu estou ajoelhado, tentando fugir. Tudo que eu amei se tornou tudo que eu perdi”</p> <p>~strong”</p>	 <p>CURTIR 22 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 0 GRR 0</p>	<p>1</p>	<p>0</p>
<p>P127</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de uma caixa de remédios caída, aberta, com comprimidos formando a escrita de “bye” (tchau em inglês).</p>	<p>“Não é tristeza, não é nada... é que as vezes a gente cansa sabe? Cansa de tudo”</p> <p>~strong”</p>	 <p>CURTIR 69 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 3 GRR 0</p>	<p>56</p>	<p>2</p>
<p>P128</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. São de uma sala cirúrgica e representam a interação entre uma médica e um paciente entubado.</p>	<p>“Se vai viver ou morrer, só depende de você. Então, busque forças aí dentro de você!”</p> <p>“Esse filme (emocionans de coração) Nome: Se eu ficar (disponível na netflix)”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR 26 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 0 GRR 0</p>	<p>13</p>	<p>0</p>
<p>P129</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de um bilhete rosa com uma mensagem em vermelho.</p>	<p>“Mesmo que esteja muito ocupado, você deve sempre arranjar tempo para fazer alguém se sentir importante!”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR 21 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 0 GRR 0</p>	<p>22</p>	<p>2</p>
<p>P130</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. São de shows ou clipes de bandas de rock.</p>	<p>“Moça, não olha para baixo aí é muito alto para você se jogar. Ela se jogou da janela do quinto andar nada é fácil de entender.”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>CURTIR 24 AMEI 0 HAHA 0 UAU 0 TRISTE 0 GRR 0</p>	<p>12</p>	<p>0</p>

P131		<u>Imagem com Frase</u>	“Estágios da amizade”	 CURTIR AMEI HAHA 23 0 0	19	0
		Três imagens formando um quadrinho. São mãos segurando cartazes com dizeres em inglês: 1º) “Melhor amigo”; 2) “amigo”; 3) “fim”.	“~strong”	 UAU TRISTE GRR 0 0 0		
P132		<u>Imagem com Frase</u>	“Não siga a sociedade. Não seja mais um desses idiotas.”	 CURTIR AMEI HAHA 45 1 1	29	0
		Duas imagens formando um quadrinho. São imagens de uma jovem sentada em uma cadeira com as pernas sob a mesa.	“Noite noite para quem vai madru madru para quem fica”	 UAU TRISTE GRR 0 0 0		
P133		<u>Imagem com Frase</u>	“Eu não sei o que eles disseram todos eles me deixaram para morrer e quando eu tiver terminado Deus pode fazer o que fizer comigo” “~strong”	 CURTIR AMEI HAHA 20 0 0  UAU TRISTE GRR 0 1 0	3	0
		Foto de um vocalista de uma banda de rock cantando no microfone.				
P134		<u>Imagem com Frase</u>	“Você achava que era só um desenho bobo, mas ele te ensinou que os verdadeiros monstros são as pessoas.” “E aí? Agora entendeu?” “~strong”	 CURTIR AMEI HAHA 32 1 0  UAU TRISTE GRR 0 0 0	22	1
		Imagem do desenho animado Scooby Doo. Cena típica de quando o grupo desmascarava um vilão.				
P135		<u>Gif</u>	“~strong”	 CURTIR AMEI HAHA 51 2 0  UAU TRISTE GRR 0 1 0	36	1
		Animação em desenho de jovem chorando e recebendo carinho na cabeça.				
P136		<u>Imagem com Frase</u>	“Minha alma foi quebrada igual a um espelho de vidro... e agora, a cada movimento que dou, eu me corto em meus cacos [...]” “Isso ocorreu no momento em que disse ‘adeus’” “~strong”	 CURTIR AMEI HAHA 28 2 0  UAU TRISTE GRR 0 0 0	22	0
		Foto (preta e branca) de uma floresta à noite.				

<p>P137</p>  <p>Prefiro que você escolha ficar, mas se quiser ir, não vou te segurar.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma bifurcação de uma estrada sob um clima de neblina.</p>	<p><i>“Prefiro que você escolha ficar, mas se quiser ir, não vou te segurar”.</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 26 0 0    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	28	0
<p>P138</p>  <p>A morte é um sono sem sonhos.</p>	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma pessoa subindo uma escada e outra em queda.</p>	<p><i>“A morte é um sono sem sonhos.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 19 1 0    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	26	0
<p>P139</p>  <p>Você já se sentiu tão magoado e decepcionado a ponto de nem conseguir chorar?</p>	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado em bloco de notas.</p>	<p><i>“Você já se sentiu tão magoado e decepcionado a ponto de nem conseguir chorar?”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 45 0 0    UAU TRISTE GRR 0 1 0 </p>	28	2
<p>P140</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação que apresenta a transição de humor de um jovem que, mexendo no computador, sai do estado do riso para a preocupação, colocando a mão sobre o queixo.</p>	<p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 19 2 0    UAU TRISTE GRR 0 3 0 </p>	16	0
<p>P141</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação que apresenta a transição de momentos vividos por uma jovem: 1º) curtindo na balada, dançando, rindo e bebendo; 2º) chorando.</p>	<p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 55 2 0    UAU TRISTE GRR 0 10 0 </p>	65	1
<p>P142</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação de uma jovem chorando.</p>	<p><i>“Um dia você vai cansar de dizer que está tudo bem.”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 65 0 0    UAU TRISTE GRR 0 4 0 </p>	135	0

<p>P143</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se a vista de um prédio em chamas.</p>	<p>“Eles te excluem por você ser diferente. Xingam por ser estranho, pisam em seus sentimentos. Mas quando você morre, é como se tivessem sido melhores amigos. ” “Pior que é vdd”</p>		51	1	
		“~strong”				
<p>P144</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação de um homem se afastando de uma mulher, que reage se abaixando, ficando de cócoras com a mão sobre o rosto, denotando sofrimento.</p>	“~strong”		38	0	
<p>P145</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se uma jovem deitada. Junto à mensagem, a imagem sugere um estado reflexivo.</p>	<p>“Minha pergunta é: porque as pessoas boas se dão mal na vida? ” “~strong”</p>		26	0	
<p>P146</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) do céu nublado.</p>	<p>“Eu jurei que não ia mais chorar, mas toda vez que penso em você meu mundo desaba”. “~strong”</p>		38	0	
<p>P147</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Desenho de uma jovem tirando uma máscara de felicidade, desvelando seu rosto triste. No fundo há várias outras máscaras.</p>	<p>“Por trás de máscaras, rostos sofrem de solidão” “~strong”</p>		12	0	
<p>P148</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um jovem que aparenta estar refletindo sobre algo.</p>	<p>“Sou melhor ajudando as pessoas do que tentando resolver a minha vida” “~strong”</p>		18	0	

<p>P149</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. 1º) jovens se olham; 2º) eles se abraçam.</p>	<p>“Um abraço apertado sufoca, mas a falta dele também”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>37 0 0</p> <p>0 0 0</p>	23	0
<p>P150</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Desenho de um bode com chifres simbolizando a figura bíblica de Lúcifer.</p>	<p>“Não sou mal, sou apenas justo! Se as minhas palavras te ferem, é porque precisou ouvir a verdade. Lúcifer”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>19 0 0</p> <p>0 0 0</p>	4	0
<p>P151</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho de um casal conversando. 1º) ela fala; 2º) o rapaz a complementa.</p>	<p>“Sei que finjo ser forte, mas isso é... um modo de se proteger da sua vulnerabilidade”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>19 0 0</p> <p>0 0 0</p>	1	0
<p>P152</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de jovem com os olhos fechados.</p>	<p>“Acho que vou enlouquecer porque não tenho ninguém pra conversar”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>39 2 0</p> <p>0 0 0</p>	3	0
<p>P153</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se a imagem de um teto com lustres.</p>	<p>“Quando eu era criança eu odiava dormir, porque tinha medo de perder toda a diversão da vida. Hoje eu durmo para evitar a vida”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>32 0 0</p> <p>0 1 0</p>	14	2
<p>P154</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. 1º) uma mulher; 2º) um homem. Denota-se que ela enuncia algo para ele.</p>	<p>“Você jurou que ficaria aqui até o final. Mas decidi não pensar mais em mim.”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>22 0 0</p> <p>0 2 0</p>	11	0
<p>P155</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um quarto no escuro, com a televisão ligada.</p>	<p>“Tem gente que vai me perdendo, me deixando escapar. Então percebo que a importância que eu pensava ter, na verdade, nunca existiu”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>19 0 0</p> <p>0 0 0</p>	23	0

<p>P156</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Texto digitado em bloco de notas.</p>	<p>“Eu vou ficar bem. Como todas as outras vezes. É só fingir que não tá doendo colocar uma droga de sorriso no rosto e dizer a todo momento que estou bem. Ninguém irá perceber que minha alma está gritando por socorro.”</p> <p>“~strong”</p>		<p>27</p>	<p>1</p>
<p>P157</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Bloco de texto digitado com fonte branca em fundo preto.</p>	<p>“Provavelmente ninguém percebe, mas quando eu me afasto, é quando eu mais preciso de companhia”</p> <p>“#suicida”</p>		<p>50</p>	<p>0</p>
<p>P158</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadro. 1º) mãos arranhando um pescoço; 2º) uma barriga; 3º) perfil de uma jovem.</p>	<p>“Odeio o fato de não ser bonita o suficiente. Odeio o fato de não ser magra o suficiente. Odeio nunca ser o suficiente em nada.”</p> <p>“~strong”</p>		<p>13</p>	<p>0</p>
<p>P159</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadro. Em ambas, tem-se a vista de costas de um casal conversando.</p>	<p>“Não são as drogas que criam os viciados, mas sim a necessidade de escapar da realidade”</p> <p>“~strong”</p>		<p>0</p>	<p>0</p>
<p>P160</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadro. Em todas, tem-se o desenho de dois jovens caminhando e conversando.</p>	<p>“- Eu gosto de ficar sozinho. - Eu Também. - Então vamos ser sozinhos juntos”</p> <p>“~strong”</p>		<p>19</p>	<p>0</p>
<p>P161</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação de um Pokémon com facetas de docilidade que apresenta o reflexo no espelho d'água de uma figura monstruosa.</p>	<p>“~strong”</p>		<p>13</p>	<p>0</p>

<p>P162</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Animação de uma jovem chorando.</p>	<p>“~strong”</p>	 <p>23 0 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>13</p>	<p>0</p>
<p>P163</p> 	<p><u>Imagem</u></p> <p>Desenho de uma pessoa que no lugar da cabeça tem a copa de uma árvore. Esta copa é preta e no lugar de frutos, tem-se faces sorridentes (máscaras).</p>	<p>“~strong”</p>	 <p>24 0 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>16</p>	<p>0</p>
<p>P164</p> 	<p>Animação de uma mulher, à frente de um quadro negro, apagando o pedaço de uma fórmula matemática e gerando a inscrição da frase “I Love you”.</p>	<p>“I love you” (eu te amo em inglês)</p> <p>“~strong”</p>	 <p>24 2 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>27</p>	<p>1</p>
<p>P165</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadri-nho. 1º) uma jovem com a mão na cabeça, olhando para baixo; 2º) ela olha para frente, com a mão no queixo; 3º) ela olha para baixo.</p>	<p>“Não foi nada. Deu saudade, só isso. De repente me deu tanta saudade”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>55 1 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>39</p>	<p>0</p>
<p>P166</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Três imagens formando um quadri-nho. 1º) um homem olhando para uma mulher (de costas); 2º) a mulher lhe diz algo; 3º) ele de perfil.</p>	<p>“Que bom que esteja bem, porque eu não estou”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>17 0 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>3</p>	<p>0</p>
<p>P167</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de jovem com a cabeça mirando para baixo e os cabelos, longos, cobrindo o rosto.</p>	<p>“Já coloquei a música que me fazia mal e fechei os olhos lembrando de tudo que estava me correndo. Só pra chorar na esperança de tudo aquilo passar”</p> <p>“~strong”</p>	 <p>31 0 0</p> <p>0 0 0</p>	<p>15</p>	<p>0</p>

<p>P168</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u> Foto de duas mãos.</p>	<p>“Vivemos em um mundo onde suicidas falam para outros suicidas que o suicídio não é a solução”</p> <p>“~strong”</p>		3	0
<p>P169</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u> Jovem com a cabeça mirando para o alto soltando fumaça pela boca.</p>	<p>“Até as flores secam se não cuidarmos corretamente, quem dirá o amor”</p> <p>“~strong”</p>		11	0
<p>P170</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u> Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se um jovem chorando.</p>	<p>“Humanos são como vidros. Nós quebramos e não tem como consertar”</p> <p>“~strong”</p>		0	0
<p>P171</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u> Desenho de uma jovem mirando uma arma para seu reflexo no espelho. O reflexo está com a arma apontada para sua própria cabeça.</p>	<p>“Quem quer morrer se mata, é simples. Porém, observem bem, quem diz que quer morrer, na verdade, quer ajuda”</p> <p>“~strong”</p>		15	0
<p>P172</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u> Desenho de uma jovem sorridente. O balão que contém a representação de seus pensamentos, contudo, revela diversas ideias suicidas e expressões de sentimentos negativos.</p>	<p>“É difícil respirar/Pare de Julgar/Sorrisos Falsos/Você nem liga/ Eu me corto/ Suicídio/ Por favor alguém me mata/ Mais uma noite chorando/ Deprimida/ Quero morrer/ Todos vão embora/ Não sou boa o suficiente/ Minha alma está tentando matar o meu corpo/ Você nunca vai entender” (Frases em inglês).</p> <p>“~strong”</p>		1	0



Imagem com Frase

Reprodução de um quadrinho do Calvin e Haroldo, onde uma criança conversa com seu amigo imaginário, um tigre.

“- Se as pessoas saíssem todas as noites para olhar as estrelas, aposto que viveriam bem diferente. - Como assim? - Bem, quando você olha o infinito, você se dá conta de que há coisas muito mais importantes do que aquilo que as pessoas fazem todo dia”



2 0

“Teve o prazer de observar o infinito hj? ”

“~strong”

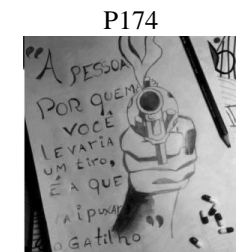
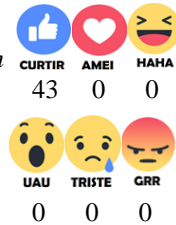


Imagem com Frase

Desenho de uma mão segurando uma arma de Fogo. Por cima do desenho há comprimidos espalhados.

“A pessoa por quem você levaria um tiro, é a que vai puxar um gatilho. ”



51 0

“Típico”

“~strong”



Gif

Animação de um jovem chorando.

“Você não me quer, como eu quero você. Você não precisa de mim, como eu preciso de você. ”



93 0

“~strong”



Gif

Animação de uma jovem em frente ao espelho. Ela, vestida de preto com a cara séria, apresenta em seu reflexo uma vestimenta branca e movimentos de agitação que sugerem sofrimento.

“~strong”



73 0









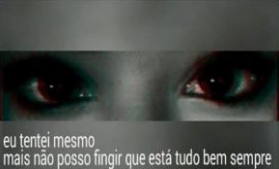

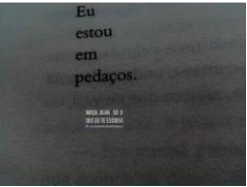



Gif

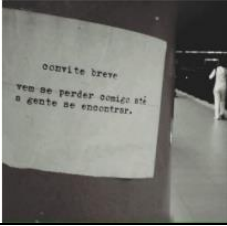






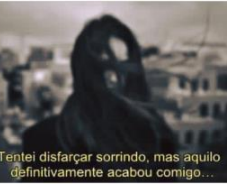


































Nesta animação, um casal de jovens, ao se encontrar, sai correndo para se abraçar.

“~strong”



121 2

<p>P178</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. 1º) uma jovem; 2º) um rapaz. Trata-se de um diálogo.</p>	<p>“Antes de você, era só escuridão. Você é a única luz que conheço.”</p> <p>“~strong”</p>		11	0
<p>P179</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um espelho com um aviso colado na frente.</p>	<p>“AVISO: Reflexos nesse espelho podem parecer distorcidos devido a ideais de beleza construídos socialmente.”</p> <p>“#suicida”</p>		4	0
<p>P180</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de uma jovem sentada numa banheira, encolhida, com as mãos sobre os olhos, sugerindo sofrimento.</p>	<p>“Nesse mundo louco, o que não te mata, te faz querer estar morto.”</p> <p>“#suicida”</p>		2	0
<p>P181</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de olhos maquiados.</p>	<p>“Eu tentei mesmo mais não posso fingir que está tudo bem sempre”</p> <p>“#suicida”</p>		2	1
<p>P182</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Foto de texto digitado em papel branco.</p>	<p>“Eu estou em pedaços”</p> <p>“(emoticons de coração partido)”</p> <p>“#suicida”</p>		1	0
<p>P183</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens formando um quadrinho. 1º) um homem; 2º) uma jovem. O quadrinho representa um diálogo.</p>	<p>“- Há 4 dias, você tomou um vidro de aspirinas com um litro de vodca.</p> <p>- Eu estava com dor de cabeça.”</p> <p>“Sempre uma nova desculpa para ninguém notar sua dor (emoticon de coração partido)”</p>		0	0

<p>P184</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um poste com um papel pregado. No papel, há uma mensagem digitada.</p>	<p><i>“convite breve vem se perder comigo até a gente se encontrar”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 17 0 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	13	0
<p>P185</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca, desfocada) de uma mulher com cabelos longos cobrindo-lhe parcialmente a face.</p>	<p><i>“Tentei disfarçar sorrindo, mas aquilo definitivamente acabou comigo...”</i></p> <p><i>“E ninguém nota... #suicida”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 40 0 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 2 0 </p>	18	0
<p>P186</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto (preta e branca) de um cartaz colado em uma parede.</p>	<p><i>“Sempre ouvi dizer que não existe amor em São Paulo. Depois de um tempo, descobri que todo lugar que eu estava, tinha um pouco de São Paulo nas pessoas”</i></p> <p><i>“(emoticon de coração partido)”</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 20 0 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	14	0
<p>P187</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação em desenho, tem-se a interação carinhosa de um casal na cama.</p>	<p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 72 16 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 5 0 </p>	179	4
<p>P188</p> 	<p><u>Texto</u></p> <p>Imagem de um texto digitado. Representação de um diálogo em inglês.</p>	<p><i>“- Eu preciso de... - Mim? - Não, dormir” (em inglês)</i></p> <p><i>“#suicida”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 12 0 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	1	0
<p>P189</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um senhor calvo, com barba, bigode e cabelos brancos.</p>	<p><i>“Finais felizes só acontecem nos filmes”</i></p> <p><i>“~strong”</i></p>	<p>    CURTIR AMEI HAHA 14 0 0 </p> <p>    UAU TRISTE GRR 0 0 0 </p>	18	0

P190



Imagem com Frase

Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se a foto de um jovem falando com uma pessoa (no canto esquerdo da foto, de costas).

“Preciso me amar antes de amar outro alguém. Caso contrário, continuarei fazendo merda”

“~strong”



0

0

P191

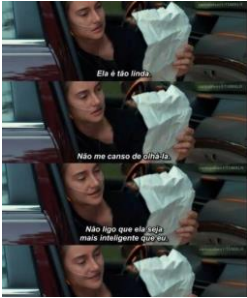
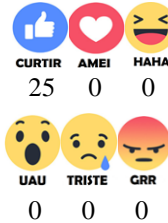


Imagem com Frase

Quatro imagens formando um quadrinho. Em todas, tem-se a foto de uma jovem lendo uma carta. Do início ao fim do quadrinho, ela começa a esboçar um sorriso.

“Ela é tão linda. Não me canso de olhá-la. Não ligo que ela seja mais inteligente que eu. Ela é engraçada sem ser má.”

“~strong”



1

0

P192

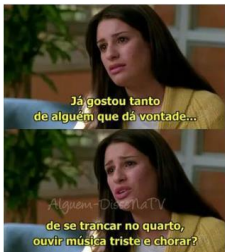
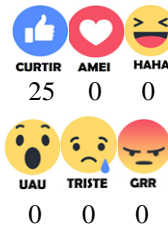


Imagem com Frase

Duas imagens formando um quadrinho. Em ambas, tem-se a uma jovem que aparenta dialogar com alguém (ausente das imagens).

“Já gostou tanto de alguém que dá vontade... de se trancar no quarto, ouvir música triste e chorar?”

“~strong”



0

0

P193



Imagem

Desenho de uma jovem chorando e se automutilando nas pernas e braços. Atrás dela, encontra-se uma figura monstruosa que no lugar de dedos possui objetos perfuro-cortantes.

“A imagem fala por si”

“#suicida”



3

1

P194

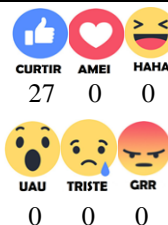


Imagem com Frase

Foto (preta e branca) de uma mão segurando um cigarro aceso.

“Troque seu coração por um pulmão, assim você fuma mais e ama menos”

“Prefiro cigarros...”



3

0

<p>P195</p> 	<p><u>Gif</u></p> <p>Nesta animação, tem-se uma jovem com olhar sério mirando para algo ausente do quadro de visão.</p>	<p>“~strong”</p>	 CURTIR 40  AMEI 0  HAHA 0  UAU 0  TRISTE 3  GRR 0	<p>32</p>	<p>0</p>
<p>P196</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de uma jovem submersa na água. A foto, junto à mensagem, sugere uma situação de afogamento.</p>	<p>“O suicídio começa por dentro”</p> <p>“~strong”</p>	 CURTIR 10  AMEI 0  HAHA 0  UAU 0  TRISTE 0  GRR 0	<p>0</p>	<p>0</p>
<p>P197</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Foto de um jovem sentada numa banheira de costas.</p>	<p>“É só mais um dia ruim, numa semana ruim, num mês, ruim, de um ano ruim, de uma vida ruim....”</p> <p>“~strong”</p>	 CURTIR 19  AMEI 0  HAHA 0  UAU 0  TRISTE 0  GRR 0	<p>2</p>	<p>0</p>
<p>P198</p> 	<p><u>Imagem com Frase</u></p> <p>Duas imagens de uma jovem formando um quadrinho. 1º) ela está com a cabeça abaixada e a mão sobre a testa; 2º) chorando.</p>	<p>“Tive um sonho de como seria a minha vida. Tão diferente deste inferno que estou vivendo.”</p> <p>“~strong”</p>	 CURTIR 14  AMEI 0  HAHA 0  UAU 0  TRISTE 0  GRR 0	<p>1</p>	<p>0</p>

ANEXO II

TABELA DE COMENTÁRIOS

Publicação	Comentários
P1	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Eu tbm acho que eu sou isso (emoticons de cansaço e coração partido)”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“Eu devo ser isso!”</i>
P18	C1) Sexo Feminino 01: <i>“~Continua~”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Ja mandei”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“~Continua~”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Já mandei”</i> Sc2) Sexo Feminino 02: <i>“ata (emoticon de mãos em reverência)”</i> C3) Sexo Feminino 03: <i>“~Continua~”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Ja mamdei”</i> C4) Sexo Feminino 04: <i>“~Continua~”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Já mandei”</i> C5) Sexo Feminino 05: <i>~continua~</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Já mandei”</i> C6) Sexo Feminino 06: <i>“~continua~ (emoticons de apaixonado e palmas)”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Já mandei”</i> C7) Sexo Feminino 07: <i>“~Continua~”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Já mandei”</i> Sc2) Sexo Feminino 07: <i>(emoticons de palmas)</i>
P19	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Qual o nome”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“sete vidas”</i> Sc2) Sexo Feminino 01: <i>“Obrigada”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“qual o nome?”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“sete vidas”</i> C3) Sexo Feminino 03: <i>“Qual o nomeeee”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“sete vidas”</i> C4) Sexo Feminino 04: <i>“Qual nome?”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“sete vidas”</i> C5) Sexo Feminino 05: <i>“Qual o nomeeee?”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“sete vidas”</i> Sc2) Sexo Feminino 05: <i>“Obrigada”</i>
P26	C1) Sexo Feminino: <i>“E só as mais tristes e sombrias lembranças”</i>
P33	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Linda mesmo”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“Como é o nome da música?”</i> C3) Sexo Feminino 03: <i>“Se algm tiver essa música me envia no watts pfv. Número de telefone.”</i>

P48	C1) Sexo Feminino 01: <i>“ain mor para eu t amo se foor sumir me leve cntg”</i>
P53	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Todo dia (emoticon triste) ”</i>
P54	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Nossa cara que triste, ao invés de ajudar alguém que se sinta dessa forma vai acabar prejudicando achando que é assim mesmo. Tirinha depreciativa (emoticon decepcionado). ”</i> Sc1) Sexo Feminino 02: <i>“Mas verdadeira pelo menos não está iludindo ninguém. ”</i> C2) Sexo Feminino 03: <i>“(emoticon angustiado)”</i>
P60	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Às vezes é melhor desistir...e deixar que as lembranças se apaguem... do que persistir em continuar em algo que sabes que não vale a pena...”</i>
P61	C1) Sexo Masculino 01: <i>“Vou compra um dece pra VC *link de endereçamento com nome feminino”</i> Sc1) Sujeita endereçada 01: <i>“Ai não vou precisar de você mais. Poupar seu mísero esforço (emoticons de rosto sem graça e ok) ”</i> Sc2) Sexo Masculino 01: <i>“ingrata (emoticon cansado)”</i>
P62	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Que filme é? ”</i> Sc1) Administrador (a) da página: <i>“Não quero voltar sozinho. Ele é disponível na Netflix. ”</i> Sc2) Sexo Feminino 01: <i>“Obrigada”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“ (emoticons apaixonados) ”</i>
P64	C1) Sexo Feminino: <i>“Parece, que ela está presa dentro de si mesma, quer se libertar de tudo aquilo que a prenda. Quer ser feliz de verdade. ”</i>
P65	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Ser como era antes.. ter de volta os amigos q perdi, ter mais atenção.. ser menos julgada, e ser feliz realmente..”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“Ver meu pai e um amigo que se foi. Eh que tudo desse certo na minha vida (emoticons de cansaço e coração partido) ”</i> C3) Sexo Feminino 03: <i>“Morrer (emoticon chorando) ”</i> Sc1) Sexo Masculino 01: <i>“Não iria adiantar”</i>
P67	C1) Sexo Feminino 01: <i>“*link de endereçamento com nome feminino* não quero te ver assim, não posso te ver assim. Quero te ver com seu lindo sorriso. Não deixe que o inimigo lhe use. ”</i> C2) Sexo Feminino 02: <i>“Qual é o nome do filme? ”</i>
P69	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Mas por outro lado, dizem que nunca vão te deixar e diz que ama, isso decepciona mais. ”</i>

P71

C1) Sexo Feminino 01: *“Realmente”*

C2) Sexo Feminino 02: *“Vdd”*

C3) Sexo Feminino 03: *“ (emoticon de mão levantada) ”*

P72

C1) Sexo Feminino 01: *“Entre tantas decepções hoje em dia, ó amor e só mais uma merda (emoticon de coração partido) ”*

C2) Sexo Feminino 02: *“Eu acredito no amor sabe pq? Pq já confundi o amor com a ilusão ss mas hj em dia eu vejo q o amor é um sentimento recíproco q é pra dar e receber. Não a ilusão q vc ama uma pessoa e a pessoa apenas gosta de vc ou não sente nd só quer ter o prazer de te iludir te ver toda apaixonada e dps te meter o pé na bunda. Não cometa o msm engano que o meu amor é a coisa mais linda e pura do mundo (emoticon orgulhoso, mãos de reverencia e coração) ”*

C3) Sexo Masculino 01: *“Amor? ”*

C4) Sexo Feminino 03: *“NÃO (emoticon de coração partido, guarda-chuvas e folha) ”*

C5) Sexo Feminino 01: *“YA no lgmnt”*

C6) Sexo Feminino 03: *“No”*

C7) Sexo Masculino 01: *“ (emoticon triste) ”*

P73

C1) Sexo Feminino 01: *“Nunca existiram monstros embaixo da cama, eles estão dentro de mim”*

C1) Sexo Feminino 01: *“Seremos reféns de nós mesmos até quando? A última vez que abrir os olhos será a última que você tomara fôlego suficiente para se livrar das correntes, que lhe prendem os tornozelos e pulsos durante sua vida inteira. ”*

C2) Sexo Feminino 02: *“tento entender oque se passa dentro de mim...mais sinceramente? não há nada a entender...por que? por que aqui dentro nunca teve nada. ”*

C3) Sexo Feminino 03: *“Fingir que está tudo já se tornou um hábito.... Até quando vai Durar ...?? (emoticon triste) ”.*

C4) Sexo Feminino 04: *“Ja sofri tanto na vida por causa de amor (emoticon triste) que hoje nao entendo mais o que e amor de verdade !!”*

C5) Sexo Masculino 01: *“agora td faz sentido, um desabafo nunca será melhor que uma lamina no pulso...”*

C6) Sexo Feminino 05: *“O que realmente significa viver? Por acaso é só uma palavra, ou ela tem um significado, ou é algo como o ar? ”*

C7) Sexo Feminino 06: *“Porque as pessoas cismam em querer iludir os outros não e mais fácil ser feliz sem querer machucar os outros? ”*

C8) Sexo Feminino 07: *“Sdds de quando vc dizia q eu era só sua e q nunca iria me abandonar q estaria ali cmg tds os dias para o q der e vinher mas olha hj vc não está cmg... E eu me pergunto pq essa ilusão toda? Pq tem q ser assim??”*

C9) Sexo Feminino 08: *“ Pq Deus Coloca Pessoas Na Nossa Vida E Derrepente Alguem Chega Lá E Tira?Pq As Pessoas Boas São As Que Mais Ferram?Pq Julgam Tanto Sem Saber Oq Se Passa Por Dentro D Cada Um?Diz Que Somos Novos E Que Nn Temos Motivos Pra Sofrer,Mais Todo Ser Humano Sente Dor Não Importa A Idade...Pq Não Me Devolvem Minha Paz Que Roubaram D Mim”*

C10) Sexo Feminino 09: *“Pq As Pessoas Sentem Prazer Em Tratar Mau Aos Outros? Pq Elas Gostam De Iludir, Sabendo Q Dps A Outra Vai Sofrer Pra Caramba? Pq Eles Fazem Isso? Pq As Pessoas Não Amam Uns Aos Outros? Pq? Pq? Nada Tem Respostas! ”*

C11) Sexo Masculino 02: *“Será que vou ser feliz? Ter um amor tão verdadeiro? E que não me machuque? ”*

C12) Sexo Feminino 10: *“Sdds Dos Tempos Passados De Pessoas Sdds De Ter Todos Pertto De Mim (emoticon chorando) ”*

C13) Sexo Feminino 11: *“Eu não aguento mais minha mente me torturando. Sério não aguento mais! ”*

C14) Sexo Feminino 12: *“Só quero ser feliz uma última vez (emoticon triste) ”*

C15) Sexo Feminino 13: *“Eu penso em coisas ruins no final do dia.”*

C16) Sexo Feminino 14: *“eu,e acho que todo mundo ja disse foda-se pra tudo para o que os outros pensam ou falam ,mais depois de qualquer decepção,eles(a) so se importam com o que os outros pensam e falam ,por isso que eles não seram mais felizes ,não faça o que os outros querem faça o que voce quer eles gostando ou não a vida é sua não deles....”*

C17) Sexo Feminino 15: *“Deus Te ama e smp será fiél a ti! (emoticons apaixonado e piscando) ”*

C18) Sexo Feminino 16: *“O q realmente e o amor? Como entender? ”*

P83	<p>C1) Sexo Feminino 01: <i>“Qual e essa musica? ”</i> Sc1) Administrador(a) da página: <i>“Dollhouse- Melanie Martínez”</i></p> <p>C2) Sexo Feminino 02: <i>“Amo dms (emoticons de coração) ”</i></p> <p>C3) Sexo Feminino 03: <i>“Melanieeee!!<3<3”</i></p>
P86	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Nome do livro? ”</i>
P90	C1) Sexo Feminino 01: <i>“ (emoticons de coração partido e folha) ”</i>
P96	C1) Sexo Feminino 01: <i>“E vira sua única amiga. ”</i>
P97	<p>C1) Sexo Feminino 01: <i>“Essa cena acabou cmg (emoticon chorando) ”</i></p> <p>C2) Sexo Feminino 02: <i>“ (emoticon triste) ”</i></p>
P100	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Issuh Já Acontecei Cm Mg (emoticon chorando) ”</i>
P104	<p>C1) Sexo Feminino 01: <i>“Música? ”</i></p> <p>Sc1) Administrador(a) da página: <i>“não vou mais fresno s2”</i></p>
P107	C1) Sexo Feminino 01: <i>“Há muito tempo (emoticon de coração partido) link de endereçamento com nome masculino”.</i>
P113	C1) Sexo Feminino 01: <i>“ Fizeram (emoticon de coração) ”</i>
P124	<p>C1) Sexo Feminino 01: <i>“Eu amo esse post, eu sofro por macho Kklklkjiji”</i> Sc1) Sexo Feminino 02: <i>“Que nojinho”</i></p> <p>C2) Sexo Feminino 03: <i>“*link de endereçamento com nome masculino* só queria ser bonita para ele gostar de mim (emoticon de boneco pensativo e coração partido) ”</i></p> <p>Sc1) Sujeito endereçado 01: <i>“Pero vs cos os linda hermosa co sos krj”</i> Sc2) Sexo Feminino 03: <i>“ (sequência de três emoticons pensativos) ”</i> Sc3) Sujeito endereçado 01: <i>“La, mas hermosa de todas krj (emoticons de força, coração e risada) ”</i> Sc4) Sexo Feminino 03: <i>“Para vos (emoticon de boneco pensativo) ”</i> Sc5) Sujeito endereçado 01: <i>“Para todos atu (emoticon de rosto sério) ”</i> Sc6) Sexo Feminino 03: <i>“Ñ”</i> Sc7) Sexo Feminino 03: <i>“ (emoticon de coração partido) ”</i></p> <p>C3) Sexo Feminino 04: <i>“*Link de endereçamento com nome feminino* Qnts vezes agnt ja penso assim cara”</i> Sc1) Sujeita endereçada 01: <i>“kkkk vdd”</i></p> <p>C4) Sexo Feminino 05: <i>“*Link de endereçamento com nome feminino* A bad ta grande hj ”</i></p> <p>C5) Sexo Feminino 06: <i>“Não importa a blz i sim o coração”</i></p> <p>C6) Sexo Feminino 07: <i>“ (emoticons tristes) ”</i></p> <p>C7) Sexo Feminino 08: <i>“ (emoticon chorando) ”</i></p>

P127	<p>C1) Sexo Feminino 01: “às vezes cansa.. é isso!! <u>*Link de endereçamento com nome masculino*</u>”</p> <p>Sc1) Sujeito endereçado 01: “ (sequência de emoticons de tristeza, cansaço e coração partido) ”</p>
P129	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Bom, eu tento <u>*link de endereçamento com nome masculino*</u>”</p> <p>Sc1) Sujeito endereçado 01: “Idem (emoticon de coração) ”</p>
P134	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Caraca”</p>
P135	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Anime? ”</p>
P139	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Já sim (emoticon de cansaço) ”</p> <p>C2) Sexo Feminino 02: “ Sim (emoticons de choro e de cansaço) ”</p>
P141	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Qual o nome desse clipe mesmo? ”</p>
P143	<p>C1) Sexo Feminino 01: “É verdade !!!! (emoticon triste) ”.</p>
P153	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Preciso desabafar, pfv.. Deixem números para eu chamar no whats.... Preciso muito (emoticons de coração partido e choros) ”</p> <p>Sc1) Administrador(a) da página: “<u>número de telefone</u>”</p>
P156	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Vdd.... Sempre assim...”</p>
P164	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Alguém pode me dizer se isso é um dorama??”</p>
P177	<p>C1) Sexo Feminino 01: “sonho”</p> <p>C2) Sexo Feminino 02: “*link de endereçamento com nome masculino* saudades de você (emoticons triste, de coração partido, coração e apaixonado) ”</p>
P181	<p>C1) Sexo Feminino 01: “Euu”</p>
P187	<p>C1) Sexo Feminino 01: “<u>*link de endereçamento com nome masculino*</u> quando você dormir aqui e não me der atenção eu faço isso (emoticon de coração) ”</p> <p>Sc1) Sujeito endereçado 01: “Kkkkk q fofinho (emoticons de coração) ”</p> <p>Sc2) Sexo Feminino 01: “Né kkk (emoticons de coração) ”</p> <p>C2) Sexo Feminino 02: “ei faço isso tbm”</p>
P193	<p>C1) Sexo Feminino 01: “ (emoticon triste) ”</p>

ANEXO III

Tabela de Frequências (Categorias de Análise)

Categorias	Subcategorias	Postagens		
		Imagem Gif/Vídeo	Mensagem (Texto)	Comentários
1) Morte e Suicídio	1.1) Referências à morte	P21, P22, P91, P105	P21, P23, P40, P105, P114, P138, P143 ;	Nenhum
	1.2) Conteúdos Suicidas	P55, P67, P127, P171, P172, P174, P196	P18, P19, P27, P29, P31, P41, P45, P75, P91, P96, P107, P110, P114, P130, P168, P171, P172, P180, P183, P196	P48 (C1), P65 (C3)
2) Manifestações Sintomáticas	2.1) Tristeza e Sofrimento	P4, P6, P8, P16, P28, P32, P41, P52, P54, P58, P60, P61, P64, P66, P78, P82, P96, P97, P103, P107, P110, P124, P135, P140, P141, P142, P144, P162, P165, P170, P172, P175, P176, P180, P193, P198;	P8, P37, P39, P44, P45, P54, P58, P59, P82, P89, P95, P112, P139, P146, P147, P152, P153, P156, P166, P167, P172, P182, P183, P185, P192, P198;	P64 (C1); P65 (C1); P79 (C4, C9, C10, C14);
	2.2) Pessimismo e Desesperança	Nenhum	P9, P18, P22, P32, P34, P49, P55, P58, P60, P71, P84, P95, P96, P104, P108, P131, P145, P150, P155, P157, P170, P180, P186, P189, P197;	P60 (C1); P73 (C1); P79 (C1, C2, C9);
	2.3) Solidão e Isolamento	P32, P58;	P1, P8, P14, P24, P27, P30, P47, P53, P58, P89, P147, P152, P156, P157, P160, P185;	P65 (C1), P96 (C1);
	2.4) Desajuste	Nenhum	P1, P18, P27, P30, P48, P51, P58, P63, P68, P132, P143, P148, P155, P157, P158, P172, P180, P185;	P1 (C1,C2)
	2.5) Esgotamento	P50, P101;	P18, P37, P87, P88, P121, P127, P152, P180, P181, P182, P198;	P79 (C3, C6, C13);
	2.6) Transtornos Psiquiátricos e Uso de Substâncias	P14, P15, P24, P37, P63, P96, P119, P120, P125, P141, P169, P194;	P42, P96, P159, P194;	Nenhum
	2.7) Esquiva	P69;	P18, P31, P47, P48, P62, P69, P75, P126, P153, P159;	P64 (C1), P79 (C1);
	2.8) Automutilação	P14, P73, P113, P117, P120, P125, P193;	P7, P75, P118, P136;	
3) Fatores Estressores	3.1) Amor e Relacionamentos	P113, P164, P174, P177, P187;	P12, P16, P17, P46, P70, P72, P80, P81, P94, P99, P100, P103, P109, P122, P126, P134, P143, P169, P174, P178, P184, P186, P194;	P69 (C1), P72 (C1, C2, C4, C5, C6), P72 (C2), P79 (C4, C7, C8, C10, C11, C16, C18), P79 (C11, C18), P124 (C1), P177 (C1);
	3.2) Abandono e Rejeição	P25, P144;	P6, P20, P25, P27, P30, P32, P89, P94, P99, P100, P103, P112, P133, P136, P143, P154, P172;	P65 (C1); P69 (C1); P79 (C8, C9, C12);
	3.3) Ideais Estéticos	P15, P42, P111, P119, P125, P158, P179;	P27, P54, P98, P111, P114, P123, P124, P158, P179, P191;	Nenhum
4) Fatores de Proteção	4.1) Suporte, Acolhimento e Mensagens Motivacionais	P16, P33, P69, P173;	P33, P56, P57, P79, P85, P86, P98, P111, P123, P128, P129, P173, P179, P190;	P48 (C1); P54 (C1); P67 (C1); P72 (C2); P79 (C16, C17); P153 (C1-SC1);

Categorias	Subcategorias	Postagens		
		Imagem Gif/Vídeo	Mensagem (Texto)	Comentários
5) Cibercultura	5.1) Cultura Pop	P39, P43, P46, P47, P48, P51, P57, P59, P62, P63, P67, P68, P78, P81, P82, P83, P85, P88, P89, P92, P93, P97, P98, P103, P104, P106, P108, P109, P110, P122, P126, P128, P130, P132, P133, P134, P135, P140, P141, P142, P145, P148, P149, P151, P152, P154, P160, P161, P165, P166, P169, P170, P173, P175, P178, P180, P183, P189, P190, P191, P192, P195, P198;	P19, P33, P62, P83, P85, P86, P98, P104, P128;	P19 (C1-Sc1; C2-Sc1; C3-Sc1; C4-Sc1 e C5- Sc1); P33 (C2 e C3); P62 (C1-Sc1); P67 (C2); P80 (C3); P83 (C1-Sc1 e C2); P86 (C1); P104 (C1-Sc1); P135 (C1); P141 (C1); P164 (C1);
	5.2) Simulacro	P3, P36, P52, P147, P161, P172, P176;	P11, P13, P18, P19, P28, P29, P36, P38, P39, P83, P88, P93, P110, P116, P121, P142, P151, P156, P172, P181, P183;	P79 (C3);